

UFRRJ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGPSI
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO

**A memória na contemporaneidade:
uma leitura freudiana**

Wallace da Costa Brito

2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**A MEMÓRIA NA CONTEMPORANEIDADE:
UMA LEITURA FREUDIANA**

WALLACE DA COSTA BRITO

**Sob orientação da Professora
Dra. Fernanda Canavêz de Magalhães**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Psicologia conferido pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Seropédica/RJ
Julho de 2017

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B862m

Britm

BRITO, Wallace da Costa, 1975-
A memória na contemporaneidade: uma leitura
freudiana / Wallace da Costa **BRITO**. - 2017.
154 f.

Orientadora: Fernanda Canavêz de Magalhães.
Dissertação (Mestrado). - Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, 2017.

1. Memória. 2. Modernidade. 3. Cultura
Contemporânea. 4. Freud. 5. Psicanálise. I. Canavêz de
Magalhães, Fernanda, 1982-, orient. II. Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação
em Psicologia. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

WALLACE DA COSTA BRITO

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Psicologia no Curso de Pós-Graduação em Psicologia.

Dissertação aprovada em 05 de julho de 2017 (data da defesa)

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Professora Dra. Fernanda Canavêz de Magalhães
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Professora Dra. Regina Herzog de Oliveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor Dr. Gilberto César de Noronha
Universidade Federal de Uberlândia

Dedicatória

*Ao meu pai, Nelson Fernandes de Brito (in memoriam)
A minha mãe, Edneia da Costa Brito*

A Síria e Victoria.

O carinho, a força e o apoio de vocês, tanto nas datas antigas como nas mais recentes, foram essenciais.

AGRADECIMENTOS

Em primeiríssimo lugar agradeço à brilhante professora dra. Fernanda Canavêz de Magalhães que orientou a produção deste trabalho com primor, leveza e alegria – algumas das suas inconfundíveis peculiaridades –, proporcionando que sua elaboração fosse repleta de descobertas e entusiasmo.

Aos professores dr. Gilberto César de Noronha e dra. Regina Herzog de Oliveira por suas inspiradoras e preciosas contribuições.

Ao professor dr. Pedro Moacyr Chagas Brandão Junior por sua presença encorajadora e atencioso incentivo.

À colega Livia Machado da Silva, da turma 2015/2017 do Mestrado em Psicologia da UFRRJ, por tão agradável convivência, inquietações e ideias compartilhadas.

Também aos caros colegas da mesma turma, em especial: Adelzita Valéria Pacheco de Souza; Aline Maia; Amanda Ayres; Anna Maria San Tiago; Cecília Rocha; Elen Franklim; Fernanda Calabar; George Pinto; Geruza Valadares Souza; Luis Paulo Lopes Brabo; Maria Rita Sales Régis; Nayara Gomes; Raphael Ávila; Thaissa Kratochwill e Victor Freitas pelos inesquecíveis momentos de encontro e diálogo.

Aos professores dra. Lilian Maria Borges; dr. Nilton Sousa da Silva; dr. Ronald Clay dos Santos Ericeira e dra. Valéria Marques de Oliveira do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRRJ. Ao professor dr. Ricardo José Bottecchia, colaborador da UFRRJ. Também aos professores dra. Sofia Débora Levy, dr. Ricardo Salztrager e dr. Francisco Ramos de Farias, do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO. A todos agradeço pela acolhida e motivação.

Aos amigos antigos de tantas horas: Luiz Pontes; Marcia Cazer Fernandes; Ana Beatriz Moreira Bastos; Dalvina Batalha da Costa; Déa Damazo Gutiérrez; Roberta Fernandes Mota; Maria Celeste Conceição; José Abdenes Silva; Robson da Costa Barbosa e Patrícia Campos Cerqueira. Também aos amigos mais recentes dos estudos em psicologia: Vera Lúcia Pereira Lima; Marcelo da Fonte Reis; Reis; Graciele dos Santos Silva Freitas Régis; Josefa de Barros Reis; Alexandre Junger Tebaldi; Rogéria Ferreira; Anderson Máximo; Felipe Barbosa; Amanda Cardoso da Silva Rangel; Rodrigo Mendes; Vera Lúcia Miranda e Vanda Vasconcelos. A todos sou grato pela estima e apreço de sempre.

Aos professores dr. Acyr Maya; dr. Adriano Arnóbio; dr. Diogo Cesar Nunes da Silva; dr. Edimilson Duarte de Lima; dr. Fábio Montalvão Soares; ms. Jardinete Tavares; ms. Mônica Carvalho; dr. Róbson de Paula; dr. Sérgio da Costa Oliveira; dra. Silvana Bagno; ms. Suelen Carlos de Oliveira que, nos tempos da Graduação em Psicologia pela Uniabeu Centro Universitário, prestaram recorrente incentivo.

Sou também muitíssimo grato pelo valoroso apoio dado por Carlos Eduardo da Cruz Seares; Maria Izabel Holanda Daibert, bem como a Ana Cristina Alves Martins; Ana Lúcia Rodrigues de Almeida Dib; Aureo Fernando Baccaro; Elídia Maria de Souza Cezario; Gleide Banus Barboza Bruno; Margareth Regina do Nascimento; Maria Andrea Azevedo de Oliveira; Naiá Gitahi de Souza; Talita Silva de Almeida Rabiço Macedo. E, ainda, a Miyuki Yamamura Magalhães; Edson Luiz Pinto Gomes; Eli Gomes Novaes; Jane Paes Leme; Fábio Moreira; Dalva Lúcia Assis de Souza e Efigênia dos Santos Ferreira. Por fim, também agradeço a Amarildo Jesus da Silva Junior; Edylaine dos Santos Salucci; Leonardo Coelho Melo; Nathália Cruz dos Santos; Thaiany Gualberto de Oliveira e Thaís Nascimento da Silva. Todos, de diferentes maneiras, contribuíram para que este trabalho pudesse se realizar.

Pensar incomoda como andar à chuva
Quando o vento cresce e parece que chove mais.
Fernando Pessoa

RESUMO

Brito, W. C. (2017). *A memória na contemporaneidade: uma leitura freudiana* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/RJ.

Trata-se de trabalho de natureza teórico-conceitual que objetiva investigar a memória em Freud, extraindo leituras para pensar sobre a memória na contemporaneidade. Parte-se, para a consecução desse objetivo, da construção do cenário de nosso tempo – o contemporâneo – como marco situacional. Em seguida, faz-se uma leitura acerca da memória na teoria freudiana a partir de textos de sua fase inicial. Dentre as questões concernentes ao sujeito pesquisadas por Freud, o tema da memória se desvela como necessário, constituindo um elemento expressivo para explorar as questões teórico-clínicas com as quais se defronta. Na teoria freudiana a memória se caracteriza pela multiplicidade, uma vez que se compõe pelas dimensões inconsciente e consciente. No debate sobre a cultura contemporânea estão em jogo formas de subjetivação nas quais a memória comparece como parte das recentes transformações sociais, legitimando o seu estudo para a compreensão de nosso tempo. A este propósito, as formulações freudianas contribuem significativamente para pensar sobre a memória tanto no contexto de surgimento da psicanálise, quanto na atualidade. Sob lentes freudianas, aliás, a relação entre os temas da memória e do trauma mostra-se fecunda para a compreensão da cultura contemporânea.

Palavras-chave: memória; modernidade; contemporaneidade; Freud.

ABSTRACT

Brito, W. C. (2017). *Memory in contemporaneity: a Freudian reading*. (Master's Thesis). Institute of Education, Graduate Program in Psychology, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica/RJ.

It is a work of theoretical-conceptual nature that aims to investigate memory in Freud, extracting readings to think about memory in the contemporaneity. In order to achieve this goal, we set out to construct the scenario of our time - the contemporary - as a situational mark. Then, a reading about memory in Freudian theory is made from texts from its initial phase. Among Freud's questions concerning the subject, the subject of memory is revealed as necessary, constituting an expressive element for exploring the theoretical-clinical issues with which it is meets up. In Freud's theory memory is characterized by multiplicity, since it is composed of the unconscious and conscious dimensions. In the debate on contemporary culture are at stake forms of subjectivation in which the memory appears as part of the recent social transformations, legitimizing their study for the understanding of our time. In this regard, Freudian formulations contribute significantly to thinking about memory both in the context of the emergence of psychoanalysis and in the topicality. Under Freudian lenses, moreover, the relation between the themes of memory and trauma is fruitful for understanding of contemporary culture.

Key words: memory; modernity; Contemporaneity; Freud.

SUMÁRIO

Introdução: INQUIETAÇÕES ACERCA DA MEMÓRIA	11
1. Capítulo I: CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEMÓRIA NA CULTURA CONTEMPORÂNEA	26
1.1. Sobre o contemporâneo	29
1.2. Em memória do século XX	34
1.3. Modos de subjetivação contemporâneos	48
1.4. Sobre a tecnologia digital	60
1.5. Esboço sobre a memória na contemporaneidade	67
2. Capítulo II: A MEMÓRIA NA MODERNIDADE: UMA LEITURA FREUDIANA	69
2.1. Freud, psicanálise e memória	70
2.2. A memória no <i>Projeto para uma psicologia científica</i>	80
2.3. <i>Carta 52</i> : um passo a mais nas asserções sobre a memória	95
2.4. O fenômeno do <i>esquecimento</i> e seu mecanismo psíquico	106
2.5. As lembranças encobridoras	111
2.6. Apreciações transitivas sobre a memória em Freud	119
Considerações finais: ARTICULAÇÕES ENTRE MEMÓRIA E TRAUMA	123
Referências	144

- Introdução -

INQUIETAÇÕES ACERCA DA MEMÓRIA

Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos.
Sem memória não existimos, sem responsabilidade, talvez não mereçamos existir.
José Saramago

A memória é tema que atualmente vem despertando interesse e recebendo atenção nos mais diversos ramos de pesquisa e frentes de atuação. Assmann (2006/2011), por exemplo, atesta que a memória se encontra presente em diversas disciplinas, transcendendo, por isso mesmo, qualquer das suas formas de abordagem. Disso resulta que, como objeto de estudo, a memória carrega a marca da multiplicidade, mostrando-se multifacetada. Podemos então encontrar uma profusão de interpretações e compreensões acerca do assunto em várias áreas do saber (psicologia, psicanálise, filosofia, história, sociologia, antropologia, arte, literatura, dentre outros). Isso se amplia mais ainda quando percebemos que há inúmeros estudiosos dedicados à sua investigação no interior de cada um desses campos.

O objetivo primordial do presente estudo consiste em investigar a memória em Freud, buscando extrair leituras freudianas para pensar sobre a memória na contemporaneidade. Entendemos que o pensamento freudiano se configura como uma forma ímpar de reflexão acerca da subjetividade moderna, balançando as premissas presentes na sociedade de então. A psicanálise se constitui em ruptura com os saberes encontrados em seu contexto, construindo um lugar próprio. Segundo Garcia-Roza (2008), em termos epistemológicos, ela não se mostra contínua com qualquer saber de então, mas em termos arqueológicos é possível afirmar sua ligação com saberes sobre o homem formados desde o século XIX. O conceito de inconsciente e toda a formulação teórica decorrente dessa nova abordagem marca a originalidade desse pensamento. O sujeito, nessa teoria, é eminentemente clivado, isto é, não está concebido como uma totalidade unitária em que a consciência e a razão ocupam o lugar primordial. Ao contrário, dois sistemas dividem o sujeito – o Inconsciente e o Pré-consciente/Consciente, havendo entre eles um embate em que a razão se exhibe como o que há na superfície.

Nesse sentido, Garcia-Roza (2008) destaca que a virada promovida pela teoria inaugurada por Freud é significativa em relação aos saberes modernos. Na filosofia, por exemplo, apresentavam-se concepções generalistas que terminavam ignorando o sujeito. De tal maneira que mesmo quando apontava para o eu não remetia a uma existência concreta. Na

teoria e prática psicanalíticas, diversamente, a pretensão colocada é abordar o homem enquanto ser singular, escutando o que este enuncia em sua própria narrativa, perguntando pelo sujeito do desejo não visado pelos discursos filosóficos modernos. Não se trata, porém, de pensar que o inconsciente remeteria ao caos e o consciente à ordem, pois o que se concebe são duas ordens claramente diferentes em que toma relevo a lógica do desejo, isto é, aquela que motiva o inconsciente.

Segundo Birman (2006), a teoria psicanalítica, por Freud, empreende uma crítica à modernidade e seus pressupostos pelo mal-estar subjetivo gerado. Em que consiste esse mal-estar? Enfatizamos de forma sumária na leitura que o autor empreende da teoria freudiana, que a modernidade engendra a *morte de Deus* e a humilhação da figura paterna, acarretando o desamparo às subjetividades. O mal-estar presente na civilização decorreria desse sentimento de desamparo, ocasionando a irrupção das doenças nervosas modernas tão enfatizadas por Freud. E o masoquismo é o que há subjacente na modernidade, uma vez que, para evitar o desamparo, os sujeitos se colocariam de modo servil aos outros, esperando com isso receber proteção e segurança. Com a modernidade e o centramento do eu e da consciência, a subjetividade oscila entre o desamparo e a onipotência (autossuficiência). O eu como fundamento do mundo constrói uma moral do egoísmo. Nesse contexto, a psicanálise se posiciona como uma tentativa de resposta a esse mal-estar, configurando-se como uma crítica sistemática do ideal moderno de civilização e suas impostas presunções. Por isso, Freud se coloca a investigar as questões concernentes ao sujeito¹ e à cultura moderna, construindo um sistema de pensamento original frente aos discursos teóricos de sua época, não só os do campo filosófico, mas em especial aqueles científicos provenientes, sobretudo, das teorias médicas e psicológicas de então.

No interior das questões concernentes ao sujeito pesquisadas por Freud o tema da memória se mostra necessário. Em sua formulação teórica *pari passu* com seu trabalho

¹ *Indivíduo* é um termo do século XVI, identificado por Cunha (2010) como proveniente do latim *individuum*, que mantém relação com a expressão dividir, assinalando justamente o oposto desta, uma vez que se refere a algo que não é passível de divisão. De acordo com Japiassu e Marcondes (2000), o vocábulo significa corpo indivisível, remetendo a tudo que se afigura como uma unidade que, no caso de qualquer divisão, teria sua condição básica deturpada. *Sujeito*, enquanto isso, como especifica Cunha (2010), tem base no latim *subjectus*, também do século XVI, sinalando aquele que sofre sujeição. Japiassu e Marcondes (2000) descrevem essa palavra como alvo de inúmeras conceituações na filosofia, já na metafísica clássica com Aristóteles. Na modernidade, desde Descartes, ganha cada vez mais destaque, recebendo considerações específicas nos mais diversos filósofos modernos. Na psicanálise, não indivíduo, mas sujeito é o termo de uso priorizado, adquirindo uma conceituação peculiar com a qual trabalhamos neste texto, isto é, não como uma unidade indivisa, mas clivada, uma vez que está marcado pela divisão em dois grandes sistemas (Inconsciente e Pré-consciente/Consciente). Nesse caso, seu sentido é direcionado fundamentalmente ao Inconsciente. Por isso, é oportuno esclarecer que o termo indivíduo é mencionado sempre em referência à sua evocação tanto no âmbito como no sentido próprio do pensamento dos diversos autores com os quais dialogamos.

clínico, os problemas e relações entre o lembrar e o esquecer, o ontem e o hoje, o vivido e o fantasiado, entre quem se foi e se é tornaram-se relevantes para a compreensão do sujeito e da cultura dentro da qual este se constitui. Em razão disso, para pensar sobre a memória na contemporaneidade, postulamos que as formulações freudianas podem fornecer relevantes pistas e contribuições.

Como escreve Sibilía (2016a), na contemporaneidade, as compreensões sobre o passado, a oscilação entre as técnicas para lembrar ou a incômoda apreensão do espectro do esquecimento repercutem nos modos de constituição dos sujeitos. Assim, tem sido frequente nos depararmos com fenômenos que nos remetem à questão da memória. E estes precisam ser examinados com o devido cuidado – como é nossa pretensão. Notamos que tem sido comum modos de ser que demonstram intensa imersão no presente em detrimento do passado ou, diferentemente, como uma resposta a tal fato, tentativas de valorizar o passado que se dão exatamente porque haveria uma suposta ameaça de perda total e irrecuperável do que passou.

Para mencionar apenas alguns exemplos, em relação ao primeiro modo acima mencionado, muitos sujeitos expressam que têm observado em si mesmos uma incidência do esquecimento no que se refere aos afazeres cotidianos, atribuindo tal ocorrência à intensa agitação com que se defrontam na vida contemporânea. Assim, falam da necessidade de lidar com inúmeros compromissos e da “exigência” de absorver e dar conta da grande quantidade de informações que não cessam de chegar a cada novo dia. Nesse sentido, muitos sujeitos dizem vivenciar uma sensação de passagem vertiginosa do tempo pela qual sobressai o que se vive agora, desconsiderando-se o que passou ou colocando-o em plano secundário. O que também pode ser observado em algumas matérias jornalísticas encontradas na *internet*, dentre as quais, a título de exemplo, destacamos duas: *Tempo: cada vez mais acelerado* (Gwercman, 2005) e *A angústia do (nosso) tempo* (Duarte, 2014). Em se tratando do ambiente acadêmico podem ser verificadas recentes pesquisas relativas ao assunto nas mais diversas áreas do saber, que ilustramos nos vídeos² *Tempo, trabalho e subjetividade* (Giannini, 2011) e *Tempo e aceleração social na hipermodernidade* (Giannini, 2012).

Quanto ao segundo modo supramencionado, sujeitos, grupos e instituições, ao perceberem na sociedade contemporânea a força sedutora do agora em detrimento do passado, tomam iniciativas que remetem ao que passou como tentativa de chamar a atenção para sua importância e imperiosa valorização (Assmann, 2006/2011). Podemos encontrar tal forma de pensar e agir na arte, na literatura, na arquitetura, em pesquisas acadêmicas etc. O número

² Trabalhos produzidos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

crescente de publicações biográficas e o interesse que elas despertam se situam nesse contexto³. Outrossim, os museus e galerias culturais são espaços especialmente dedicados, entre outras coisas, à valorização do passado, resgatando-o e tentando resguardá-lo.

Também assistimos à descrição do funcionamento da memória atribuída a uma parte do corpo amplamente mencionada (o cérebro), de modo que é até mesmo possível falar na abordagem de um sujeito cerebral, conforme Ehrenberg (2009). Este autor nos aponta que a neurobiologia vem tornando banal a assimilação de que o cérebro conservaria em si a chave para o entendimento do sujeito. Ehrenberg (2009) sublinha que as neurociências vêm se mostrando em diversas publicações científicas como o suposto futuro da psiquiatria. Visam tais pesquisas à compreensão dos mecanismos das células e moléculas com a pretensão de ser alcançada uma intervenção sobre o cérebro que seja capaz de alterar os estados da mente.

Também podemos observar a menção ao cérebro em inúmeras matérias jornalísticas que o abordam em relação aos mais diversos temas, dentre eles, a memória. A título de exemplo, o Programa Fantástico da Rede Globo exibiu uma matéria intitulada “Veja as dicas para preservar a memória e turbinar o cérebro”⁴. Nesta, o repórter afirma a necessidade de se voltar a uma *memória que trazemos de fábrica que pode, em suas próprias palavras, ser encontrada no cérebro e que não pode falhar*. No vídeo há uma entrevista com o neurocientista argentino radicado no Brasil, Ivan Isquierdo, que *oferece três dicas para começar no lucro*, quais sejam, 1- *Não consumir bebida alcoólica ou consumi-la somente em doses reduzidas*; 2- *Dormir bem, descansar*; 3- *Ler, ler muito*. No entanto, não há detalhes nem considerações mais elaboradas sobre essas recomendações, haja vista o caráter célere e curto da exibição. E a matéria, na sequência, ainda expõe o que chama de *técnicas para transformar seu cérebro em um supercérebro*. Além da perspectiva estritamente biologicista com que a memória é abordada na reportagem, também nos chama a atenção o uso de palavras convergentes com o domínio exercido pelo capitalismo, sistema que encontra na linguagem um poderoso canal de expansão. Por exemplo, *turbinar o cérebro; memória que trazemos de fábrica; não pode falhar; lucro*. Não faltam reportagens televisivas nem matérias em revistas impressas que tratam o tema a partir de semelhante perspectiva.

³ Ao consultar o Portal de periódicos CAPES/MEC, em novembro de 2016, constatamos o registro de mil e setenta e cinco artigos científicos, nos idiomas português, espanhol, francês e inglês, de diversas áreas do saber, cujo tema biografia figurava no título ou subtítulo das publicações. Confira: <http://www.periodicos.capes.gov.br>. No mesmo período, ao consultar o Google Acadêmico, verificamos que os registros disponíveis que contêm a palavra biografia, seja no título, subtítulo ou no corpo do texto sinalizaram quatro mil cento e noventa trabalhos publicados. Para maiores detalhes, veja: <https://scholar.google.com.br>.

⁴ Matéria exibida no Programa Fantástico da Rede Globo, no dia 19 de fevereiro de 2012. Para assistir acesse: <http://g1.globo.com/fantastico/videos/t/edicoes/v/veja-dicas-para-preservar-a-memoria-e-turbinar-o-cerebro/1820324/>.

Nessa concepção, uma memória supostamente eficiente ou precária dever-se-ia à configuração orgânica que resultaria tanto na capacidade como no modo de funcionamento cerebral. E aqui podemos notar tratar-se de uma concepção que encontra difusão nos mais diversos ambientes, devendo-se sua popularização, em grande parte, ao cientificismo, isto é, à ideia de que a ciência é ou ainda será capaz de responder todas as questões e problemas humanos, mostrando-se como um campo de saber superior a qualquer outro. Em grande parte, tal forma de pensar se vincula às ciências da natureza, havendo a prevalência da biologia e a consequente difusão da explicação dos mais diversos fenômenos como restritos a essa disciplina. Numerosos estudos apontam essa questão, dentre os quais, mencionamos Faria e Matos (2015) e Mollo (2015). Essa compreensão se soma à influência de discursos de alguns vieses psicológicos que invadem o cotidiano. Rose (2008), por exemplo, refere-se a esses dizeres como manifestações envolvidas em uma espécie de disputa, na qual o saber/discurso biológico parece estar, nas últimas décadas, suplantando a importância que o saber/discurso psicológico alcançou em âmbito social ao longo do século XX. Nessa direção, notamos que expressivo número de sujeitos têm falado sobre a memória ou sobre o funcionamento psíquico em geral com expressões do tipo: “Meu cérebro falhou..., mudou..., lembrou..., esqueceu..., apagou..., acordou..., está dormindo..., está cheio..., me enganou...”, entre outras.

Também presenciamos que à memória muitos se referem como uma capacidade cognitiva de registro e acúmulo de conhecimentos em vista dos estudos para disputar um lugar nos postos considerados os melhores no mundo do trabalho. Assim entendida, almeja-se expandir o arsenal de registros cognitivos para obter melhor desempenho frente aos eventuais concorrentes. Nesse caso, pode até ser bem-aceita a ingestão de substâncias que prometem elevar tal capacidade, bem como a promoção de cursos que oferecem treinamento para o suposto controle e fortalecimento da memória.

Curiosamente, existe até mesmo um Campeonato Mundial de Memória (*World Memory Championships*)⁵. A competição é chamada pelos organizadores, participantes e entusiastas de *esporte mental* cuja finalidade é colocar em disputa concorrentes que devem demonstrar até que ponto são capazes de reter o maior número de informações em certo limite de tempo. Esse campeonato ocorre regularmente todos os anos desde 1991. No Brasil, não faltam cursos que prometem o alcance de um nível elevado de funcionamento da memória. Vários deles são ofertados na *internet*. Um dos que exhibe forte divulgação é o de Renato Alves⁶, que se apresenta como o primeiro homem a receber o título oficial de *melhor memória do país* pelo

⁵ Sugerimos ao leitor a consulta ao site oficial em: <http://www.worldmemorychampionships.com/>.

⁶ O leitor pode consultá-lo em: <http://renatoalves.com.br/blog/>.

Rank Brasil. Para isso, ele afirma ter inventado e aplicado um método que passou a ser conhecido pelo seu nome próprio. O palestrante assegura ter transformado *em pouco tempo sua memória deficitária em uma hipermemória*. Alves tornou seu método um negócio em que vende cursos à distância, palestras presenciais e livros que ensinam técnicas de memorização. Em suas publicações aparecem temas como o controle deliberado da memória; o alcance da excelência em memorização; a blindagem da memória; a promessa de solução completa para a memória; o cérebro com foco e disciplina, dentre outros. Com essas proposições, a memória é diretamente atribuída à capacidade cerebral e considerada o *segredo dos gênios*.

Podemos notar, assim, que sua compreensão e atuação se situam, tal como na reportagem exemplificada, no interior de duas lógicas que eclodem na sociedade moderna e que continuam ativas, – ainda que apresentem novas configurações e ordenamentos –, exercendo grande influência na cultura. São elas: a lógica do Capital, primeiramente exposta e esmiuçada por Marx (1844/2004), ainda no século XIX, no período de consolidação e avanço da Revolução Industrial. Desde então, segundo o autor, os produtos em posse dos capitalistas passaram a ser exibidos em embalagens e catálogos, lojas e vitrines. Objetos apresentados com origem em marcas e divulgados por meio de *slogans*. Houve como consequências, desde então, a exclusão de quem os produziu, o trabalhador, e a hostilidade em face daqueles que não possuem condições de compra. A outra lógica é a do biopoder, que fora postulada por Foucault (1976/1999) e tem por significado uma forma de arbítrio sobre a vida direcionado eminentemente ao corpo como sede dos processos biológicos e à sua submissão ao ordenamento estatal através de estratégias políticas com a meta de alcançar certo desempenho corporal. O Estado passou a exercer seu poder por meio de uma visão que reduz o corpo à sua anatomia e biologia, bem como à sua condição individual e específica.

Ao observar tais fenômenos entendemos como pertinente a indagação sobre a constituição e funcionamento da memória, bem como sobre seu lugar na sociedade contemporânea. Essa é uma inquietação nossa que surge, inicialmente, com a leitura de um ensaio de Walter Benjamin escrito ainda na primeira metade do século XX: *Experiência e pobreza* (1933/2013). Embora esse texto não seja precisamente dedicado ao tema da memória mas ao da experiência, sua leitura nos suscitou pensar sobre o primeiro, bem como acerca do enredo que o envolve. É conhecido o fato de o pensador alemão criticar os rumos tomados pela civilização ocidental, sobretudo a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), evento por ele apontado como uma das mais monstruosas realizações humanas em toda a história. Os homens que regressaram dos campos de batalha chamaram-lhe a atenção por não conseguirem expressar em palavras o que haviam vivenciado. Mostravam-se mudos e, assim, precários em

experiências que pudessem ser divididas. Como observador atento dos acontecimentos e dos sujeitos em tal contexto, Benjamin (1933/2013) identifica certo empobrecimento da experiência. Sua análise nos conduz a pensar sobre o que restaria da ligação entre experiência, memória e narrativa, isto é, da vinculação entre a vivência de determinado evento com sua provável apreensão e assimilação, bem como sobre sua expressão pela fala – o contar histórias, partilhando-as ao longo do tempo.

Pereira (2009) afirma que o filósofo alemão fala de uma perda da autoridade da velhice no contexto de mudanças por ele observadas no século XX. Em meio a agitos em que a tradição estaria em franco declínio e a memória, enquanto algo fundamental a ser transmitido em palavras de uma geração à outra, não encontraria a durabilidade capaz de lhe assegurar. Sobre essa questão enunciada por Benjamin, Canavêz (2012) distingue como algo característico desse pensador sua insistência em demonstrar que o modo de narrar corrente durante séculos resta despedaçado com a modernidade, uma vez que o compartilhar experiências sofre forte abalo e declínio. A posição de Benjamin diante de tal constatação procura valorizar a narrativa não com apelo nostálgico diante do que passou, mas que seja capaz de enxergar as fissuras contidas nos traumas presentes no curso da modernidade. Podemos encontrar nesse comentário sobre o texto benjaminiano a interdependência entre experiência, memória e narrativa, tratando-se de uma complexa trama.

Por conseguinte, passamos então a vislumbrar a memória como objeto passível de articulação com outros tantos elementos. De nossa parte, a compreendemos como uma questão pertinente e necessária no interior do debate sobre a cultura contemporânea. A razão para isso é que atualmente estão em jogo formas de subjetivação nas quais a memória se compõe como um elemento que, assim como outros, não se mantém incólume face às recentes transformações sociais nem deixa de ocupar um lugar. Mas a que estamos nos reportando quando mencionamos o termo cultura contemporânea?

Como nos aponta Birman (2006), trata-se de uma discussão que vem se apresentando até o momento como controversa, uma vez que há autores que enxergam na atualidade cultural um tempo significativamente distinto daquele anterior (a modernidade), ao passo que outros descortinam diferenças internas no curso da própria modernidade que, segundo essa última perspectiva, ainda estaria em vigor. Por haver tal controvérsia podemos falar, grosso modo, em duas correntes predominantes em relação ao assunto, o que não significa a inexistência de outras interpretações que escapam aos dois campos predominantes nem tampouco quer dizer que não haja explicações notadamente peculiares em cada um dos expoentes de uma visão e de outra.

Na perspectiva clássica, notadamente afeita à história enquanto saber acadêmico, o entendimento da fronteira entre épocas baseia-se na constatação de que mudanças amplas e profundas ocorrem entre um período qualquer e o seguinte. Uma divisão até hoje utilizada no âmbito da história localiza o início da modernidade em 1453. O fato que serve de referência para a fixação dessa data, segundo Carr (1961/1982), é a tomada de Constantinopla pelos turcos. A esse evento seguiram-se nesse século e no posterior as Grandes Navegações e a Reforma Protestante. Tal período ter-se-ia estendido até a Revolução Francesa ocorrida em 1789, data que, por esse ponto de vista, teria marcado o início da chamada era contemporânea.

Como escrevem Japiassu e Marcondes (2006, p. 190): “A questão da modernidade caracteriza uma controvérsia contemporânea, envolvendo questões filosóficas de interpretação da sociedade, da arte e da cultura”. Os autores exemplificam a polêmica que envolve o assunto através da posição de dois filósofos, o francês Lyotard e o alemão Habermas. O primeiro se refere à história recente e atual como uma superação da modernidade, o que designa pelo termo condição pós-moderna. O segundo, por sua vez, defende que a modernidade permanece e deve ser continuada em seus projetos de valorização da razão crítica e emancipação do homem.

Para Lipovetsky e Charles (2004), mais do que a permanência da modernidade vem ocorrendo sua acentuação, fenômeno que descrevem a partir do conceito hipermodernidade, do qual destacamos três características: 1- *A não institucionalização*, que se manifesta pelo crescente desaparecimento dos referenciais externos (instituições), onde muitos sujeitos manifestam o desejo de viver de forma intensa e livre dos limites e normas institucionais. 2- *A não recorrência à tradição*, prática em que a recordação não é valorizada em si mesma, mas por seu valor de passa tempo e distração. Desse modo, volta-se para o antigo – em tom nostálgico – explorando-se os sentimentos e as lembranças com fins mercadológicos, reenquadrando o passado com um tom modernizante e por razões justificadas economicamente. 3- *A particularização na relação com o tempo*, que se dá no interior da dinâmica hiperindividualizante e leva ao afastamento dos demais e ao desejo de viver apenas em benefício próprio, encarando-se como necessário ligar-se, prioritariamente, ao presente, desfrutando-o. O futuro, por sua vez, também é alvo de preocupação e investido de certa tensão, tendo como subjacente um medo quanto ao que virá.

Com Bauman, sociólogo polonês que dedica grande parte dos seus estudos ao tema dos paradigmas culturais presentes no Ocidente, o termo pós-modernidade foi abordado (Bauman, 1997/1998), operando com uma distinção em relação à modernidade. Porém, em grande parte de suas obras, com destaque para aquelas mais recentes (Bauman, 2007), parece prevalecer a

ideia de continuação da modernidade que agora apresentaria diversos elementos novos. Assim, o autor aborda uma passagem na modernidade de uma fase anterior reconhecida como *sólida* para a atual, diferenciada como *líquida*. Segundo ele, a primeira esteve ativa desde os séculos XVI-XVII até o século passado, quando aponta o surgimento da segunda fase nos anos 1970, que passa a exibir novas configurações, tornando-se uma era de incertezas por ele nomeada como *tempos líquidos* (Bauman, 2007).

Birman (2006), como dissemos, aponta a existência de amplo debate sobre esse tema, mencionando diferentes leituras e abordagens. Segundo ele, estudiosos como Lyotard e Vattimo defendem que a modernidade se exauriu e, por isso, estaríamos vivendo sob uma era pós-moderna. Outros, porém, como Giddens, Beck e Balandier apontam para a continuação da modernidade, enfatizando, inclusive, a acentuação dos seus pressupostos. Não obstante essas diferenças, Birman (2006) nos fornece um valioso dado para a compreensão desse debate. As descrições e análises dos diversos estudiosos do tema não apresentam grandes diferenças, isto é, dispõem de elementos em comum e parecem ser muito mais próximas do que distantes. Ainda assim, o autor sublinha que é importante prestar atenção em quem fala e com que intenção quando tratamos desse tema.

Há quem entenda a cultura contemporânea nos termos de época histórica distinta àquela designada como moderna, localizando sua emergência no século XX. Para Batista (2007), por exemplo, os traços dessa época começam a ser definidos a partir da Primeira Guerra Mundial. Birman (2012), por sua vez, afirma que entre as décadas de 1920 e 1930 ocorre o que chama de fase terminal da modernidade em que novos circuitos culturais se encontravam já em ebulição, mas não ainda claramente constituídos, o que teria ocorrido nas décadas seguintes. Para Canavêz (2015a), são mais precisamente os anos subsequentes à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que assistem ao surgimento de uma era contemporânea, tomando como referência dois fatos marcantes do século XX: a Guerra Fria, que desencadeia novo ordenamento geopolítico, e a evolução tecnológica, que resulta na *internet*.

Esse tema, contudo, é marcadamente complexo e não encontra consenso entre os estudiosos que sobre ele se debruçam. Por isso, cumpre esclarecer que recorreremos aos termos cultura contemporânea ou contemporaneidade para tratar da cultura atual sem estabelecer qualquer forma de posicionamento rígido nem definitivo (nos termos de uma época no sentido estritamente histórico). Não obstante, notamos que o século XX trouxe significativas alterações na cultura que continuam efervescentes no curso do século atual. Assim sendo, importa esclarecer que nos posicionamos em relação à leitura do nosso tempo do seguinte

modo: a princípio, mostra-se plausível nos referirmos à atualidade⁷ nos termos de uma cultura contemporânea, mesmo sem aderir ao discurso que, de um modo ou de outro, opera com rígidas marcações de épocas e das passagens entre estas. Isso porque é notório o quanto, ao longo do século XX, ocorreram significativas mudanças culturais. Na conjunção dos seus mais diversos acontecimentos e fenômenos, dentre estes alguns, sem dúvida, mais notáveis como as Guerras Mundiais, a Guerra Fria, a ascensão das grandes mídias, a mobilidade tecnológica. Mas podemos também falar de um processo de alteração no cotidiano que talvez sem grandes alardes exerceu influência, atravessando o século, sobretudo, sua segunda metade.

Há, portanto, um debate entre os estudiosos que entendem a atualidade como a modernidade ainda vívida, agora com a acentuação dos seus pressupostos e os outros que, de modo distinto, a consideram como a emergência de uma época nova que conservaria em si vários dos pressupostos modernos, continuando-os, mas apresentando também novos elementos bastante significativos, próprios da segunda metade do século XX e em pleno vigor no XXI. Muito embora a discussão sobre haver ou não uma recente mudança de época seja tão interessante quanto instigante, destacamos que no presente trabalho o mais relevante é o reconhecimento dos fenômenos presentes nas últimas décadas e na atualidade – os modos de subjetivação encontrados nesse contexto e, fundamentalmente, as possíveis implicações para a memória. Faz-se necessária, então, uma abordagem sobre tais modos de subjetivação, uma vez que estes são próprios do tempo recente e atual.

Sendo assim, o itinerário traçado para esta investigação parte de um marco situacional do nosso tempo, ao qual nos referimos como contemporâneo, considerando em especial a perspectiva de Agamben (2009/2014). Em outras palavras, com o olhar atento para a dinâmica própria desse tempo identificada nos fenômenos que incidem sobre a formação dos sujeitos, visamos montar um *quebra-cabeça* da atualidade para pensar sobre a memória nesse contexto. Como estratégia para tal, tomamos como recurso para iniciar a reflexão sobre esse cenário o filme *Nós que aqui estamos, por nós esperamos* (Masagão, 1999), precisamente porque toma como seu alvo o século XX, caracterizando-se como um filme-memória desse período tão caro para a leitura da cultura contemporânea.

Após a contextualização, damos o segundo passo em direção a Freud, o autor através de quem buscamos tecer nossa leitura, posto que o reconhecemos como observador atento do seu tempo, ou seja, da sociedade moderna e dos sujeitos de então. Podemos notar que em Freud a

⁷ Esclarecemos que, por vezes, lançamos mão do vocábulo atualidade para designar a cultura contemporânea ou contemporaneidade.

memória se torna um elemento presente no conjunto mais amplo das investigações às quais se dedica. Desse modo, consideramos Freud como o teórico que delineia uma abrangente problematização acerca do sujeito em seu indelével entrelace com a cultura em voga. Defendemos que ele pode ser reconhecido dentro da perspectiva de contemporâneo tal como formulada por Agamben (2009/2014), uma vez que se caracteriza como personagem atento ao seu tempo, sem, contudo, deixar-se conter nele. Ao contrário, tanto o passado é recorrentemente trazido à cena em seus textos, nas citações e releituras dos mitos gregos, por exemplo, relacionando-os às questões com que se depara em seu trabalho teórico-clínico, quanto o futuro, pois, gradativamente, percebe que estava elaborando algo novo em relação aos demais saberes e práticas até então conhecidos.

Seu trabalho resulta em questões capazes de fomentar aprofundamentos e desdobramentos posteriores a partir da subversão que opera frente as premissas modernas de compreensão do sujeito, quais sejam, o autocentramento do sujeito no eu e na consciência (Birman, 2006); a consciência, a subjetividade, a experiência e a atividade crítica (Japiassu & Marcondes, 2006); a racionalização (Rouanet, 2003); a secularização, o desencantamento do mundo, a intelectualização, a instrumentalização e a instauração do método científico (Severiano & Estramiana, 2006). Podemos sublinhar em favor da caracterização de Freud como contemporâneo, também, o fato de ter lançado mão de teorizações férteis acerca do trauma que nos ajudam a pensar sobre a estreita relação deste tema com o da memória, desvelando, assim, uma face marcante desta na contemporaneidade.

Convém desde logo esclarecer que, no movimento psicanalítico, quando estão em pauta assuntos como memória e trauma, tem sido mais comum a investigação dos textos tardios de Freud, enquanto que os textos iniciais ainda tem sido pouco sondados. Nesta pesquisa, porém, optamos por transitar pelo caminho menos corrente, isto é, selecionamos alguns dentre os escritos de Freud anteriores a 1900. Essa escolha se mostra interessante, pois os trabalhos dessa fase parecem dispor de elementos apropriados e instigantes que dispõem de abrangência para a investigação de problemas concernentes ao nosso tempo. Os escritos freudianos selecionados e examinados no segundo capítulo são os seguintes: 1- *Projeto para uma psicologia científica* (1950[1895]/1996); *Carta 52* (1950[1896]/1996); *O mecanismo psíquico do esquecimento* (1950[1898]/1996) e *Lembranças encobridoras* (1950[1899]/1996).

Com o terceiro passo – nas últimas considerações – buscamos pensar sobre a memória ao imprimir uma articulação do pensamento freudiano acerca desse tema com os modos de subjetivação observados na atualidade. Para tanto, partimos da seguinte premissa: ainda que estejamos diante de vários fenômenos recentes na cultura, dentre os quais alguns

desconhecidos para Freud, vislumbramos que suas considerações permanecem vívidas. Dentre as razões para assim considerar, vale destacar que o inconsciente é uma indelével marca do sujeito. Isso significa que mesmo diante de alterações na cultura que, por um lado, levam a novidades no processo de subjetivação, por outro, o sujeito não deixa de se constituir fundamentalmente pelo inconsciente. Além disso, entendemos que o seu pensamento pode contribuir para o estudo acerca da memória na contemporaneidade, tecendo em especial uma reflexão que articule este tema com aquele do trauma. Essas possibilidades estão inseridas em uma obra tão profunda quanto ampla, tendo em vista que uma vasta gama de temas pertinentes ao sujeito e sua rede de interações são abordados por Freud, caracterizando-os como abertos e suscetíveis a possíveis desdobramentos no prosseguimento do movimento psicanalítico. Seu trabalho teórico-clínico suscita questões e propicia uma reviravolta no entendimento do sujeito acerca de si mesmo. Freud, como nos diz Gay (1985/1989, p. 60), “[...] dramatizou o espetáculo de uma procura, de uma pesquisa contínua e sedenta por novas descobertas e receptiva a uma revisão drástica”.

Este estudo tem caráter teórico-conceitual, isto é, que opera metodologicamente com a análise dos conceitos. Por essa linha de pesquisa, o texto apresenta estilo hermenêutico ao versar sobre assunto passível de interpretação, distinguindo o empenho necessário na leitura de escritos complexos (Japiassu & Marcondes, 2006). Esta investigação – em seu capítulo inicial – pode ser caracterizada como multidisciplinar, uma vez que temos diferentes interlocutores que descrevem a cultura contemporânea e expõem suas considerações.

Convém mencionar a presença quase constante da psicanálise ao longo do trabalho com o devido destaque, como já dissemos, para o pensamento freudiano, uma vez que o postulamos como uma visão inovadora acerca do sujeito, implicando conseqüentemente em uma chave de leitura original sobre a memória. Esse dado é especialmente relevante no texto e vamos abordá-lo com a devida ênfase. Podemos antecipar, acompanhando Japiassu (1998) que reconhecemos em Freud um corte com as evidências presentes na psicologia da consciência e a edificação de uma teoria voltada ao processo pelo qual os sujeitos se constituem. Seu espaço é o da crítica e sua teoria é marcada pelo inacabamento dos conceitos, que remete à possibilidade de exploração e expansão. Por seu estilo próprio, o pensamento freudiano possibilita o questionamento e desmistificação dos saberes e discursos instituídos que se autorreferenciam como acabados e provados.

É necessário, por ora, junto às perspectivas circunscritas ao biopoder e ao capitalismo que observamos nos casos exemplificados acima, atentarmos aos usos corriqueiros e sedimentados que o vocábulo memória recebe. No *Aurélio: dicionário da Língua Portuguesa*

(Ferreira, 2011), por exemplo, seu significado remete à capacidade de guardar ideias, impressões e conhecimentos adquiridos e, também, lembranças ou reminiscências. Tanto no uso trivial quanto no dicionário, o vocábulo é fácil e rapidamente ligado a outros que denotam ação, como recordar e lembrar, e também à reminiscência.

Encontramos nesses usos uma reciprocidade de significados, posto que recordar é entendido como trazer à memória, lembrar-se de algo, relembrar; enquanto lembrar também diz respeito a trazer à memória, recordar, ter lembrança. A reminiscência, por sua vez, é apresentada como uma qualidade de pensamento ou impressão que não tomba no esquecimento; entendida como uma faculdade da memória ou, ainda, uma lembrança vaga. Em ambos os domínios aludidos, outra palavra muito próxima à memória e a esta contraposta é precisamente esquecimento, que ganha o sentido de omissão ou falha e que, como ato, sugere permissão para que um assunto saia da memória, não sendo lembrado. Como algo qualquer que seja colocado de lado ou talvez até mesmo desprezado. Mais que isso, quer dizer arruinar a lembrança, descuidar-se, estar absorto, em devaneio, distraído. Remete, portanto, a colocar algo alheio, em apartado ou separado de todo restante.

O recordar e o esquecer, nos usos cotidianos, são de certa forma ligados. Assim, tem-se que o recordar é uma forma de recuperação de um conteúdo qualquer que esteja armazenado na mente e que ao evocá-lo este restabelece no agora determinado acontecimento tal como tenha ocorrido de fato. O esquecer é encarado como uma ranhura no ato de lembrar, um vazio ou lacuna que se deve à inexorável passagem do tempo que apaga da mente, ou então a certo nível de incapacidade do sujeito em evocar algum episódio vivido ou presenciado. Essa visão comum a respeito da memória e seu funcionamento, tal como na relação entre lembrar e esquecer é notavelmente subvertida por Freud e também por outros estudiosos do tema.

Acrescente-se a isso que os significados do senso comum e do dicionário dizem muito pouco e alcançam uma significância bastante precária e que por isso mesmo devem despertar naqueles interessados em pesquisar o assunto, logo de saída, algumas suspeitas. Por exemplo, notamos que ocorrem seleções entre o que lembramos e esquecemos; quando falamos sobre um episódio qualquer e outros estão a fazer o mesmo, nem todos os que recordam o fazem de forma idêntica, de maneira que não é difícil haver coloridos particulares colocados por cada um daqueles que relatam.

Também observamos que ao longo das nossas vidas, por várias vezes, ocorrem situações semelhantes e das quais não alcançamos recordar o que tenha ocorrido antes, colocando-nos em outro momento, outro ambiente e em circunstâncias novas a viver algo semelhante a outro episódio passado. Podemos reparar que certas ocasiões particulares nos

são propícias a lembranças sem grandes esforços, enquanto que em outras qualquer esforço que façamos para lembrar algo acaba não levando a nada.

Ao examinar todos esses usos podemos levantar algumas questões: que relações há entre lembrar e esquecer? E o tempo, como se relaciona ou interfere naquilo que recordamos, bem como no modo como construímos lembranças e esquecimentos? Ao lembrarmos um fato em comum, por exemplo, por que não o fazemos exatamente uns como os outros?

Para Gagnebin (2009), a memória tem despertado certa preocupação e os estudos sobre o tema vêm se multiplicando. Tal movimento se caracteriza como uma empreitada ética, uma espécie de débito com a preservação da memória que opera com o resgate do passado através das tradições, biografias, palavras e imagens. Certas formas de valorização da memória encontram expansão ao longo do século XX e adentram o atual, o que demonstra a atenção que o tema recebe. A autora sublinha que a recente procura por memorização não se restringe ao interesse ou à preocupação voltados tão somente ao passado, pois também significa atenção ao presente, ou melhor, ao ressurgimento do passado no presente. Com isso, não se trata apenas de rechaçar o esquecimento do passado, mas de certa necessidade de atuação no hoje. Isso significa, segundo sua visão, que a busca pelo passado e sua valorização não se findam aí, pois remetem ao desejo de modificar o presente. Nesse contexto, alguns trabalhos relevantes contribuíram para que a memória se tornasse objeto de reflexão⁸. Mas Gagnebin (2009) também ressalva que a preocupação com a memória não é recente. Ao contrário, é tão remota que podemos encontrá-la na Grécia Antiga.

Na atualidade, entretanto, a inquietação com a memória apresenta características peculiares ponderadas por Gagnebin (2009) quando afirma que não nos situamos mais na tradição da memória como algo vigoroso que se transmite pela oralidade; algo a ser encontrado em expressões de vida comunitária e coletiva. As obras erguidas por mãos humanas aparentam não desfrutar de grande durabilidade e, assim, parece que partimos para a criação de mecanismos com o intuito de manter e recordar. Mecanismos esses com os quais tentamos resgatar o passado para dele dispor ao alcance dos olhos. Conforme a autora, a crença que se coloca parece ser da seguinte ordem: vindo a conhecer o passado, que possamos

⁸ A autora se refere à segunda metade do século XX, sobretudo, às últimas décadas. Gagnebin (2009) menciona algumas referências importantes, tais como as obras organizadas pelo historiador francês Pierre Nora e os trabalhos da egiptóloga alemã Aleida Assmann da Universidade Konstanz, na Alemanha. Mas defende que foram dois pensadores do século XX, Walter Benjamin e Theodor Adorno, aqueles que prestaram grande contribuição às reflexões sobre o tema da memória tal como tratados desde o período em questão e nesses anos iniciais do século XXI. No Brasil, podemos exemplificar o interesse acadêmico pelo tema através das linhas de pesquisa ativas em programas universitários, tais como o Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) e os trabalhos realizados pelo Instituto de Estudos Avançados da USP (Universidade de São Paulo).

então lhe dar valor e preservar, o que parece ser um dos objetivos das exposições em salas culturais e museus.

A partir das ponderações de Gagnebin (2009), podemos suspeitar que os mecanismos de preservação da memória em voga no presente se constituem como tentativas para suprir um vazio, chamando a atenção para a memória. Tais mecanismos são criados e operacionalizados dentro do contexto cultural que parece, em maior medida, importar-se intensamente com o presente, havendo então uma tendência, à primeira vista aparentemente predominante em nosso tempo, na qual se propõe (ou seria melhor dizer impõe?) o olhar voltado ao agora, nele concentrando o agir. Por tal tendência, o futuro se mostra entendido tão somente como algo próximo, não guardando longa distância de tempo, tal como apontam alguns dos estudiosos com os quais dialogamos ao longo do texto (Assmann, 2006/2011; Bicca, 1999; Haroche, 2008/2008; Matos, 2009a, 2009b; Severiano & Estramiana, 2006; Sibilía, 2016a, 2016b).

Trevizan (2014), por sua vez, concebe a memória como conceito indispensável para qualquer noção singular e social, pois é por ela que são possíveis as histórias de vida de sujeitos e sociedades. A concepção de memória circunscrita ao passado, em uma espécie de noção de tempo tradicional, é por ele questionada. Por isso, argumenta que se faz premente subverter tal entendimento, retirando o posto do passado como o único a fornecer orientações para as narrativas da atualidade. Assertiva que podemos de antemão vincular ao pensamento freudiano, uma vez que ao longo de sua obra Freud “descobre” e ressalta o inconsciente como a instância psíquica capaz de transcender o tempo cronológico, driblando suas barreiras (Freud 1900/1996), compreendendo-o, então, como o fator determinante na constituição do sujeito. Ponderação esta relevante no presente texto e à qual voltaremos com a devida ênfase.

Se o presente e o futuro são essenciais à memória humana, como afirma Trevizan (2014), também é possível falar da importância das mais diversas questões para o estudo do tema, desde trivialidades do cotidiano até eventos de proporções maiores que alcançam estatura política e histórica, como afirma Seligmann-Silva (2006). Este pesquisador considera que tanto em outros tempos como na atualidade “[...] a questão da memória é incontornável” (p. 31). Se diante do tema da memória, portanto, não convém desviarmos – perspectiva com a qual concordamos – seu estudo pode nos fornecer alguns indicativos acerca das condições subjetivas contemporâneas. E essa é precisamente a nossa aposta.

- Capítulo I -

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEMÓRIA NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

O passado não reconhece o seu lugar: está sempre no presente.
Mário Quintana

Neste capítulo objetivamos descrever o cenário contemporâneo pela exposição de alguns dentre os seus elementos mais comuns, compondo, assim, uma espécie de marco situacional. É mister dizer que se trata de uma leitura mais geral, com caráter exordial, através da qual lançamos as bases para, na parte final, exprimir algumas considerações sobre a memória nesse contexto em diálogo com a teoria freudiana. Ao traçar o panorama cultural contemporâneo, examinamos alguns dentre os modos de subjetivação aí encontrados em larga escala. De antemão convém dizer que a cultura⁹, seja qual for, constrói-se e opera como um complexo sistema onde se entrelaçam diversos aspectos (linguagem, tecnologias, valores, crenças, normas, conhecimentos, usos, práticas etc.) circunscritos em determinado tempo-espaço. *A priori*, a conjuntura apresentada ao longo deste capítulo se faz importante para, posteriormente, tecermos articulações e considerações acerca das prováveis implicações para a memória, pois como diz Assmann (2006/2011), esta é parte do sistema cultural dentro do qual está inserida, mostrando-se como um tema visceralmente ligado a tantos outros como tempo, espaço, local, identidade, meios e técnicas, política, arte, literatura.

Recortamos o contemporâneo como a atualidade histórica possibilitada pelo processo de mudanças culturais delineadas ao longo do século XX. Em sentido ainda mais restrito e pontual, vários pesquisadores estabelecem como marco os eventos desencadeados ao término da Segunda Guerra Mundial, ou seja, a partir das décadas de 1940-1950 (Bezerra Junior, 2009; Birman 2006, 2012; Canavêz, 2015a; Costa, 2009; Herzog, 2014; Severiano & Estramiana, 2006). O leitor poderá observar que deslizamos por vezes até o século XIX, mais precisamente sobre o seu final, referindo-nos à modernidade. Cabe dizer que marcações temporais em épocas ou divisas do calendário são leituras que tentam apreender e explicar o desenrolar dos diversos fatos históricos para dar conta da compreensão da cultura que aí se produz. Isso significa que tais divisões podem nos servir de referência para a localização

⁹ Hoje se sabe que há duas origens para o uso dado ao termo cultura, uma germânica e outra francesa, conforme explica Laraia (2009). Entre o término do século XVIII e o início do XIX, uma palavra de origem germânica, *Kultur*, era corrente para simbolizar a generalidade dos aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto outra palavra, *Civilization*, de origem francesa, remetia às realizações materiais de um povo. Foi o antropólogo Edward Tylor (1832-1917) quem os sintetizou no termo inglês *Culture*.

temporal ou leitura de uma época. Na virada de um século para outro, por exemplo, pode ser que encontremos tanto continuidades quanto descontinuidades, uma vez que o desenrolar dos fatos costuma se dar como um processo. Também observamos, com a devida ênfase, o século XXI, levando em consideração que entre este e o século passado podemos logicamente encontrar prosseguimentos e novidades.

É mister ressaltar que o termo contemporâneo, tal como postulado aqui, embora leve em consideração tal visão, ao mesmo tempo a extrapola ao tomar como base a formulação de Agamben (2009/2014). O sentido do contemporâneo para este filósofo, de forma sumária, remete simultaneamente a uma interpretação da época (seja ela qual for) e a um modo de ser. Por essa concepção, o presente aglutina o passado e o futuro, pois comporta em si tanto as construções advindas de outro tempo como as possibilidades do devir. O modo de ser contemporâneo diz respeito à percepção tanto da luz como da escuridão que provêm do passado e ainda persistem atuantes de algum modo no agora. A interpelação do tempo se faz atividade constante daquele que é contemporâneo, lançando-o a agir em favor da transformação de sua época, pois a ele não convém deixar a escuridão presente sem resposta.

Sendo assim, tracejamos neste capítulo o seguinte itinerário: primeiramente buscamos ponderar acerca do conceito de contemporâneo. Em seguida, manejamos um entrelace entre memória, história e tempo a partir de uma obra cinematográfica nacional que trata do século XX, evidenciando as mutações culturais sobrevindas nesse período, como também a dimensão potencialmente traumática em vários dos seus episódios. Prosseguindo, abordamos a relação entre temporalidade e subjetividade, compondo alguns dentre os modos de subjetivação presentes na cultura contemporânea, atentando-nos às suas luzes e obscuridades. Feito isso, um fenômeno recente próprio das últimas décadas do século passado e em franca ascensão na atualidade entra em pauta, trata-se das tecnologias digitais, uma questão que a princípio parece ser desafiadora para pensar sobre a memória. Para findar este capítulo, efetuamos uma reflexão sobre a memória na cultura contemporânea.

Importa dizer que entendemos o debate sobre a memória em franca articulação com o estudo do sujeito. Nessa perspectiva, são temas que se entrelaçam, pois tal como postulam Ewald e Soares (2007, p. 28), “[...] toda vida humana se desenrola num horizonte específico, diretamente relacionado a um tempo histórico, social, vital e significativo, a partir do qual concretizamos a tarefa de *ser-nós-mesmos*”. É o sujeito, portanto, quem constrói memória, ao mesmo tempo em que esta é componente fundamental à construção desse mesmo sujeito. A rigor, a memória é parte dele, tornando-se intrínseca em sua constituição e significativa em seu modo de ser e viver. E o sujeito, como diz Brandão (2012), pende sempre entre a

singularidade e a coletividade, não havendo, assim, em qualquer momento, como deixar de lado a particularidade ou a sociedade, pois estas são algo como o verso e o reverso de uma mesma moeda. Compreensão semelhante à de Crochik (1998) quando afirma que o sujeito remete, a um só tempo, tanto à universalidade quanto à particularidade.

Assim entendido, o sujeito está na história e a história também se encontra nele. Afirmativa que vai ao encontro do que assinala Trevizan (2014), que alega ser o sujeito dotado de uma trajetória, uma vez que a atualidade de sua condição pode ser entendida como uma composição dos acontecimentos que se deram no curso do tempo, sendo simultaneamente social, pois seu viver se constitui e recebe significado localizado no contexto cultural em que há, ativamente, algo da ordem do coletivo. Podemos ainda ilustrar essa elaboração acerca das imbricações sujeito e história, sujeito e cultura, sujeito e tempo-espço, todas essas remetendo à questão entre sujeito e coletividade, pelo tom metafórico com que se coloca Matos (2006, p. 190), ao dizer que “A história individual e a história coletiva são indissociáveis, a rua palpita fora e dentro daquele que vai mapeá-la e percorrê-la”.

Também na teoria freudiana linha similar de conhecimento se faz notar com vivacidade. De fato, como pensador atento da cultura, sobretudo aquela de seu tempo, o próprio Freud não economiza em diálogos com os saberes que se voltam especialmente para questões reconhecidas como localizadas no campo da coletividade (filosofia, antropologia, arqueologia, história, política etc.). Por tais condições, inclusive, os acontecimentos conflituosos das primeiras décadas do século XX o marcam decisivamente e o levam a dedicar vários trabalhos à investigação das questões que à primeira vista parecem ser mais explicitamente permeadas apenas pela dimensão coletiva. Por exemplo, em *Psicologia de grupo e análise do ego*, Freud (1921/1996) afirma claramente que uma oposição entre psicologia individual e grupal ou social não se sustenta quando examinada com maior atenção. Desde sua gênese, afirma Freud (1921/1996), a psicologia individual é também grupal ou social, uma vez que todo e qualquer sujeito tem como presentes e partícipes de sua vida psíquica, diversos outros sujeitos, bem como variadas formas de grupo nos quais se insere. A constituição subjetiva se viabiliza nas relações, isto é, pela alteridade. Goldenberg (2006) adverte que essa tese freudiana nos remete ao lugar que o outro ocupa, isto é, como uma presença simplesmente inevitável para quem quer que seja.

Se sabemos haver implicações da cultura na composição do sujeito e deste na construção da cultura, movimentos estes interdependentes e concomitantes que funcionam em via de dupla mão, entendemos como necessária uma leitura da contemporaneidade, ressaltando que contemporâneo é um termo com significado mais amplo e profundo do que

tão somente a referência a uma época (a nossa época). Por essa razão nos guiamos a seguir, como dissemos, pela conceituação promovida por Agamben (2009/2014) para, somente após, tecermos uma composição dos modos de subjetivação encontrados no contexto contemporâneo, tendo como referência primordial no horizonte as possíveis implicações para a memória.

1.1. Sobre o contemporâneo

Agamben (2009/2014) abre seu enigmático ensaio sobre o contemporâneo com as seguintes questões: “De quem e de que somos contemporâneos? E, antes de tudo, o que significa ser contemporâneo?” (p. 21). O filósofo conceitua o contemporâneo através de diversas definições que se entrelaçam. A contemporaneidade, isto é, a atualidade em relação ao próprio tempo se dá, de um modo verdadeiro, através de um posicionamento de refutação e desligamento em relação a esse mesmo tempo. Trata-se de se situar como alguém pertencente ao tempo que lhe é presente sem no entanto identificar-se nem deixar-se absorver por completo nele. Sendo assim, para Agamben (2009/2014), só é de fato contemporâneo quem possui certa inadequação frente as cobranças colocadas e adequações requeridas pelo próprio tempo. E é exatamente tal modo de ser e proceder que fornece ao contemporâneo as condições para a percepção e apreensão do tempo bem diferente daquela mais banal perfeitamente condizente com o atual.

Agamben (2009/2014) nos diz que as luzes do nosso tempo podem turvar nosso olhar sobre a época. Se assim for, não somos capazes de enxergar a escuridão também presente. As luzes e sombras da atualidade são inseparáveis. Para dar conta de ver a escuridão, é preciso proteger-se das luzes que ofuscam a visão. Ser contemporâneo exige coragem, pois a escuridão própria da época requer a observação atenta, fixa, sem contudo deixar de ver a luz que nos vem junto a essa mesma escuridão. Para o contemporâneo, nosso tempo contém em si um presente, uma atualidade, mas não só, pois nele também mora o que passou e o devir. Portanto, *o que já se foi* e *o que ainda virá* coincidem em sua participação no agora, ambos são constitutivos do atual. O não vivido do presente, o que contém em si algo que não conseguimos nomear porque talvez ainda não o entendemos é o que chama a atenção ao contemporâneo. Ser contemporâneo significa também presentificar-se, voltar-se ao hoje em que jamais estivemos. O contemporâneo busca compreender o agora do seu tempo não apenas fixando seu olhar no atual que contém luzes e trevas, mas direcionando sua visão ao passado que o auxilia a encontrar as respostas que busca. Ser contemporâneo significa, nesse sentido,

transcender o olhar circunscrito tão somente ao atual, buscando situar-se como contemporâneo também do que é antecedente, ou seja, daquilo que provém do passado.

Por tal leitura, um contemporâneo é alguém do seu tempo, mas não preso a ele, pois se mostra também fora, uma vez que percebe nesse tempo o que foi em outro e o que poderá vir a ser em um tempo ainda não chegado. O contemporâneo, portanto, não se limita à cronologia do tempo, pois o transcende e revoluciona. Trata-se de um modo de ser no tempo que se faz in-tempestivo e ana-crônico no encontro entre o que foi, o que está e o que será.

Podemos então observar que Agamben (2009/2014) engendra o contemporâneo por duas vertentes. Na primeira como a propriedade do tempo em seu dinamismo, isto é, uma expressão típica de certa temporalidade ou época, seja ela qual for. E na segunda forma como o sujeito que mora e transita pelo próprio tempo de uma maneira um tanto quanto incomum. Na primeira forma, o filósofo aborda o contemporâneo como modo de ser da história, modo de configuração do tempo presente (não necessariamente o nosso hoje), destacando no interior deste a intrínseca ligação entre as mais diversas temporalidades. Enquanto isso, na segunda forma, traça as características de alguém que sendo pertencente ao próprio tempo não se deixa conter nele, o que quer dizer não se fazer restrito nem limitado à época sob a qual vive.

Reconhecemos a conceituação de Agamben (2009/2014) em franco descompasso com o entendimento do contemporâneo restrito ao sentido de época ou período histórico tal como tradicionalmente abordado em certa tradição historiográfica. Conforme Noronha (2016), o com-temporâneo (com o tempo ou no tempo) tem por contrário o ex-temporâneo (fora do tempo). Trata-se, nesse sentido, tanto de uma forma de entender a história como um modo de ser ligado ao tempo sem se submeter cegamente a ele, transcendendo-o, portanto. Para Agamben (2009/2014), é contemporâneo quem faz da época que lhe é própria um encontro entre tempos e gerações, situando-se assim no ponto de fissura do seu próprio tempo. O pensador diz que nas lacunas do presente estão contidos, simultaneamente, aquilo com o qual no agora nos deparamos e também o passado que nos precede e de alguma maneira continua vivo na atualidade. Mas não só, pois também vislumbramos o devir (o que poderá vir a ser). Sendo assim, o atual é tanto expressão do que o antecede quanto prenúncio do que lhe sobrevirá, aglutinando em si mais do que somente o agora.

Talvez possamos aproximar o contemporâneo conceituado por Agamben (2009/2014) dos temas da memória, do tempo, da história e do modo de ser sujeito contidos na reflexão de Costa (1998). Seguindo o conceito de Agamben (2009/2014), o psicanalista pode ser reconhecido como contemporâneo (intempestivo, crítico, provocador), pois reflete sobre o tempo em sua atualidade, ampliando o campo de visão ao incluir tanto o que passou quanto o

devir, uma vez que enxerga sombras e luzes, apostando utopicamente na possibilidade de um novo, não obstante o fato de apontar as sombras de nossa época. Vejamos uma entre tantas expressões desse autor que nos fornece os sinais que permitem tal aproximação.

Mediante a atualidade, Costa (1998) propõe uma leitura do peso e importância da palavra para o passado (não mais) e para o futuro (não ainda). Localiza a força e centralidade da palavra na psicanálise e na democracia, reconhecendo tanto em uma quanto na outra que o sujeito é imprevisível em seu futuro e que tal imprevisibilidade deve ser, apesar de inquietante, tida como desejável. À imprevisibilidade contrapõe o hábito como elemento negativo que torna o hoje e o amanhã idênticos ao que foi, sendo precisamente o hábito o oposto a pensar e compreender. Os discursos possuem referentes fornecidos pelos saberes utilizados como verossímeis para dar conta da decodificação do mundo. Em que pese aquilo que é de uma forma narrado pode ser (re-)contado, pois toda realidade encontrada situa-se inscrita em uma dada descrição. Começar significa por vezes “propor imagens e despertar perplexidades” (Costa, 1998, p. 110). Tanto na democracia quanto na psicanálise, mediar consiste em entrelaçar o “não mais” e o “ainda não” e rememorar é um contraponto ao hábito que conserva, vislumbrando no futuro (ao antecipar a visão) a promessa de um mundo outro.

Em Costa (1998), destacam-se a palavra e a superação do hábito (modo de ser repetitivo pelo qual pensamos, sentimos e agimos por um padrão), minando com isso as chances de irrupção do novo. O futuro se coloca diante de nós como fruto do que fomos e somos, ao mesmo tempo em que se oculta como um enigma inquietante. Assim, podemos encontrar pontos de convergência com Agamben (2009/2014) em sua conceituação do contemporâneo. Para o filósofo italiano qualquer tempo é contemporâneo para aqueles que nele vivem, o modo de ser contemporâneo enquanto sujeito, no entanto, – seja qual for o tempo –, amplia-se e aprofunda-se ao requerer posicionamento crítico e audaz capaz de ultrapassar as limitações presentes, enxergando-as e encarando-as a partir de uma assídua inquietação, uma atenta leitura do passado e uma atitude criadora que transcenda a atualidade.

Nessa direção, ser contemporâneo quer dizer mover-se intempestiva, crítica e provocativamente, potencializando os sonhos, vislumbres e desejos que são partes de nós construídas ao longo da nossa trajetória, pulsantes no presente – e por que não? – possibilidades do novo que em nós clama por realização desde o agora para se concretizar e ampliar no futuro. Logo, ser contemporâneo significa examinar e interrogar o tempo atual, mobilizando-se em direção à sua mudança; tal mobilização se faz também ao relacionar sua atualidade a outros tempos, enxergando o agora através das sombras e luzes provindas do passado.

Mostra-se oportuno, nesse ínterim, mencionar que a escolha de Freud como o teórico central a partir de quem buscamos investigar a memória na contemporaneidade se deve, entre outras razões, ao fato de vermos nele as características do *modo de ser contemporâneo* postuladas por Agamben (2009/2014) e também por se configurar como *autor*, tal como teorizado por Foucault (1969/2001). O nome do autor é mais do que simplesmente o nome de um alguém; mais do que o apontamento ou a seta direcionada a um personagem, segundo o filósofo francês. Quando dizemos Freud, estamos nos referindo a um nome relevante para o pensamento ocidental; aludimos ao sujeito reconhecido como fundador de uma teoria e prática clínica (a psicanálise). O autor, como ocorre no caso de Freud, extrapola a palavra comum do cotidiano – que algum tempo depois esmorece e desaparece, tornando-se sem efeito –, pois a expressão autoral ocupa um lugar significativo e exerce influência sobre a cultura.

Na perspectiva de Foucault (1969/2001), Freud instaura um discurso, isto é, uma insólita forma de dizer, à qual sublinhamos o fato de ser uma nova forma de ver, examinar e compreender. O autor é, assim, uma função e, enquanto tal, um modo de existir que faz circular certa modalidade discursiva dentro da sociedade. Aliás, o próprio Foucault (1969/2001) cita Freud e Marx como os autores que fundam discursos que têm como características marcantes a potência e o preceito de composição de outros textos e o surgimento de infinitos discursos. Freud, portanto, configura-se tanto contemporâneo como autor, quando consideramos as respectivas teorizações tecidas por Agamben (2009/2014) e Foucault (1969/2001).

Retornando à compreensão do contemporâneo promovida por Agamben (2009/2014), Freud foi um teórico que problematizou sua época, apontando sua claridade e escuridão. Ele lança as bases de uma teoria voltada aos mais distintos temas, de modo que buscou compreender o sujeito, subvertendo a condição deste. Em seu pensamento, temas caros à presente pesquisa recebem exímio e profícuo exame, postulando questões passíveis de elaborações futuras, investigações atualizadas, demonstrando então como uma de suas principais marcas uma produtiva abertura para desdobramentos e aprofundamentos. No contexto deste trabalho, dentre os vários assuntos abordados no pensamento freudiano, destacamos em primeiro lugar a memória em sua articulação com outros, tais como os temas do sujeito e do trauma.

A leitura temporal que efetuamos tenta permear-se por uma visão crítica, visando trazer à tona – por vezes – algumas considerações dos estudiosos com os quais dialogamos que tenham no horizonte certo *vislumbre do novo*. Acresce dizer que na relação com o tempo-

espaço abordado situamos a memória como o elemento central, designando-a como o fio através do qual buscamos costurar a apresentação da cultura contemporânea. Com efeito, estão em mira alguns dentre os mais conhecidos acontecimentos do passado próximo que, seguindo o argumento de Agamben (2009/2014), encontram-se ligados ou de algum modo presentes no que agora vemos e somos. Com tal procedimento, deslizamos pelo século XIX nas próximas linhas e, mais incisivamente, pelo século passado, até chegarmos mais adiante a nos deter no contemporâneo que se realiza como tempo na atualidade.

Nesse campo, Gagnebin (2009) fornece indicações eloquentes ao apontar que no final do século XIX Nietzsche observara alterações de valor e caráter em relação à memória. O filósofo critica, em especial, o obsessivo acúmulo e o saber infecundo do historicismo que evidenciavam não uma conservação do passado, mas uma estagnação do presente. Aliás, Gagnebin (2009) parte da pergunta pelo significado de elaborar o passado para costurar uma instigante reflexão sobre a memória no contexto moderno, dialogando com interlocutores de peso como o próprio Nietzsche e também Freud, Adorno e Ricoeur. A estudiosa encontra em cada um desses pensadores, não obstante seus contextos e interesses particulares, a concordância quanto à defesa da lembrança como atividade que elabora o passado e atravessa o seu luto. Tal elaboração dar-se-ia através do esforço direcionado a compreender e esclarecer não só o que passou, mas o que se faz presente em um investimento de energia que recorda os mortos, com piedade e fidelidade, e também se faz capaz de investir amor nos vivos.

O que Gagnebin (2009) nos coloca, evocando esse ponto de concordância entre os referidos pensadores, é que o simples fato de se voltar ao passado e a ele se agarrar, fixando-se em uma espécie de sentimento de perda ou em qualquer coisa que se foi e não mais volta, pode ser algo que nos paralisa em lugar de nos potencializar. A compreensão e a justiça com o passado e, conseqüentemente, com aqueles que se foram se faz não por fixidez ou rigidez – apego contraproducente ao passado – mas em cuidado com o presente e com aqueles que estão a vivê-lo e, somente assim, podem efetivamente fazer algo novo não só diante do que é presente, como também diante do futuro.

Foi precisamente o século XX, conforme Seligmann-Silva (2006), o momento histórico propício ao surgimento de uma “cultura da memória” (p. 39) gerada desde os contextos marcados por embates e destruições. Com as duas guerras mundiais, parcelas forçosamente caladas e vítimas de opressão passam a empreender lutas diante de tantas vidas ceifadas, como também a investir na afirmação da própria identidade, colocando-se como opositores de autoritarismos e totalitarismos governamentais. Essa expressão cultural voltada à memória, de acordo Seligmann-Silva (2006, p. 39), origina-se na resistência ao esquecimento oficial e

modos de apagar o passado que são característicos da sociedade que se pôs em marcha globalizante e agora se torna pós-industrial.

Diante de tais observações, podemos inicialmente afirmar que muitos dos acontecimentos em voga ao longo do século XX foram realizados como herança dos séculos antecedentes, sobretudo do XIX. Outros tantos, contudo, emergem, consolidam-se e espalham-se no próprio seio do século passado. Como quer que seja, em um período como esse, tão intenso quanto marcante, houve significativas alterações culturais. Levando em consideração tal afirmativa, expomos a seguir uma pequena memória do século XX, identificando alguns dentre os acontecimentos encontrados nesse período.

1.2. Em memória do século XX

É interessante observar quanto aos marcos seculares estabelecidos, acompanhando a ideia de Judt e Snyder (2012/2014), que estes funcionam como pontos de referência que nos permitem visualizar um conjunto de características até então não verificadas antes de seu início, facilitando de certo modo a compreensão que passamos a ter do tempo. De acordo com esses historiadores, o século XX é injustamente avaliado como nenhum outro o foi, pois seria demasiadamente rotulado como destrutivo. Para eles, convém lembrar que vários dentre os escritores que assim procedem escrevem no calor do momento, ou seja, enquanto os eventos eram vivenciados. É fato que o século XX fora marcado por conflitos, guerras e massacres que levaram a sofrimentos e perdas irreparáveis. Por outro lado, Judt e Snyder (2012/2014) argumentam que houve conquistas, dentre as quais destacam o aumento tanto da expectativa quanto da qualidade de vida.

Ao direcionar nosso olhar para o século XX, buscamos enxergar o agora, relacionando sua atualidade a esses tempos não tão distantes. Pretendemos com isso levar em consideração o desígnio de Agamben (2009/2014), isto é, examinar e interrogar o tempo atual ao explorar as sombras e luzes que lhe alcançam advindas de um passado, nesse caso, um passado ainda recente. Para tal leitura, utilizamos uma obra cinematográfica brasileira idealizada e produzida por Marcelo Masagão, que tem por título *Nós que aqui estamos, por nós esperamos* (1999). Trata-se de um filme que logo de início talvez nos intrigue pelo nome nada convencional, o qual provavelmente só chegaremos a entender ao final de sua exibição. Nome, aliás, curioso, diante do qual podemos dispor das mais variadas interpretações, não obstante a motivação original e bem peculiar que moveu seu idealizador. Essa obra cinematográfica foi composta como uma estratégia de memória do mundo contemporâneo que tem por foco o século XX. Tal período desde o início exhibe tempestuosas mudanças, em continuidade ao já pungente

século XIX. O diretor se vale dos mais variados recortes, em se tratando de personagens, desde grandes figuras da política, da ciência, das artes e até anônimos. Todas habitaram um século repleto de acontecimentos que marcaram de modo ímpar a trajetória humana.

Ao focalizar o século XX, a obra o desafia através do tema da morte, desvelando o quanto esta se torna banal e mesmo produzida em massa. O filme foi construído através do estilo montagem, estruturando-se em sua quase totalidade por uma cuidadosa seleção e edição de cenas preexistentes dos mais diversos episódios do século, algumas das quais inclusive, amplamente conhecidas. Assim, apenas uma pequena parte fora filmada pelo próprio produtor. Ao selecionar cenas de outros filmes ou vídeos e inseri-las em sua produção, Masagão (1999) as retira da sua condição original, realocando-as em sua montagem, operacionalizando uma nova função dentro do conjunto de sua proposta. Tal procedimento demonstra que ele imprime novo significado a tais cenas, de acordo com sua perspectiva acerca do século XX.

O filme conjuga sua miríade de imagens a músicas de tom reflexivo, propondo-nos ligar certo sentimento de perplexidade, inquietação, indagação sobre o porquê da realização dos fatos ali retratados. Curiosamente não há fala, estando ausente um narrador que conduzisse o desenrolar das tomadas. Esse recurso visual-sonoro parece assim ganhar em intensidade, aguçando ainda mais a sensibilidade e encorajando a interpretação peculiar a cada espectador. Apenas poucas palavras aparecem, não exatamente como uma reflexão fechada do diretor, mas como um tipo de chamada para pensar e sentir diante das cenas expostas. Em termos estéticos, a obra parece se alargar com o teor inédito e criativo alcançado na produção. A trilha sonora é assinada pelo compositor belga minimalista Wim Mertens e o local derradeiro exibido – e isso, sem dúvida, tem relevância – é um cemitério localizado na cidade paulista de Paraibuna.

O fato de ter sido concluído em 1998 e lançado em 1999 não parece em vão frente à temática abordada, uma vez que se situa no crepúsculo do século passado e parece ter a intenção complementar de lançar questões ao século XXI, então prestes a começar. Questões que arriscamos condensar em apenas uma: o que nos reserva o novo século, como o construiremos? Em tom tão bem-humorado quanto ponderado, o diretor atribui sua inspiração a dois reconhecidos intelectuais, Sigmund Freud (1856-1939) e Eric Hobsbawm (1917-2012). Por esses dois pensadores, Masagão (1999) apresenta aquelas que talvez tenham sido as duas teorias (e práticas) mais desconcertantes e empolgantes do século XX, a psicanálise e o marxismo, ambas reconhecidas e admiradas por muitos, mas também censuradas e atacadas

por tantos outros. Ao mesmo tempo, parece dizer que são essas as teorias que lhe inspiram e fornecem os fundamentos para a realização de tal trabalho.

Vale sublinhar que Masagão (1999) destaca em especial a figura de Freud, anunciando sua notável influência no século XX. Observamos que esta permanece de certo modo ativa no presente século. O primeiro psicanalista principia uma forma inovadora de investigação e compreensão do sujeito que é ao mesmo tempo uma prática de cuidado, a psicanálise. Mesmo com as dissidências ocorridas na história do movimento psicanalítico, as bases teórico-práticas por ele lançadas são as referências primordiais para o estudo do sujeito e seu tratamento na abordagem clínica. Mas seus indicativos não se restringem a esse campo, pois em Freud também encontramos fecundas leituras sobre a cultura. Afinal de contas é inerente à sua teoria a inseparabilidade entre esta e o sujeito, bem como a interdependência de ambos, de maneira que um não se constitui sem a presença e interposição do outro.

O filme em análise lança uma visão sobre o século passado com o uso de lentes históricas, por certo, e freudianas, sobretudo. Demonstra, assim, o quão elogiada e pretendida foi a razão praticada na exaltação do cálculo, da técnica e da eficiência. Mas nem por isso capaz de anular a desrazão, demonstrando com isso a divisão intrínseca ao sujeito. Desrazão esta que exprime o inconsciente no âmago dos procedimentos que seriam, pretensamente, tão somente mobilizados pela razão. Podemos afirmar que o inconsciente, tal como conceituado por Freud, de modo algum deixa de estar em cena e exibir seu peso, fazendo-se por isso mesmo uma chave de leitura para as ações humanas de grandes ou pequenas extensões em voga no século retratado pelo filme.

Ao colocar em relevo a influência freudiana sobre sua obra, Masagão (1999) nos permite aproximá-la da abordagem biográfica promovida por Roudinesco (2014/2016). Ao nominar Freud como aquele que desvenda enigmas e pensador de vanguarda que perfaz visível notoriedade sobre os hábitos e costumes do século XX a autora o caracteriza como aquele que facilita *insights* sobre o sujeito e a cultura. Para Roudinesco (2014/2016), o que Freud presume ter descortinado fora simplesmente consequência da civilização, da esfera familiar, do cenário político a respeito dos quais pensava e formulava interpretações *sui generis* e magistrais, distinguindo em todos esses setores produções do inconsciente.

Adiante, destacamos e comentamos algumas cenas sem nos atermos à rigidez cronológica, uma vez que por elas trafegamos seguindo o estilo próprio do filme, isto é, através da abordagem por blocos temáticos que se alternam, por vezes, abruptamente.

Logo em sua abertura aparecem duas frases enigmáticas: “O historiador é o rei” e “Freud a rainha”. Em seguida lemos: “Pequenas histórias, grandes personagens e pequenos

personagens, grandes histórias”. Esta última é mais facilmente compreendida ao longo da obra, designada pelo próprio autor como “memória do breve século XX”. Logo no início, entre nuvens, exhibe-se a chocante cena da execução sumária de dois homens pelas costas, destacando-se em seguida o cemitério com suas cruzes e sepulturas. A morte ganha a cena desde o início – não ao natural – mas aquela que encurta vidas, estraçalhando-as em crimes marcados pela violência da política de guerra, crimes onde o chamado inimigo, para ser aniquilado, bastava apenas sua diferença identitária e a estranheza gerada em seu algoz.

No início dos anos 1900, nas cidades já demasiadamente grandes da Europa, as charretes puxadas a cavalo já não estavam a sós, embora ainda vistas, uma invenção do final do século XIX passa a compor o cenário e a influir sobre a organização das ruas, os automóveis (movidos a combustão). Estes, em poucos anos, passam a ocupar com certo privilégio o espaço urbano onde as pessoas se põem a transitar em ritmo cada vez mais rápido. Também no final do século XIX, em Londres, surge um meio de transporte que viria a rasgar por baixo as grandes cidades, o metrô. Já era possível falar com alguém distante através dos fios do telefone (aparelho inventado na segunda metade do século XIX). Outras inovações tecnológicas das décadas finais do século XIX foram cruciais no interior das mudanças em ebulição durante as primeiras décadas do século XX, tais como a manipulação da energia elétrica e a máquina de escrever.

Na Rússia ocorre a Revolução de 1917. A arte faz conhecer ao mundo o espanhol Pablo Picasso (1881-1973). Freud já enunciara uma nova forma de ler os sonhos e compreender o sujeito. Enquanto isso, o cientista alemão Albert Einstein (1879-1955) já fazia história. “Câmeras Kodak registravam os instantâneos das primeiras gerações que passaram a conviver, em seu cotidiano, com uma produção em série de ideias, matemática abstrata, maquinários complexos, refinadas bombas e muitos botõezinhos”. No trecho escrito na tela e acima destacado, Masagão (1999) sintetiza algumas dentre as mudanças que estavam sacudindo a cultura ocidental. Em 1913, Ford T, o carro, a fábrica, a produção, a máquina e, na linha de montagem, o homem. Como diria Marx (1844/2004), o trabalhador se vê alienado de sua produção, explorado, sobrepujado, vilipendiado, enfim. O início do século XX, além das inovações científicas, das novas formas de transporte e da luz elétrica, ainda vê surgir o rádio, que logo se propaga como meio de comunicação de massa, e também a aspirina, medicamento considerado uma grande inovação. Ambos são invenções do final do século XIX, alavancadas e popularizadas ao longo do século XX.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) explode abalando o planeta e, no curto intervalo de duas décadas, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) escancara a barbárie

civilizatória¹⁰. As duas guerras resultam em mortos incontáveis, numerosos feridos, perdas incalculáveis e atrocidades até então inimagináveis. Vem à tona a força destruidora da técnica erguida no seio da civilização e traduzida em poder bélico; técnica desenvolvida de mãos dadas com a ciência e elogiada no interior da lógica do *progresso*.

O próprio Freud (1915a/1996) não deixa de observar pouco tempo após a eclosão da Primeira Guerra que não houve um evento tão destrutivo quanto aquele, ao ponto de gerar confusão até mesmo nas mentes mais lúcidas. O terrível embate acarreta grande decepção quanto ao valor dos princípios éticos antes considerados nas guerras e que restam frontalmente desprezados. Freud (1915d/1996) alude que os Estados arrogavam para si o reconhecimento da função de confiáveis defensores da civilidade. No entanto, terminaram exibindo sua enorme brutalidade. Além disso, buscaram ainda garantir para si o monopólio da violência, relegando aos seus membros obediência e sacrifício, tratando-os de modo infantil.

Freud (1915d/1996), aliás, não deixa de expor sua surpresa em relação à postura dos Estados envolvidos na Grande Guerra, uma vez que estes tomavam para si, no interior da sociedade, o posto de vigilantes da moral em relação à eventual agressividade de qualquer sujeito partícipe da civilização que era até então considerada do mais alto patamar pelo pai da psicanálise. Por isso o psicanalista não deixa de destacar que o intelecto se mostra não poucas vezes dependente da vida emocional, fazendo com que uma argumentação fundada na lógica não prospere quando interesses afetivos estão em cena. Acontecimento trágico como esse, nos diz Freud (1915d/1996), leva a pensar sobre o modo como compreendemos a morte, uma vez que esta se torna tão banal, atingindo grande número de pessoas naquela guerra atroz. No filme, *Masagão* (1999) assinala que as guerras colocam em risco homens e mulheres, mortos em expressivo número, como no caso paradigmático da família estadunidense dos Jones – um artifício utilizado pelo diretor para mostrar quatro gerações sucessivas envolvidas nas guerras das quais seu país participa. Nenhum deles retorna para casa, pois entre a missão de dominar o inimigo – se necessário levando-o à morte – e o risco de morrer, todos se tornam vítimas. O

¹⁰ Não à toa acoplamos civilização e barbárie. É possível encarar esse par como indissociável, em consonância com a perspectiva de Freud. Ao leitor que desejar leituras mais densas sobre essa correlação indicamos dois trabalhos que a sondam no âmbito do pensamento freudiano. Birman (2006) aponta que a interpretação crítica da civilidade praticada por Freud avalia a barbárie como promoção inequívoca do parâmetro civilizatório em que os traços postergados ou repelidos procuram se firmar, infundindo-se por rachaduras como um retorno do recalcado. E Canavêz (2012) considera que a modernidade idealiza dar fim à violência, mas provê o poder entremeado por ideais intitulados promotores da paz. A tão prezada ordem moderna é a mesma que delimita fronteiras e não suporta as singularidades que são a expressão do múltiplo dos sujeitos. Frente aos modos de pensar e proceder que se dispõem ao estorvo da diversidade, a autora lança mão da expressão *apelo ao Um*. A propósito, o século XX subsiste como aquele que oferece copiosas evidências dessa lógica.

bisavô, em 1917, na Primeira Guerra; o avô, em 1944, na Segunda Guerra; o pai, em 1971, no Vietnã; e o filho, em 1991, no Golfo.

No mundo capitalista, Nova York é a megacidade que passa a ocupar no imaginário social o posto de ícone do *progresso*, desenvolvimento e crescimento econômico. Com tal desígnio, a metrópole estadunidense já havia começado a rasgar o céu com enormes prédios no final do século XIX. Prática urbanística que já se mostra vigorosa durante os primeiros anos do século XX, consolidando-se e ampliando-se ao longo das décadas seguintes. Enquanto isso, no mundo socialista do Leste Europeu, não se podia discordar, pois a morte havia se tornado iminente.

Na Berlim do Pós-Guerra, mais precisamente em 1961, ergue-se um muro que escancara o mundo dividido e a estratégia da Guerra Fria. No final dos anos 1980, esse mesmo muro cai e um lado prevalece, ganhando ainda mais força desde então. No Brasil de 1985, a febre da procura pelo ouro, no *formigueiro humano* de Serra Pelada, onde garimpeiros labutam em ambiente insalubre e degradante. E as condições de trabalho nas linhas de montagem das fábricas japonesas e francesas do início do século? Também não eram de modo algum salutares. Voltando à Nova York de 1929, cai a bolsa de valores – crise econômica, miséria e mesmo a fome exibem-se como traços do mundo capitalista que se mostra em franco avanço, mas sempre suscetível às crises.

Em 1914, um homem e uma mulher se casam, mas não tarda a ter início a guerra. Enquanto Anna, a mulher, trabalha em uma fábrica de bombas, Hans, o marido, as atira no *front* de batalha. Em 1945, sobre o Japão terríveis bombas são lançadas, resultando na destruição em massa – ataques covardes a civis. O filme parece se referir as mais diversas armas criadas como sofisticação das possibilidades e táticas de matar quando explicita uma afirmação atribuída a McLuhan: “Os homens criam as ferramentas, as ferramentas recriam os homens”. A guerra impõe angustiante e insuportável espera que parece infundável. Tal situação tem triste desfecho quando um ataque inimigo mortal põe fim à vida daquele que anseia. E para os que na guerra não morrem resta como provável a dor, o choque, o trauma, o terror, enfim.

O século XX conhece ideologias concretizadas em regimes ou sistemas capazes de produzir sujeitos que se tornam reconhecidos como seus ícones. Apesar das especificidades de tais regimes ou sistemas, estes têm em comum a prática de atrocidades como a perseguição étnica, a violação dos direitos humanos, os assassinatos. Em rostos tremulantes, as faces se misturam e confundem. Será que o diretor estaria se referindo a eles como homens de desfigurada humanidade? Sob ideologias, modos e contextos diferentes, os resultados

guardam entre si semelhanças: totalitarismo, ditadura, estado de exceção, perseguição, tortura e morte. Sujeitos que encarnam em si um poder que não tolera qualquer oposição, tornando o diálogo algo impensável.

Da Alemanha surge Hitler (1889-1945); da Itália conhecemos Mussolini (1883-1945); Stálin (1878-1953) governa na Rússia; na China lidera Mao Tsé-Tung (1893-1976); Franco (1892-1975) na Espanha; Salazar (1889-1970) em Portugal; Idi Amin (1920-2003) em Uganda; Ceausescu (1918-1989) na Romênia; Ferdinand Marcos (1917-1989) nas Filipinas; Pinochet (1915-2006) no Chile; Reza Pahlovi (1877-1944) no Irã; Videla (1925-2013) na Argentina; Mobutu (1930-1997) no Zaire (atual Congo); e Médici (1905-1985) foi o escolhido para representar o Brasil em meio a tais grandes e danosos personagens, que também podem ser entendidos como personificações de políticas de Estado que se concretizam como aquelas que estão entre as mais terríveis.

Ideologias das quais talvez a mais conhecida e emblemática seja a nazista, que se fez uma assustadora máquina de extermínio. Livros são queimados, pessoas perseguidas, deportadas, torturadas e até mortas. Práticas aliadas a um projeto expansionista que visa dominar além do próprio território alemão. Ideologia permeada pela ideia de raça, donde a ariana desponta como aquela que representaria o que seria de fato o humano, enquanto várias outras são qualificadas como deturpações ou mesmo aberrações que precisam ser eliminadas.

Em meio a tanto pesar, Masagão (1999) nos mostra algumas figuras históricas que se tornam referenciais de resistência e apontam para a esperança frente as adversidades perpetradas em larga escala. Poderíamos mesmo afirmar que cada qual deles, de maneira peculiar, personifica o modo de ser contemporâneo enunciado por Agamben (2009/2014). Tal afirmativa se justifica pelo fato de que todos eles podem ser considerados militantes de um mundo outro. Todos engajados em movimentos de caráter sociopolítico através dos quais interpelam estruturas e práticas de poder consolidadas e contra elas passam a se opor e lutar, visando à promoção de mudanças sociais. São eles: Gandhi (1869-1948), o indiano, advogado e líder político-religioso pacifista; Guevara (1928-1967), o argentino, médico, jornalista e revolucionário guerrilheiro; Luther King (1929-1968), o estadunidense, religioso e organizador do movimento pelos direitos civis; e Lenon (1940-1980), o britânico, músico e ativista político pela paz.

Ao longo do século XX, um número crescente de mulheres *brancas*¹¹ passa a ter dupla jornada, em adaptação às novas demandas provindas do patrão e do marido. Diante de tal situação, a depressão se exhibe como um sintoma desse novo drama cotidiano feminino. Absorvidas pela indústria e mais amplamente pelo mundo do trabalho (leia-se mercado), muitas delas se adaptam à fabricação de armas de guerra nas principais potências econômicas e bélicas do mundo. Fato este que se realiza mesmo havendo forte apelo moral que insiste em restringir a mulher apenas ao ambiente do lar. De outro lado, organizam-se os movimentos feministas que na década de 1960 ousam trajar a minissaia e queimam publicamente os sutiãs, ressaltando a revolta e o desejo de emancipação frente ao machismo prevalecente. Ainda assim, em meio aos conflitos de tal empreitada, era possível ver a marca da alegria de corpos vibrantes em movimentos desconcertantes e encontros dos quais surgem a contestação, mas igualmente a proximidade e a amizade.

No Pós-Guerra, desencadeia-se a corrida espacial. Do campo de batalha parte um jovem extasiado por voltar ao seu país, os EUA. Sua nova ocupação é trabalhar em uma loja *McDonald's*. Esse tipo de estabelecimento da alimentação *fast-food* e o consumo em astronômica ascensão pelo século XX adentro servem como explicitação do *american way of life* (o estilo americano de vida), isto é, devotar-se ao trabalho; trabalhar em função do consumo; e este como signo de um suposto bem viver por aqueles que seriam, nessa visão, portadores de merecimento, recebendo o rótulo de vencedores. Alguns sinais desse estilo de vida amplamente erigido ao longo do século XX seriam a casa própria, o automóvel, os eletrodomésticos e em meio a tanto, um vício – a aspirina –, um símbolo da crescente medicalização da vida. Masagão (1999) deflagra junto à exaltação do conforto e do sucesso enquanto ideais, o mal-estar presente e ao mesmo tempo mascarado em tal modo de viver com a tão rápida quanto falaciosa resposta da solução medicamentosa. Em meio a todos esses acontecimentos, a emergente TV passa a ganhar cada vez mais espaço e audiência.

Masagão (1999) intercala grandes personagens das artes e da literatura, entremeando-os de quando em vez com cenas do cemitério repleto de cruzeiros e sepulturas. Algumas dentre as religiões do mundo são evocadas em certos momentos do século. Budistas em busca da luminosidade de Buda no Tibete de 1927. Judeus em lamento diante da presença-ausência simbolizada pelo muro na Jerusalém de 1964. Muçulmanos, em 1945, sentem-se mais próximos a Allah na cidade de Meca. Na Índia fortemente hindu sente-se o vento como sinal

¹¹ Especificamos que a entrada da mulher e sua crescente participação no mundo do trabalho se limita à mulher branca, pois como é conhecido a mulher africana e afrodescendente já tinha sido colocada, há séculos, nos países das Américas, na condição de trabalhadora sob o jugo de implacáveis regimes escravocratas.

divino. Em Angola, 1927, os orixás se expressam através do corpo de seus filhos. Na América Latina, a Venezuela de 1946 é exemplo dos cultos evangélicos pentecostais de origem estadunidense que já pululavam pelo Hemisfério Sul. Em Portugal, 1968, uma espetacular guerra entre Deus e o diabo. Questões, problemas e dramas humanos levados ao divino. Em um campo de batalha europeu de 1917, mãos sacerdotais cristãs abençoam outras tantas mãos prontas para atirar e matar em mais uma batalha atroz da Primeira Guerra Mundial. A essa altura, eis então que se estampa uma expressão paradoxal: “Deus perto do inferno”. Em um mundo que pretende suplantar a religião e se autoproclama como racional, apesar de grande oposição, as religiões sobrevivem e dão demonstrações de força, mesmo repletas de contradições, assim como a ciência moderna.

Naquele que é designado de modo muito comum como Terceiro Mundo, na esquina de uma grande cidade qualquer, provavelmente do Brasil, um menino vagueia entre a multidão e chora. Sua presença denuncia a desigualdade, miséria e abandono de um mundo que se reconhece e autoproclama como civilizado, desenvolvido ou em desenvolvimento. O olhar do menino não é um qualquer, pois nos atinge em cheio, propiciando certo desconforto e gerando indagações.

No cemitério, o colorido quase inexistente das sepulturas permeado por um silêncio perturbador nos desassossega, provocando perplexidade diante da tão breve existência marcada por sofrimentos. Valeu a pena tudo isso? Será que é possível a tão apregoada e exigida felicidade? Será que somente no cemitério onde os que lá estão descansam e certamente livres de qualquer angústia nos esperam é que será possível algo como a paz? São perguntas que parecem implícitas nas imagens exibidas. É como Masagão (1999) nos provoca, mostrando-nos que inimizades, desigualdades, perseguições, destruições, dores, misérias e mortes são produzidas ao longo do século XX como em nenhum outro até então. Em contrapartida, parece nos dizer que também se fez um pouco, apenas um pouco de alegria.

Essas imagens do filme acima expostas e comentadas foram coletadas por seu produtor em arquivos imagéticos na Europa e nos EUA. No material predomina o período entre os anos de 1912 e a década de 1970. Uma parte menor das imagens foi coletada no Brasil. Como se pode notar ao assistir ao filme, não houve uma preocupação em estabelecer uma sucessão progressiva que siga do início para o final do período abordado, isto é, uma evolução que parta dos eventos mais antigos àqueles mais recentes. A este propósito, misturam-se os diversos recortes, montando-os em uma cadeia temática específica abordada em cada parte da obra. Desenrolando-se como alheio à lógica rigidamente cronológica, o diretor opta pela multiplicidade na ordenação das cenas. Por essa razão, as imagens se entrelaçam não tanto do

ponto de vista histórico-documental, mas conceitual-temático. Com esse arranjo, as imagens se acoplam e se complementam, visando suscitar uma reflexão mais ampla acerca de um evento tanto em seu começo como em seus desdobramentos. Em entrevista concedida a Lima (2011), Masagão esclarece que junto ao tema da morte, outro que o motivou e inspirou foi a memória, apontando-a como a questão-chave da obra:

Chamo de filme-memória porque acho que esta palavra é um pouco esquecida por nós, e frequentemente mal utilizada. Vivemos numa época que costumo chamar de Presente Permanente, tudo tende a ser contado no presente e o passado fica esquecido, isso é muito perigoso, mas o contrário também. É preciso trazer à tona a questão da memória não para lembrar e sim para conscientizar e questionar o presente (Lima, 2011, para. 44).

Não convém definir tal obra como ficção, uma vez que se compõe basicamente de imagens registros de acontecimentos e personagens reais. As imagens e sons que constituem o filme são trançados através de dois fios: a psicanálise e a história, daí a alusão a dois grandes teóricos do século XX, respectivamente Freud e Hobsbawm. As cenas ganham certa caracterização imaginativa, assim como aquelas dos sonhos, onde sobressai o inconsciente. Também não se trata de um trabalho exatamente historiográfico, mas de um olhar inusitado sobre a história com a proposta de pensá-la através das grandes e marcantes e também das pequenas e cotidianas ocorrências do século passado. Não se restringe à grande história, à cultura e à produção de uma memória coletiva, pois também expõe como as vidas dos sujeitos são intensamente afetadas e como os mais diversos acontecimentos nos atravessam, ao mesmo tempo em que são vivenciados e realizados por um sem número de pessoas comuns que participam de uma forma ou de outra de suas concretizações.

O título, um tanto quanto enigmático à primeira vista, deixa claro que se trata da morte como uma espécie de protagonista, morte como destino ao qual ninguém escapa, desde os pequenos (leia-se desconhecidos), até os grandes (leia-se poderosos). Morte, portanto, como positividade de paz e descanso, de igualdade ou nivelamento entre todos que, notoriamente, não encontramos em vida. Ao mesmo tempo, a morte (com o cemitério) está designada como símbolo de um século estigmatizado por destruição. Exatamente esse século por outro lado também marcado por inovação, invenção e alongamento da expectativa de vida. Século, então, repleto de fatos memoráveis que, como assombros, interpelam nosso pensar e sentir, desafiando-nos a compor novas maneiras de ser e viver no século presente. Como observa Lima (2011), por um recurso artístico de ilusão ótica, o diretor entremeia o real e o fantasioso,

ao expor fatos importantes da história recente, tais como a revolução cultural, as explosivas e destrutivas guerras, o avanço e domínio das ciências e as técnicas cada vez mais dominantes. Acontecimentos vividos por sujeitos concretos, isto é, os grandes e conhecidos personagens, bem como os anônimos.

Durante todo tempo, o filme nos diz que os grandes acontecimentos não são isolados, nem feitos tão somente por grandes personagens como podemos de maneira muito comum pensar, pois eles se encadeiam aos pequenos eventos e aos milhares ou até mesmo milhões de pequenos personagens que são também participantes. Todos esses fatos são perpassados por afetos, sonhos, vaidades, perdas, ganhos, brutalidades (notoriamente), suavidades (às vezes), e nada disso se separa, haja vista que tudo se articula e acontece junto. O mesmo sujeito que produz tais ocorrências é intensamente afetado por elas e, de certo modo, também produzido, situando-se, simultaneamente, como sujeito e objeto. No movimento duplo com que a obra opera entre a criação e a destruição como marcas do século XX, a segunda toma a cena fílmica mais extensa e intensamente, parecendo deixar cicatrizes sociais que parecem ser inquebrantáveis, talvez até traumáticas.

Século de destruição, sem dúvida, mas também de inovação e invenção, ou quando não exatamente assim, certamente de grande impulso nas recentes produções do século precedente, onde os avanços tecnológicos provocam estupefação social. Tais inovações sobremaneira interferem na cultura, contribuindo para mutações de grande magnitude. Afinal, a eletricidade, o telefone, o cinema, o automóvel, o avião, assim como aparelhos de uso doméstico: o rádio, a TV e o computador – nessa sequência – terminam afetando diretamente nosso modo de ser e viver, alargando os domínios e as possibilidades de comunicação e ligação com outras partes do planeta, encurtando significativamente as barreiras do tempo e do espaço.

Certamente, com a intensificação das inovações técnicas e científicas, o mundo não é mais o mesmo de antes. Mas também no que diz respeito à própria compreensão de si, no campo das ciências humanas, o fechar das portas do século XIX e o abrir do século em questão vê surgir a psicanálise e seu questionamento do entendimento do sujeito como guiado apenas pela razão, desestabilizando, assim, o suposto lugar de senhor de si mesmo, um projeto manifestamente moderno. O filme nos leva então a pensar como é curioso que o século marcado por tamanha racionalidade, objetividade, cientificidade e o enaltecimento da ideia de civilização, cujas matrizes ou casos modelares são a Europa e os EUA, tenha sido simultaneamente tão destrutivo, devastador, bestial e, logo, irracional, capaz de evidenciar estados de ódio, angústia e incerteza em níveis talvez até então inimagináveis.

A dura realidade suscita o desejo de momentos descontraídos e relaxantes, denotando outra característica social ascendente ao longo do século XX, a sociedade do espetáculo¹² e dos eventos de massa. Em um tempo atravessado por crises, perplexidades e dores, as manifestações espetaculares poderiam promover alívio momentâneo frente a tensão quase onipresente. Tédio, solidão, mudanças de valores, enfraquecimento do passado como referencial, massificação, espetacularização, medicalização, totalitarismo, violência, avanço tecnológico, propaganda, crescente industrialização, expansão inexorável do capitalismo, movimento feminista, saberes psi são, ao mesmo tempo, ocorrências e sinais de um século movimentado e intenso.

Nós que aqui estamos, por vós esperamos trabalha com a memória que é, de certo modo, de todos nós, a memória de um século que provoca nossas próprias recordações particulares. Não à toa, Freud é especialmente citado. A obra entrelaça inteligentemente a macro-história com as micro-histórias e evidencia uma via de dupla mão. As grandes histórias nos envolvem influenciando nossas pequenas histórias. Enquanto isso, as histórias micro, ou seja, a história de cada um de nós é também influente na trama maior da grande história, embora isso possa soar como quase invisível. Não somos, assim, tão somente objetos da história, pois também nos colocamos como seus artífices. As grandes estruturas e suas eventuais conjunturas tanto atravessam os sujeitos como são por estes assinadas, haja vista que rumos, acertos e desacertos, desejos, sonhos, (expressões do inconsciente) são os fios pelos quais a história também se tece e acontece.

Piccinin (2009) examina o filme tendo como eixo não o conceito de memória, mas o de narrativa. Com base em Benjamin, analisa o lugar do narrador na mídia contemporânea. Para tanto, toma por objeto o filme em questão. Piccinin (2009) observa em tal produção a oportunidade de refletir sobre a narrativa em configuração audiovisual, caracterizando-a como um tipo de registro dos principais acontecimentos do século XX. Tal afirmação nos soa um tanto quanto exagerada, uma vez que enxerga no filme uma evocação das principais passagens do século, quando, a nosso ver, o mais adequado seria dizer que o filme se refere a episódios importantes, célebres, notáveis, mas outros tantos ficam de fora, não por uma questão de falha, mas talvez em função dos registros disponíveis, das escolhas feitas ou dos objetivos visados por seu idealizador.

Não obstante, ao discernir a qualidade ética, estética e técnica desse trabalho, Piccinin (2009) procede com uma análise interessante, reconhecendo que dentre as inovações

¹² Sociedade do espetáculo é um conceito lançado em 1967 pelo pensador francês Guy Debord (1992/1997), naquela que é por muitos considerada sua mais importante obra.

promovidas nessa produção nacional, uma que merece destaque é o fato de montar uma cadeia de registros reais, conjugando-os com histórias de vida dos pequenos personagens retratados. Isto é, o entrelace entre grandes eventos e personagens anônimos neles envolvidos ou por eles afetados, de maneira que suas vidas passam a ser diferentes ou mesmo não prosseguem, findando-se no seio de tais fatos. De igual maneira, Piccinin (2009) enxerga outra inteligente estratégia usada por Masagão (1999), qual seja, a valorização do cotidiano como prodigioso fornecedor para os impulsos narrativos. A narrativa, diz Piccinin (2009), situa-se no coração das questões humanas, destacando-se como uma forma de registro através da qual a memória funciona.

Evocando Benjamin, a autora avalia que *Nós que aqui estamos, por vós esperamos* é uma espécie de narrativa contemporânea porque conta histórias. E estas são reconhecidas como atitudes humanas presentes em qualquer tempo e espaço. Para a comentarista, a obra consegue romper tanto o espaço como o tempo ao narrar episódios do século XX, interligando-os, promovendo uma espécie de rememoração. Outra qualidade identificada por Piccinin (2009) é o fato de o filme ter sido capaz de traduzir passagens que funcionam integrando pequenas histórias a alguns dentre os grandiosos eventos do século, suscitando sentidos explicativos e rememorações, isto é, a montagem escolhida pelo diretor é uma forma de organizar e traduzir as contingências, produzindo significados. A comentarista entende então que o diretor pode ser caracterizado como um narrador viajante em sentido benjaminiano, distinguindo tal compreensão no fato de que ele foi buscar espaços e situações diversos, dispondo-os aos espectadores a partir da sua interpretação.

Para Piccinin (2009), o ato narrativo caracteriza o filme porque este não se propõe apresentar um relatório como muitas vezes o fazem os jornais. Ao contrário, trata-se de um trabalho pensado tanto em sua estética quanto em sua arteficialidade, isto é, possui uma beleza composta de forma artesanal. Tais traços distintivos podem ser notados no conjunto bem composto entre imagens, músicas e algumas poucas frases colocadas em momentos-chave. Desse modo, entende Piccinin (2009) que o filme de Masagão (1999) pode ser reconhecido como uma espécie de narrativa audiovisual que contribui para a construção de sentido singular possibilitada por cada espectador. À sua maneira, a imagem tal como trabalhada no filme opera pela ritualização necessária no ato de contar fortalecida pelo som em forma musical. Recurso este que funciona como eco da oralidade própria do modo de narrar tradicional, carregando em si um sinal característico da narrativa, qual seja, firmar-se como experiência pulsante na coletividade, tanto do narrador quanto do ouvinte.

A ausência da voz narrativa própria na alternância entre música e silêncio é um convite ao observador para que complemente o significado do diretor com a sua própria construção de significado singular. Nas lacunas de explicação e mesmo comprovação acha-se a abertura necessária ao espectador para interpretar a narrativa com a qual se depara e, como ouvinte, poder assumir o lugar de interlocutor. Não se trata, portanto, de informação, uma vez que esta se apresenta pronta, fechada, tendenciosa e marcada por seu caráter passageiro. No ritmo próprio à narrativa no sentido benjaminiano, a narração se faz por meio de continuidades e descontinuidades ao articular passado, presente e futuro, característica que, na perspectiva de Piccinin (2009), pode ser encontrada em *Nós que aqui estamos, por nós esperamos*.

A autora analisa que apesar de trabalhar sobretudo com fatos históricos e personagens reais, o diretor lança mão da fantasia de modo criativo. Principalmente no que se refere aos pequenos personagens. Assim, incita-nos também a estabelecer um caminho do meio entre o fato histórico tal como se realiza e a nossa própria fantasia a respeito de sua realização, bem como das suas consequências e desdobramentos. Com precisão, Piccinin (2009) capta que é a morte uma espécie de fio condutor através do qual se narram os acontecimentos e as histórias de vida. Podemos adicionar a tal constatação o fato de que a morte se faz presente ao longo do filme, ao que parece, para sinalizar a finitude da qual nenhum de nós escapa e, ao mesmo tempo, como o resultado do século que provoca mortes, violenta e irreparavelmente aos milhões. Se é bem verdade que nossa existência inevitavelmente se encontrará com a morte, esta não precisa ser desejada, procurada, arquitetada, tramada para o outro, geralmente aquele encarado como diferente, como tão absurdamente se deu ao longo do século passado.

O que nos inquieta desde sempre – a morte – não precisa ser o emblema de nossa existência. Ela virá certamente, mas o que espanta é o fato de ter se tornado banal no século em questão através da ação humana perpetrada pela técnica. Desde esse ponto de vista, muito embora seja a morte, como dissemos, inevitável, há algo que a ela pode sobreviver, a narrativa como ato pelo qual se contam histórias e os grupos humanos podem produzir sentido, tal como defende Piccinin (2009). Ao que podemos acrescentar que a narrativa é, de certo modo e por certo ângulo, tanto o que antecede quanto o que sucede à memória, uma vez que é pela narrativa que a memória coletiva se transmite e é por essa mesma memória que se possibilita a construção da narrativa. Podemos com isso afirmar que memória e narrativa são interdependentes, compondo uma trama em que uma é ao mesmo tempo condição de surgimento e produto da outra.

Pensar o século XX e, por extrapolação – permitida pela passagem do tempo –, também pensar este século XXI é algo provocado por *Nós que aqui estamos, por nós esperamos*. Uma

reflexão não só dos fatos notáveis, como também das mutações ocorridas no cotidiano, na gradativa alteração dos hábitos e dos modos de ser. Podemos afirmar que tal obra se trata de um mosaico de imagens que nos incitam a não *esquecer* para que o mundo possa de alguma forma ser diferentemente coabitado e construído. Um mundo onde a vida seja valorizada como precioso bem e a morte sirva para nos lembrar a limitação e finitude que nos compõem, levando-nos a buscar meios de interromper sua banalização nas nossas relações.

Sendo assim, *Nós que aqui estamos, por nós esperamos* nos impele a fazer memória, permitindo com isso não só o questionamento sobre o que passou, mas também sobre o presente. Por isso mesmo, motiva-nos a pensar o modo como estamos subsistindo, aproximando-nos então do contemporâneo tanto em termos de temporalidade como no modo de ser, conforme os sentidos fornecidos por Agamben (2009/2014). Eis então que quando Masagão (1999) coloca a morte no centro da cena, torna por outro lado evidente o seu avesso, a vida, como uma luz que nos interpela sobre seu significado, seu valor e o modo como a estamos compreendendo e realizando. E a memória é nesse ínterim o elemento essencial através do qual o filme nos viabiliza pensar tanto sobre o nosso passado recente quanto sobre o presente que atravessamos e o futuro que por nós está se construindo.

No interlúdio entre esse passado recente e o futuro que parece tão prontamente se achegar, ou seja, no tempo presente, aqui demarcado como o apagar das luzes do século XX e os anos iniciais do XXI, prosseguimos com nossa reflexão trazendo adiante o problema dos modos de subjetivação contemporâneos. Presumimos que essa temática se mostra oportuna, franqueando uma área propícia a explorações relativas ao tema da memória.

1.3. Modos de subjetivação contemporâneos

Realizamos nas próximas linhas uma leitura da contemporaneidade, compondo um mapeamento de algumas dentre as características dos modos de subjetivação que denotam as luzes e sombras presentes nesse tempo. Para tal, buscamos dialogar com estudiosos de diferentes campos do saber no que tange às questões e temas que nos parecem pertinentes para pensar sobre a memória.

A partir de uma perspectiva filosófica atenta à história do pensamento e dotada da preocupação em situar no tempo tanto pensadores quanto marcantes eventos culturais, Batista (2007) traça certo panorama da cultura contemporânea, tomando como marco a Primeira Guerra Mundial. Interpreta assim que desde esse evento e nos anos que a ele se seguem passam a ocorrer alterações culturais notáveis intensificadas por uma generalizada crise de

valores. Alguns dentre os eventos de magnitude mundial que o autor menciona são os seguintes: 1919 (ano de criação do partido fascista na Itália); 1929 (queda da bolsa de Nova York); 1933 (ano que marca a ascensão do nazismo na Alemanha); 1939-1945 (Segunda Guerra Mundial); 1946-1948 (início da Guerra Fria e surgimento da TV); 1960 (movimentos de contracultura); 1980 (primeiros computadores pessoais); 1986 (irrupção dos movimentos ecológicos); 1989 (queda do muro de Berlim); 1998-2001 (expansão das manipulações genéticas, clonagem, decifração do DNA); 2001 (ofensiva terrorista de grandes proporções nos EUA).

À sua lista podemos acrescentar outros eventos consideráveis, dentre os quais destacamos a radicalização do capitalismo com o chamado neoliberalismo surgido no final dos anos 1970 a partir da Grã-Bretanha e dos EUA. O fim da divisão mundial em dois blocos, evento situado no limite entre as décadas de 1980 e 1990, prevalecendo no mundo, desde então, o capitalismo sobre o socialismo. E, ainda, a ascensão e expansão da chamada globalização¹³. Batista (2007) se refere a este último fenômeno como “[...] força do capitalismo multinacional e transnacional transformando todo produto em mercadoria, fonte de lucro” (p. 114).

Quanto à mencionada crise de valores e também de sentidos, trata-se, segundo o autor, de uma generalizada instabilidade de paradigmas que consiste no seguinte: em um mundo no qual todo conhecimento deve ser interpretado, qualquer que seja o entendimento, ele sempre é tido por provisório, uma vez que se faz por contextos historicamente localizados. Assim sendo, nada possuiria garantias quanto à sua durabilidade. As mudanças ocorrem em grande velocidade e há explícita pluralidade nas leituras do mundo. Batista (2007) prossegue elencando acontecimentos pungentes que se encontram na ordem do dia como as guerras civis e entre nações, conflitos sociais que parecem nunca dormir; ascensão e visibilidade da intolerância com o diferente; identidade flutuante vista nos papéis sociais descontínuos exercidos em conformidade com a lógica do imediatismo.

Apesar da grande pluralidade e diversidade presente em nosso tempo, não podemos deixar de notar, tal como aponta Bicca (1999), que estamos submetidos de certo modo a uma similaridade ou uniformização favorecida pelo uso da linguagem como técnica objetiva. Tal

¹³ Entendemos que a globalização não é precisamente nova, mas um fenômeno já encontrado no início da época moderna. Por isso, pode ser encarada como algo que, na atualidade, encontra continuidade e demonstra novo vigor. Vale dizer que continuidade não significa exatidão, uma vez que os contextos inevitavelmente pesam sobre os objetivos, métodos e resultados de tal processo. Assim, a globalização na cultura contemporânea se intensifica em razão das novas configurações e dos recentes fenômenos presentes no mundo, caracterizando-se de modo acentuadamente econômico em sua nova versão. Tal continuidade se organiza e executa, portanto, através de mecanismos atuais, dentre os quais talvez os exemplos mais emblemáticos sejam os recursos e possibilidades acarretados por velozes meios de transporte e por dispositivos tecnológicos digitais.

observação nos parece plausível, uma vez que há muito tentam e alcançam notável sucesso tudo aquilo que insistentemente nos reduz à condição de consumidores e espectadores, sejam quais forem nossos gostos e interesses. Entre o plural e o diverso que convivem junto a essa dimensão de sentido uniformizante podemos enxergar um paradoxo, que interpretamos como uma engenhosa característica da complexidade que marca a sociedade contemporânea.

A este propósito, parece-nos apropriado articular o modo de ser contemporâneo elaborado por Agamben (2009/2014) ao que Bicca (1999) nomeia reinvenção de si, que é o processo pelo qual cada um de nós valoriza a autenticidade e se constrói como singular. Ser singular é o que vamos nos tornando e não algo antecipado ou dado de antemão. Trata-se do processo que se dá em direção oposta àquela das recordações, crenças, ações e autoimagem com que nos acostumamos ao longo da nossa trajetória e se estabeleceram em nosso cotidiano. Para podermos melhor refletir sobre tal processo e o que talvez demandaria à memória, expomos a seguir uma breve composição do cenário, tecendo uma leitura dos modos de subjetivação presentes na cultura contemporânea.

Haroche (2008) discute as formas e maneiras de sentir no Ocidente, as quais nomeia condição sensível. Na leitura de tal referência, focalizamos suas considerações acerca do traçado temporal que estamos aqui recortando como contemporâneo, sendo precisamente tal parte a que nos interessa e se coloca como nosso alvo. A autora afirma que seu estudo teve como meta elucidar alguns meios funcionais presentes como questões de base nos arranjos do individualismo contemporâneo, nos quais o capitalismo opera através das tecnologias e da globalização. Fenômenos que, por seu entender, induzem a abalos psíquicos. O mapa de trabalho adotado pela socióloga postula a intensidade e a continuidade de modos psíquicos de funcionar encontrados como recentes na contemporaneidade. Qualifica sua abordagem de tais problemáticas como pré-disciplinar ou transdisciplinar, tendo em vista que convoca o psicológico, o sociológico, o antropológico e o político. Seu interesse de pesquisa a conduziu pela investigação das mutações das maneiras de sentir nos ritmos sensoriais contemporâneos, indagando sobre a própria aptidão para o sentimento em meio a tais circunstâncias.

É importante mencionar que Haroche (2008) sublinha o fato de que trabalha com a aproximação e mesmo equivalência de certos termos conceituais não se ocupando em diferenciar sistematicamente “o eu das noções de pessoa, personalidade, caráter, indivíduo e individualidade. Todos esses termos se referem a um único campo paradigmático, relativamente impreciso e movediço [...]” (p. 122). Em suas considerações acerca do modo de ser do sujeito contemporâneo destaca que submerso no imperioso fenômeno da globalização,

a sociedade atual apresenta como tendência a contínua mutação, caracterizando-se pela flexibilidade e a ausência de marcos fronteiros que tenham solidez.

Segundo Haroche (2008), tais condições não deixam de exercer influência sobre a personalidade, atravessando-a tanto naquilo que possa ser circunstancial quanto no que possa ser duradouro, atingindo o modo de convivência e relação de uns com os outros. Ao apresentar como características das mais proeminentes a fluidez e a ausência de limites claros, a cultura contemporânea acarretaria o que a socióloga nomeia desestruturação ou ausência do eu – um tema certamente dos mais complexos e polêmicos ao qual não nos detemos aqui. Ela pergunta se seria ainda possível construir o pensamento estando imersos em uma dinâmica social que impõe um ritmo frenético e uma fluidez sem limites. Se estamos expostos à privação do tempo e nos resta ausente a duração fundamental à tecitura de sentimentos, interroga Haroche (2008), como vivenciar algo que se coloque para além de sensações? Questões levantadas pela socióloga que são não só difíceis de responder, como também cruciais ao tema central aqui abordado, uma vez que dizem respeito às construções psíquicas e laços sociais que porventura se configuram entre nós.

Nesse passo a abordagem adotada por Haroche (2008) visa à discussão do modo de ser do sujeito contemporâneo, problematizando suas maneiras de sentir e mesmo exprimir e, mais persistentemente, se tal sujeito seria ainda capaz de vivenciar sentimentos, dadas as condições sociais sob as quais se encontra, isto é, as premissas que explicitam como traços visíveis o extremo individualismo, referências sobrepostas, o público e o privado misturados e confundidos, a exposição da intimidade e as relações psicologizadas.

É válido esclarecer que as apreciações sobre o cenário contemporâneo feitas pelos diversos estudiosos com os quais dialogamos ao longo deste capítulo, sobretudo nesta seção, tais como a acima elaborada por Haroche (2008), leva-nos a pensar as possíveis implicações para a memória ou nas formas como ela tenderia a operar em tal contexto. Se entendermos que uma das possíveis funções da memória, tal como aponta Trevizan (2014), seja participar ativamente do processo pelo qual o sujeito expressa *sua* história, bem como se expressa *na* história, não podemos deixar de mencionar que se trata de uma faculdade que acionamos conscientemente apenas até certo ponto, uma vez que a memória se produz com elevado grau de participação do inconsciente tal como postula a teoria psicanalítica e em especial o pensamento freudiano. Antecipamos, assim, acompanhando Trevizan (2014), o caráter processual da memória, pois nela não há rigidez nem fixidez, dado seu caráter de permanente construção. E essa construção certamente tem como fonte tanto a história do sujeito como as escolhas realizadas ao longo desta por ele. Contudo, deixemos por enquanto essa questão em

suspensão para retomá-la oportunamente com mais atenção, pois se faz necessário continuar explorando ainda um pouco mais o cenário contemporâneo.

Para Matos (2009a), há no capitalismo contemporâneo um desejo que nega o pensamento, promovendo inclusive um modelo educacional que tem no pensar algo que se requer minimamente. Podemos dizer, estendendo a reflexão da autora, que interessa aos gestores e entusiastas do Capital apenas um pensar que faça a máquina funcionar, sem qualquer divagação nem o levantamento de questões que para eles signifique perda de tempo e possam de algum modo oferecer riscos aos seus interesses em jogo. Matos (2009a) atesta que tal configuração do capitalismo é de certa compulsão ao imediato que proporciona aos sujeitos um empobrecimento de sua capacidade para simbolizar e se fortalecer frente ao que frustra e decepciona – quando sabemos que qualquer um está sujeito a ocorrências frustrantes ou decepcionantes ao longo da vida.

Em função disso, para Matos (2009a), estamos sob uma fase do capitalismo que impõe certa configuração subjetiva im-pulsionada e longe do recalque. A aceleração do tempo impõe a rapidez, dificultando ou mesmo impossibilitando relações que só podem funcionar através do fluxo vagaroso do tempo. Sob o domínio da agitação e da precariedade ao estilo do capitalismo atual, o convívio, a atenção e o cuidado com o outro, a fraternidade, enfim, teriam se tornado difíceis.

Sibilia (2016a) não pondera acerca da provável desestruturação do eu, tal como radicalmente procede Haroche (2008), mas sobre a configuração que o eu vem ganhando na sociedade contemporânea. O eu atual denuncia, para Sibilia (2016a), que estamos diante de uma subjetividade movida à instantaneidade. Como seu interesse de pesquisa se volta para as formas de construção do sujeito em meio à ascensão das tecnologias digitais, ela observa que nos vemos diante de formas contemporâneas de descrição de si feitas por analogias ao aparato tecnológico.

Ao ser assim, deparamo-nos com inúmeros relatos de si em comparação com o mundo da informática, que podem ser mais ou menos como essas [grifos nossos]: *arquivar* ou *deletar* conteúdos presentes em nossa mente; a memória precisa por vezes ser *escaneada* para dar conta de algo que porventura tenha sido esquecido; o cérebro *armazena* informações que precisam ser devidamente *gravadas*; pensamentos incômodos merecem ser *desfeitos* e, por vezes, um *click* no lugar correto pode ser de algum modo útil. Dispositivos tecnológicos como os *pendrives* e os *discos externos* também têm sido usados para descrições do cérebro. Não são raros igualmente dizeres como *acabou minha bateria*, em alusão ao telefone celular e à própria memória; ou ainda tal como o computador ou o avião quando se diz que teve uma

pane. Informações importantes devem ser submetidas a um procedimento chamado *backup*, isto é, serem armazenadas em mais de um lugar, a fim de evitar a perda irrecuperável, em clara alusão à memória humana. Quando se trata do esgotamento consequente de uma vida tão agitada, urge *desligar-se*, como se faz com um equipamento, *arrancando* os fios das tomadas para poder, ao menos um pouco, respirar profundamente e voltar, assim, a *operar* melhor com o *equipamento* mental, bastando para isso *teclar* algum mágico *botão*. Pode ser que em algum momento, para evitar riscos, seja necessário prover uma *turbinada* para elevar a capacidade de memória ou mesmo trocar o *disco rígido*. Frente a tais formas descritivas, Sibilía (2016a) promove uma análise crítica e avalia a situação do eu.

[...] essas metáforas não apenas dão conta de certas transformações que estão ocorrendo no mundo, como também têm a capacidade de provocar efeitos em nossos modos de pensar, agir e viver. Essas imagens alimentam a crescente modulação das narrativas de si como histórias inspiradas nos códigos audiovisuais e informáticos com os quais estamos cada vez mais familiarizados, enquanto o *eu* se espelha nos personagens que transbordam das telas e chega a se transformar, inclusive, num deles (p. 161).

As análises de Haroche (2008), Matos (2009a) e Sibilía (2016a) chamam a atenção para o fato de que estamos diante de formas de construção subjetiva atravessadas por fenômenos recentes, talvez imprevisíveis no início do século XX. Formas que se configuram no seio do capitalismo atual e não deixariam de afetar o pensar, uma vez que o tempo tem sido vivenciado aceleradamente e as tecnologias digitais são cada vez mais enaltecidas ao ponto de encontrarmos alusões a si mesmo forjadas na linguagem em que o humano é compatível com os dispositivos tecnológicos. Ao observar tal contexto, Sibilía (2016a) lança mão do conceito de *extimidade*, que significa “[...] uma entidade para cuja configuração foi necessário deslocar o eixo das subjetividades: do magma causal da interioridade psicológica para a capacidade de produzir efeitos no olhar alheio” (p. 163).

Estamos tratando, desse modo, de uma cultura do ter em detrimento do ser com uma passagem para o parecer e a centralidade ocupada pela mercadoria, conforme Sibilía (2016b). Sendo assim, com certa facilidade estaríamos nos deparando com relações articuladas pelas imagens, que terminam acentuando o nível de mercantilização dessas mesmas relações, pois o que se torna importante é não só o ter, mas o parecer ter. Há uma mercantilização que pretende tudo abarcar e a subjetividade do espetáculo é o que avistamos diante da vida reduzida ao que se exhibe, isto é, ao que apresentamos e aparentamos visando ao olhar alheio. De fato, tal análise nos reporta a um procedimento recorrente nas diversas redes sociais, qual

seja, o recorte dos supostos momentos felizes, em uma espécie de propaganda de si com o manifesto – e por vezes sutil – desejo de atrair o olhar, a atenção, a aceitação e até mesmo a admiração do outro. O que advém dessa atitude parece ser o termômetro pelo qual se mensura o nível de popularidade e sucesso alcançado e, com base nesses elementos, o próprio valor. Aos outros se apresenta, portanto, uma espécie de memória forjada, uma vez que apenas as vivências aparentemente prazerosas ou que remetem a um suposto bem-estar próprio são expostas. Com isso, forma-se um mosaico que articula pequenos relatos para os outros e para si mesmo permeado desde o início por uma construção narrativa exageradamente fantasiosa e visivelmente adaptada à lógica social hoje predominante.

Podemos então notar, como assinala Sibilía (2016b), que vivenciamos um processo de transição na cultura que se opera através de vários elementos tanto aqueles há mais tempo conhecidos como outros mais recentes. Esse processo tem proporções abrangentes, sendo percebido na virada para o século XXI e em funcionamento nos seus primeiros anos, mas podemos também afirmar não se tratar de algo tão novo, pois esteve presente ao longo do século XX, como é retratado em *Nós que aqui estamos, por nós esperamos*.

O filme nos ajuda a ver, por exemplo, como a escrita encontra certo nível de declínio enquanto ascende a tela, acarretando um lugar privilegiado para a imagem em prejuízo do investimento na leitura. Fato desenrolado ao longo do século passado e agora intensificado. Tal fenômeno parece, nesse sentido em específico, distanciar-nos enormemente do século XIX, época na qual muitos eventos, ideias e sentimentos eram passíveis de serem contados em um livro. Na atualidade, ao contrário, algumas vezes só parece ter se realizado ou se tornado fato o que se expõe na tela. Estamos muitos de nós, em grande medida, tal como observa Sibilía (2016b), constantemente expostos à sedução da *internet*, que a todos convida para se exibir feliz e contente, o que pode até ser encarado como uma imperiosa exigência.

A ascensão da *internet* se insere de um modo particular e específico em um fenômeno mais amplo que lhe é precedente: o das mídias. Segundo Haroche (2008), a mídia apresenta como forte efeito o incentivo e expansão de uma cultura das sensações, que atua por estímulos, sucedendo controladamente a disposição para prestar ou não atenção. Por sua forma de operação, as mídias tanto propiciam quanto elevam o nível de desatenção de cada qual de nós. Ao lado disso, ocasiona a fragilidade do exercício de reflexão e inculcando certa superficialidade por meio de insistentes procedimentos de informação, imagem e espetáculo, que se colocam como sedutoras atrações aos sentidos, sobretudo, visuais, e também auditivos. Haroche (2008) aponta, assim, para a falta de referenciais duráveis em tal forma de proceder que incitam à sensação contínua e embarreiram a capacidade de percepção e pensamento.

Sem prestarmos a devida atenção ao que ocorre, somos enredados no “[...] fluxo contínuo no nível da percepção e outro descontínuo no nível psíquico, redundando no provisório, efêmero ou indistinto” (p. 211). O que significa dizer que a percepção é exigida com uma avalanche de estímulos cada vez mais numerosos e alternados a cada dia. O psíquico ao se deparar diuturnamente com estímulos como nunca tão diversificados e, de maneira corriqueira, com interrupções e troca de estilos dadas as constantes variações, defrontar-se-ia com certa dificuldade para manter constância e estabilidade.

Não obstante tal força das mídias, grupos sociais e sujeitos têm possibilidades e condições para reagir e romper com a cadeia de identificação passiva, como enfatizam Severiano e Estramiana (2006). Mas qualquer forma de reação e rompimento não são de modo algum fáceis, uma vez que a mídia contemporânea possui grande força na construção imaginativa da realidade. Observamos que tem sido lugar-comum as grandes mídias atribuírem a si o papel de influenciar e talvez até mesmo construir de antemão a “verdade dos fatos” da maneira como bem entendem seus gestores e parceiros. Deliberadamente, produzem discursos que logo se convertem em um tipo de memória sofisticadamente modelada.

Sabemos, porém, que não é nova a objeção através de mídias alternativas, que se destacam pela produção própria de conteúdos diversos, dentre as quais algumas funcionam como canais de veiculação da notícia, refutando frontalmente a mídia tradicional e seus aliados. No Brasil, sempre houve resistências por meio da comunicação contra-hegemônica, desde os tempos da Colônia, atravessando o Império e as diversas fases da República, com destaque para os anos de chumbo da ditadura civil-militar (1964-1985), período mais recente na imposição de forte censura. Amorim (2007) argumenta que a produção alternativa da informação e, por vezes, até do conhecimento se dá através de diversos canais de expressão, tais como: jornais e revistas impressos, panfletos, circulares, informativos, murais, pôsters, grafites, teatros na rua, danças, músicas, vídeos, documentários etc.

No estado do Rio de Janeiro, podemos destacar, nos últimos anos, a multiplicação de saraus poéticos que ocupam espaços comunitários, ruas e praças, sobretudo nas periferias, primando por formas de transmissão marcadas por forte crítica social. Cabe ainda frisar uma modalidade de comunicação que vem se notabilizando através da expansão por que vem passando a *internet* nos últimos anos, os sites e blogs. Não há dúvidas de que a *internet* facilita a criação de canais ousados que seguem na contramão da mídia tradicional. Com esses meios, discursos de caráter afirmativo são produzidos dando voz àqueles que foram relegados à margem da sociedade, ocasionando por conseguinte a possibilidade de outra memória. Demonstram, assim, o potencial criativo e a capacidade de resistência também presentes na

sociedade contemporânea. São exemplos desse tipo as páginas eletrônicas *Jornalistas Livres*, *Mídia Ninja* e *Resistir é Preciso*¹⁴.

Outro importante aspecto que merece ser ponderado na contemporaneidade é o tempo. Trata-se de fator intrínseco ao processo de construção do sujeito. É necessário por isso examinar o modo como o tempo vem se configurando, bem como sua relevância para os estudos sobre o sujeito. Se o tempo é um aspecto de vários modos ligado à memória, também se vincula a tantos outros processos, tais como percepção, pensamento, afeto, linguagem etc. A vivência do tempo encontrada na cultura contemporânea se expressaria pelo que Haroche (2008) designa por duas dimensões ausentes, a de duração e a de sentido. Por essa visão, nossa vivência temporal contemporânea tem sido inexoravelmente marcada pela sensação de um presente que não se esgota, um presente inflacionado, tal como diz Sibilia (2016b). Se o presente é desse modo vivido, não deixaria de haver consequências para nossa compreensão sobre quem fomos e somos, como vivíamos e vivemos, quem seremos e como viveremos, ainda que não nos ocupemos com tais questões.

Ao longo do século XX cresce a aceleração social do tempo, processo que se intensifica nas suas últimas décadas e agora está ainda mais forte e visível. Há uma pressão temporal sobre todos nós, como coloca Sibilia (2016b). Se por um lado o presente se encontra inflacionado, por outro, o passado parece cada vez mais sem importância no interior desse modo de relação e compreensão do tempo em voga. Sibilia (2016a, 2016b), tal como Haroche (2008), entende que passamos por uma crise de sentido. Se para o sentido ter lugar é preciso vivenciar o tempo em sua tríplice dimensão, isto é, reconhecendo e entrelaçando a relevância tanto do passado, quanto do presente e do futuro, o que ocorre se estamos atravessados e ao mesmo tempo pressionados e seduzidos pela rapidez e cultuamos o agora? Sibilia (2016b) nos responde que passado e futuro ficam submetidos ao momento. Atitude esta que se coloca em rota discrepante daquela mirada por Agamben (2009/2014), distanciando-nos, portanto, do modo de ser contemporâneo por ele assinalado.

Se o passado não recebe mais a importância que de fato tem ou como defende Sibilia (2016b), não tem mais a força de referência para o hoje, sua capacidade de influenciar o presente ficaria à deriva e seu sentido estaria se esvaindo. Na contemporaneidade, parece que estamos sempre começando, o que para Sibilia (2016b) demonstra ser algo ligado às diferenciações no estatuto do sujeito nos contextos dos capitalismo da indústria e da informática. Se no primeiro o sujeito foi designado como ser *psico-lógico*, no segundo parece

¹⁴ Para uma exploração desses exemplares, acesse os seguintes endereços eletrônicos: <http://jornalistaslivres.org/>; <http://midianinja.tumblr.com/>; <http://resistirepreciso.org.br>.

migrar para um modo de ser que pode ser designado como *tecno-lógico*. E o passado para esse sujeito da era informática parece cada vez mais desvinculado do presente, não recebendo o sentido e importância que de fato possui.

E como isso se vincula ao fenômeno recente das redes sociais? Segundo Sibilía (2016b), nestas nem o passado, nem o futuro encontram relevância, mas o presente que não cessa, pelo que há uma frenética adesão ao modismo do momento. Parece que a anuência apaixonada do presente também se dá porque o passado se encontraria apagado, deixando de ser referência para a construção do eu e o futuro não pareceria dotado da condição de se realizar como algo tão diferente do que aí está. Tal modo de ver, para Sibilía (2016a), ajudaria a compreender, ao menos em parte, o porquê da febre das mais diversas redes sociais nas quais o que importa é o instante. Sendo assim, nada mais comum do que a rápida e entusiástica aprovação de tudo aquilo que se propaga como novidade, algumas vezes até como se fosse uma obrigação.

As questões concernentes ao imperativo do momento ou ao foco no agora expõem o lugar privilegiado do presente e o prejuízo conferido tanto ao passado quanto ao futuro no processo de subjetivação privilegiado na cultura contemporânea. As análises dos estudiosos com os quais dialogamos nesta seção, bem como a do produtor do filme acima examinado, coincidem nessa assertiva. Cabe frisar que empreendemos adiante uma interlocução com o saber que privilegiamos nesse estudo, a saber, o pensamento freudiano. Afinal de contas, se de alguma forma registramos nossas vivências e experiências, tal como postula a psicanálise, estamos diante de um problema teórico que requer uma cuidadosa discussão.

As leituras sobre o tempo na cultura contemporânea apresentadas tanto por Haroche (2008) quanto por Sibilía (2016a, 2016b) vão ao encontro daquelas efetuadas por Matos (2009a) quando detecta certa amnésia vinculada ao nosso modo de ser, a qual decorreria, sobretudo, da vivência temporal manifestamente atravessada por uma passagem vertiginosa. Aliás, Matos (2009a) sinaliza que nossa cultura é descuidada com a memória. Isso porque mudar constantemente ao gosto do momento e compreender o sujeito reduzido à condição de negócio ou funcionalidade, tal como ocorre no contexto do capitalismo em sua versão mais recente, contribuiria enormemente para que a memória encontre uma desvalorização.

Se o capitalismo se impõe não só como sistema econômico, mas como processo sociocultural que ambiciona reger nossa forma de ser em todos os aspectos e direções, ao entender o tempo como dinheiro, deve o tempo por isso ser oportunamente aproveitado. Em outras palavras, se o tempo é sugado tanto mais quanto for possível, a empreitada capitalista age com força para que nossa forma de viver seja inexoravelmente marcada pela pretensa falta de tempo. Como postula Matos (2009a), assim como o mercado financeiro não descansa,

o sujeito não deve dormir, daí a tensão, a impaciência e o esgotamento como alguns dos atributos característicos do sujeito contemporâneo. E o que é notável, e talvez até mesmo paradoxal, esse fenômeno não estaria se passando apenas com aqueles que se ocupam com um trabalho, pois também ocorreria com o enorme número de sujeitos que se encontram à margem, seja porque estão em trabalhos temporários sem maiores garantias ou porque se encontram desempregados. Enquanto tal, a tensão é algo comum aos mais diferentes estilos de grupo ou aos mais diversos momentos da existência. Compreensão esta análoga à de Haroche (2008), quando aponta o fato de que somos impelidos à hiperatividade corrosiva. Por essa perspectiva, vivemos, portanto, um tempo que se devora e esvazia de sentido promovido no interior da lógica capitalista.

A modernidade capitalista, do industrialismo à microeletrônica, supõe a plena luz. [...] a atividade sem trégua do modo de produção capitalista tornou-a desmedida, não tolerando o tempo noturno – de passividade, repouso e contemplação. A economia, em sua forma atual de acumulação (cuja infraestrutura são as nanotecnologias e a microeletrônica), exige a extensão e a intensificação da atividade até os últimos limites físicos e biológicos do indivíduo. Razão pela qual, com a eletrificação, o dia iluminado terá vinte e quatro horas. A organização institucional do tempo é a figura mais eminente da alienação e da dominação do homem pelo mercado mundializado, pois cada um perde o sentido e o mestrado do tempo e de sua vida (Matos, 2009a, p. 99).

Sendo assim, estaríamos situados em uma lógica fragmentada cuja atitude de desvinculação com o passado, que se opera com o tempo acelerado em conformidade com o ritmo do mercado mundializado, ocasiona o que Matos (2009a, p. 102) chama de “pulsão antigenealógica”. Esta desconsidera a existência de qualquer ligação ou mesmo herança do passado, desprovendo este mesmo passado da força simbólica capaz de influenciar o presente. Nesse sentido, pode ser comum pensarmos que nada devemos ao passado, acreditando que tudo o que somos e realizamos estaria circunscrito tão somente aos limites de nós mesmos.

Tais acontecimentos se dão no seio do capitalismo também chamado de consumo, que para Matos (2009a) incita o eu a desconsiderar os sentimentos, desencadeando uma alteração dos laços em que ganha importância o valor monetário. O consumo se tornou hábito recorrente incitado pelo mercado. Hábito este que fomenta a velocidade, fortalecendo a aceleração da vida e elevando o número de vinculações superficiais. Se os sentimentos requerem certa durabilidade para seu avanço, quando essa durabilidade é desprezada, os sentimentos tenderiam à minimização, resultando em uma interioridade significativamente empobrecida. Essa observação do cenário contemporâneo coincide com a perspectiva de

Haroche (2008), quando avalia que na sociedade de consumo torna-se difícil haver capacidade de discernimento, prevalecendo a superficialidade nas relações tanto pessoais quanto com os bens da cultura. Se as relações passam a ser transitórias ou talvez até mesmo evitadas, o afastamento sobressairia e em casos mais graves a solidão prolongada e corrosiva.

De modo semelhante, Severiano (2010) se apoia na teoria psicanalítica para examinar a relação entre a “lógica do mercado” e a “lógica do desejo” (p. 138). A comentarista encontra entre as duas uma conexão da seguinte forma: por meio da idealização promovem-se identificações com a lógica mercantil nas quais os sujeitos têm a alteridade esvaziada enquanto valor, afetando suas vinculações. Com isso, ocorreria forte diminuição do pensamento crítico enquanto se elevaria o fascínio exercido pelo objeto de consumo, enredando o sujeito em um estado psíquico sem conflitos. Mas apenas na aparência, pois o que ocorreria de fato é a camuflagem do indelével sentimento de desamparo e impotência diante da realidade.

Acrescentem-se a essas observações que na sociedade atual, conforme Matos (2009a), ganha importância o que tem valor atribuído pelo Capital, o que parece conduzir à fragilização da fraternidade e encolher, por conseguinte, os espaços reservados à amizade. Ao perder o sentido da fraternidade e enaltecer o Capital como portador da verdade sobre o que tem ou não valor, tal sociedade estaria limitada ao pragmatismo adaptativo ao *status quo*. Neste o que importa é consumir, crescer economicamente e *progredir*. Toda essa operação cultural até aqui exposta influencia ativamente a presença de determinadas formas de ser em larga escala.

Para falar sobre tais formas de ser, Severiano e Estramiana (2006) afirmam que as estratégias de sobrevivência estariam se dando, predominantemente, por soluções particularistas calcadas no bom desempenho em prejuízo das causas coletivas. Essas estratégias são os atributos da cultura contemporânea que enaltecem o indivíduo pelo culto da expansão da consciência, do crescimento pessoal e da saúde oferecidos por algumas propostas terapêuticas. Apelar-se-ia para uma vivência intensiva do instante ligada a um despreço pelo passado e descuido com o futuro. Assistiríamos ainda à apologia do poder e da vontade individuais como fatores que determinam o destino de si, acarretando certo isolamento e diminuição dos interesses político-coletivos. Essa ilusão de onipotência e sua marca de personalismo seriam recorrentemente incentivados pelas campanhas publicitárias. Em meio a tanto, os autores afirmam que ganha força o culto ao corpo e a escassez de uma reflexão crítica influenciada pelo recurso às imagens e pela expectativa de completude oferecida pelo objeto de consumo. Estes fatores submeteriam o desejo aos ditames do mercado.

Notamos no parágrafo acima que estão elencadas algumas das características consideradas mais acesas nos modos de subjetivação que seriam então aquelas hegemonicamente visíveis na cultura contemporânea. Essas teriam se erigido paulatinamente ao longo do turbulento século XX, como nos permite entrever o filme *Nós que aqui estamos, por vós esperamos*. Alguns dos quais, inclusive, avançariam em força e alcance no século presente. Outras influências sobre o sujeito, não exatamente elencadas acima, mas de certo modo a essas vinculadas, surgem nesses últimos anos em parte devido ao impulso por que vem passando a rede mundial de computadores.

De nossa parte, sublinhamos que vários dentre os fenômenos aqui retratados podem ser encontrados em grande número, mas ressalvamos que expressam o modo de subjetivação predominante ou hegemônico, que negamos ser generalizado ou totalizante. A fim de oportunamente refletirmos acerca das possíveis e supostas implicações de tais eventos no que se refere à memória, vamos nos deter ainda um pouco no fenômeno das tecnologias digitais. Nas últimas décadas essas tecnologias vêm passando por franca ascensão, chegando mesmo a pertencer ao cotidiano de um sem número de sujeitos.

1.4. Sobre a tecnologia digital

Ao longo do século XX, sobretudo em suas últimas décadas, e nesses primeiros anos do século presente, assistimos a ascensão e o avanço da tecnologia digital. Conforme Trevizan (2014), tal fato se mostra crescente nos mais diversificados campos, desde a vida profissional, passando pela educação, pelos encontros sociais e episódios de lazer, pelas brincadeiras das crianças, chegando até mesmo a questões tão íntimas como as vivências sexuais. Fato é que há mudanças em curso como entende o mencionado comentarista. E essas mudanças não estão limitadas a um campo em específico. Nos mais variados aspectos da vida contemporânea essa tecnologia se torna presente de forma cada vez mais insistente, podendo mesmo ser vista como um elemento regente do nosso dia a dia e participante da nossa intimidade. Como quer que seja, os vínculos entre os sujeitos, o modo como vemos o mundo e lidamos com o conhecimento e a informação tem sofrido significativas alterações com a forte presença das novas ferramentas tecnológicas.

Assmann (2006/2011) constata que atualmente estamos sob um novo paradigma em que conformações ancestrais pelas quais a memória funciona são trocadas por outras, com as tecnologias digitais ocasionando significativas alterações no que tange à configuração, à atividade e à compreensão da memória. A autora ilustra que mesmo nas mais longínquas caracterizações da memória já se lança mão de emblemas do registro a partir de recursos

tecnológicos, desde as tábuas de cera e pergaminhos até a fotografia, o filme e o computador. Em seu texto, julga haver indicações na cultura de uma transição de época, pois aquela que pode ser reconhecida como a mais eminente insígnia da memória (a escrita) sofre desgastes frente ao forte apelo visual da rede eletrônica. Perante a aglomeração de dados viabilizada pela tecnologia digital os estudos sobre a memória se encontram diante da premissa da sobrescrita infundável e da presumível recomposição das recordações. Nesses termos, refere-se à mutação de paradigma que atravessamos através de dois casos: as tecnologias de armazenagem e a investigação da estrutura cerebral. Em ambas, a formulação de um repertório perdurável de conhecimento é preterido em função da lógica da sobrescrita ininterrupta.

Para Assmann (2006/2011), a escrita digital se caracteriza como fluida, isto é, conveniente ao fluxo constante, dada sua condição imaterial. Em função dessa característica, ela permite que batam em retirada os distintivos elementares que tornaram a escrita uma considerável insígnia da memória. A autora chega até a afirmar que, na escrita digital, aptidões como armazenar (registrar) e apagar (deletar) estão tão aproximadas que o lapso entre elas pode estar restrito ao simples apertado de um botão. E acrescenta que, se as imagens são elaboradas em séries e voltam-se ao esquecimento, a recordação não é alvo de estima. Na comunicação, como em muitas outras áreas, predominantemente, opta-se pela mercantilização – uma política que parece não se ocupar da memória. E adverte que, se a informação é veiculada incessantemente, o recordar, que precisa de intervalos, torna-se inviável.

Na era da informatização em que a tecnologia sempre em renovação atravessa nosso cotidiano em inúmeras situações, Seligmann-Silva (2006) problematiza algo marcante em nossa condição humana desde tempos remotos, o fato de sermos dotados da capacidade de construir memória. Após o movimentado século XX, vivemos sob a égide de ideologias e interpretações universalistas em situação de quase desaparecimento. Parece que cada vez mais migramos em direção aos apertados contornos de nosso próprio corpo. O autor reconhece nesse movimento uma profunda crise que desgasta os fundamentos do conhecimento e se impõe como maior do que uma guinada restrita apenas ao plano linguístico.

Nas sociedades globalizadas, com o lugar cada vez mais proeminente que a tecnologia digital vêm ocupando, ocorrem modificações e inovações sem parar e um ritmo frenético parece se impor a todos. Assistimos, a título de exemplo, ao uso do aparelho celular por *incontável número* de sujeitos, de maneira cada vez mais extensa e intensa. Extensa em termos de quantidade de tempo e intensa nos investimentos de energia que tal prática demanda. Com os olhos fixados e os dedos agitados, muitos de nós, sujeitos contemporâneos,

parecemos nos restringir cada vez mais à tela e passamos a interagir menos com aqueles que se encontram geograficamente próximos, enquanto aumentam os contatos pelo aparelho. As informações não cessam, chegam aos milhares diuturnamente. Com efeito, passamos de uma a outra tão rápida e irrefletidamente que parece ser pertinente indagarmos o modo como lidamos com os fatos, o que deles fica, como os processamos, como nos atingem e mais, como diante deles nos posicionamos.

Nas próximas linhas, então, abordamos esse fenômeno global da tecnologia digital que avança tanto em termos de uso para as mais diversas funções, tarefas e procedimentos como em seu poder de alcance, uma vez que chega em muitos ambientes e atinge um número crescente de sujeitos. Para isso, tomamos como referências dois pesquisadores especialmente voltados a esse fenômeno, Sibilia (2016b), já por algumas vezes citada, e Serres (2012/2013), que passamos a citar.

Para Serres (2012/2013), vivemos em uma época de mudanças, de certo modo excepcionais, dada a originalidade de suas características quando comparada com outras épocas. O próprio modo de ser no mundo é afetado por essas mudanças de consideráveis proporções:

De fato, há algumas décadas, vejo que vivemos um período comparável ao da aurora da *paideia* – depois que os gregos aprenderam a escrever e a demonstrar, semelhante à Renascença, que viu surgir a imprensa e ter início o reinado do livro. Mas trata-se de um período incomparável, pois, ao mesmo tempo em que essas técnicas se transformam, o corpo se metamorfoseia, o nascimento e a morte mudam, assim como o sofrimento e a cura, as profissões, o espaço, os habitats, o ser no mundo (Serres, 2012/2013, p. 28-29).

Serres (2012/2013) pensa sobre esse contexto colocando no centro da cena uma personagem a quem apelida Polegarzinha. Esta significa ao mesmo tempo a jovem que lida com um mundo hoje visivelmente diferente daquele ainda conhecido por seus antepassados (mesmo os mais recentes) e também a figura historicamente desvalorizada daqueles considerados socialmente subalternos e, portanto, julgados menos importantes (o cidadão anônimo, o camponês, o operário, o estudante, o eleitor, o passante, entre outros). Seu livro é permeado do início ao fim por uma contundente crítica ao mundo ocidental tal como fora construído ao longo de séculos, da antiguidade à modernidade. Desde as formas orais de comunicação e estruturação social até a consolidação e expansão da escrita, o que vimos, segundo Serres (2012/2013), foi uma cultura que restou marcada por desigualdades,

privilégios e injustiças, com hierarquias onde os detentores do poder decisório estavam atribuídos de conduzir, organizar e normatizar a vida em sociedade.

Para Serres (2012/2013), a Polegarzinha dispõe de uma forma diferente de lidar com o saber e com o mundo através da *internet*, das redes sociais e de tantos outros dispositivos tecnológicos da era informática. O autor chama a atenção para o fato de que Polegarzinha (muitos sujeitos desse século XXI), não convive mais com animais, mora em um planeta bastante urbanizado e suas formas de relação são notavelmente diferentes daquelas até então conhecidas. No decorrer do século XX, houve exponencial aumento numérico de habitantes no planeta, levando-o a ultrapassar a marca de sete bilhões de seres humanos. Isso quer dizer que a Polegarzinha mora em um mundo superpopuloso. O comportamento e o corpo mudaram em relação aos bisavós e até mesmo em relação aos próprios pais da Polegarzinha. No turbilhão das mudanças em curso, nenhum adulto lhe inspirou princípios. Seu nascimento foi quase certamente programado, diferentemente de seus pais ainda concebidos com o efeito surpresa.

Serres (2012/2013) observa que em poucas décadas o mundo vem passando por mudanças tão intensas quanto significativas, não só na configuração dos espaços, pois o próprio modo de vida humana tem se alterado. Relativamente distante do mundo em estado natural, a Polegarzinha quase desconhece a convivência com animais domésticos, praticamente ignora acontecimentos como a colheita no verão, os conflitos, cemitérios, gente ferida e faminta, a pátria e sua bandeira com sinais de sangue, monumentos dedicados aos mortos. Diante de tal desconhecimento, sem vivências desse tipo, desprovida do contato diário e vivo com o sofrimento individual e coletivo, Serres (2012/2013) pergunta como Polegarzinha chegaria a conhecer princípios certamente fundamentais e necessários. E faz sua defesa ao dizer que as gerações anteriores falharam com ela.

Polegarzinha é formada pela mídia – geralmente planejada e conduzida por adultos –, que atinge e prejudica sua capacidade de atenção. Por essa mídia, morte é palavra amplamente exibida e reforçada por imagens em que cadáveres aparecem explicitamente. Serres (2012/2013) calcula que por volta dos doze anos Polegarzinha já foi levada a assistir algo em torno de vinte mil assassinatos. E sentencia que diante de um mundo velho, duro, injusto e em ruínas, não é dos gestores de tais estruturas sociais que virão as mudanças favoráveis à igualdade e à justiça. Ao contrário, as mudanças e o novo, na cultura do Ocidente, só poderão vir daquelas Polegarzinhas que conhecem, vivem e têm a oportunidade de erguer e consolidar um mundo diferente deste que há séculos conhecemos.

A sociedade que ao longo do tempo cresceu no Ocidente, observa Serres (2012/2013), foi marcada por injustiças, brutalidades, guerras, sofrimentos e mortes. As instituições ao mesmo tempo em que garantiam um perfil identitário aos sujeitos, impuseram-lhes a entrega da própria vida caso se fizesse necessário. Não faltaram dores e perdas irreparáveis. Uma sociedade, por assim dizer dura, que forjava seus membros no sofrimento e se organizava por instituições que exerciam poder sobre o modo de ser dos sujeitos, atravessando-os inexoravelmente. Esse mundo, para o teórico, está em vias de extinção. Ele não mais serve, não sobreviverá.

Sendo assim, está cedendo lugar a outro mundo, mais suave, arejado e leve, o mundo atual no qual vive Polegarzinha. Não mais o mundo oral, tampouco o mundo da escrita, – embora esta continue tendo grande força, pois, como nota: “Nem sempre percebemos, mas vivemos em coletividade, hoje em dia, como filhos do livro e netos da escrita” (Serres, 2012/2013, p. 39). Apesar disso, hoje nos inserimos em um mundo virtual, da tecnologia digital, da *internet* com suas redes sociais, páginas, blogs e um *mar* de informações. O autor, de forma entusiástica, assim caracteriza a nova personagem que surgiu junto a esse mundo, a Polegarzinha:

Esse recém-nascido indivíduo acaba sendo, porém, uma boa notícia. Comparando os inconvenientes disso que os velhos ranzinzas chamam de “egoísmo” com os crimes cometidos por ou pela *libido* de pertencimento – centenas de milhões de mortos –, amo de forma apaixonada esses jovens (Serres, 2012/2013, p. 23).

Polegarzinha é reconhecida como a garota conectada à *internet*, falante, agitada, que lida de modo diferente com o mundo, com um corpo que habita outro espaço nessa cultura que passa por alterações na língua e no trabalho. Frequentemente incompreendida, é acusada de individualismo e egoísmo pelos mais velhos. Ela é um novo sujeito para quem as velhas instituições (família, escola, universidade, religiões, exército, Estado, nação) não mais respondem à altura, embora ainda estejam presentes e atuantes entre nós. Todas se forjaram quando a cultura ainda se movia pela oralidade ou pela escrita. Dentre as instituições enumeradas pelo teórico a maior em estrutura e força é o Estado. E a escola é a que recebe Polegarzinha com a missão de ensiná-la e “adaptá-la” à vida social, mas que vem demonstrando sucessivos fracassos, uma vez que sua estrutura e funcionalidade não responde aos anseios da jovem personagem. Na atualidade, ela dispõe de diversos meios de acesso ao saber, ou seja, o professor vem perdendo o lugar privilegiado de único detentor do

conhecimento e, portanto, aquele *status* do mestre que seria o único capaz de transmiti-lo. Essa ordem, para Serres (2012/2013), é sacudida pelas possibilidades dadas pelas novas tecnologias, às quais Polegarzinha recorre e pelas quais transita com notável habilidade. A era digital – que apenas começa –, pelo olhar cordial de Serres (2012/2013), traria novas e potentes possibilidades para que outros modos de ser e saber, bem como inéditas formas de organização social, possam ser construídas e consolidadas.

Sua contundente avaliação das formas sociais que herdamos (antigas ou modernas) contrasta com o elogio e voto de confiança com que aposta na sociedade atual, declarando-a “Volátil viva e suave, a sociedade de hoje mostra mil línguas de fogo ao monstro de ontem e de antigamente, duro, piramidal e gelado. Morto” (Serres, 2012/2013, p. 94). As pirâmides e a Torre Eiffel são evocadas pelo autor como símbolos desse mundo velho, feito de pedra e ferro. Não à toa estruturas endurecidas, enquanto que uma obra de arte em forma de árvore-luz (em chamas) colocada ao lado do Rio Sena, em Paris, simboliza a fluidez, mobilidade, potência, vivacidade e esperança de um novo tempo. Este não poderá vir a se ampliar pelos ultrapassados gestos do jeito antigo ou moderno, mas pela Polegarzinha, isto é, todos aqueles socialmente *menores* que essa personagem simboliza.

Sendo assim, para o teórico, um mundo diferente está em franca ascensão, o mundo habitado por Polegarzinha, que experimenta uma passagem de época com a eclosão da tecnologia digital e seu potencial para novas formas de relação, inserção social e o incremento da participação de todos. Um mundo inclusivo e potencialmente mais democrático onde aqueles até então desprezados podem ter voz e fazer valer sua vez. Em Serres (2012/2013), Polegarzinha é o símbolo do sujeito filho dessa era de mudanças na qual se poderá realizar algo efetivamente novo.

Como aponta Serres (2012/2013), a geração atual não surge *do nada*, mas é de certo modo, e até certo ponto, fruto e consequência das gerações que lhe antecedem. Aquelas que não poucas vezes, equivocadamente, direcionam o dedo para a atual com acusações e comparações tendenciosas. Mas os acusadores não reconhecem que foram incapazes de lhe inspirar confiança e transmitir valores sólidos que refletissem um mundo de fato justo e coerente, uma vez que cada um de nós só consegue dar o que tem. O escritor coloca como protagonista uma personagem que aglutina em si todos aqueles que sempre foram tratados com desconfiança e submetidos aos esquemas forjados nas mais diversas instituições, vindo a ocupar sempre um lugar menor, aquela posição de quem deve apenas ouvir, obedecer, enquadrar-se e executar as ordens. Serres (2012/2013) entende que a cultura ocidental se forjou com base em injustiça, desigualdade e imposição de um modo de ser e existir à grande

maioria. Maioria esta excluída do papel de protagonista da sociedade, chegando até mesmo a ser privada da tomada de decisões em relação à própria vida.

O que será do mundo atual e futuro, quais possibilidades e rumos as novas tecnologias estão imprimindo e contribuirão para se concretizar, bem como o papel e importância que terá a Polegarzinha de Serres (2012/2013) não o sabemos. É inviável prever se fará valer um suposto potencial de gestar o novo, superando o individualismo e unindo-se a outros ou uma hipotética inclinação ao isolamento e à comunicação superficial interessada apenas na autoexibição. Parece-nos difícil que apenas uma dessas formas permaneça atuante em detrimento da outra, tendo em vista que ambas se exibem com força e compartilham espaços nessa trama. Talvez possamos observar ora uma tendência maior a uma forma, ora à outra. No que tange a essa questão, o mais compatível seja, quiçá, pensar que um mesmo sujeito pode concentrar em si ambas as formas de agir, concomitantemente, expressando-as até em um mesmo gesto.

Trata-se, portanto, de uma questão atravessada pela possibilidade do múltiplo. Por essa razão, qualquer previsão relativa à prevalência de uma tendência ou outra nos parece um tanto quanto insuficiente de fundamentos. Assim, torna-se necessário reconhecer a ambiguidade tanto da tecnologia digital como da própria geração atual. Ambos podem contribuir com a perpetuação de injustiças, desigualdades e brutalidades, talvez até com novas roupagens, ou podem somar em favor de mudanças, contribuindo na consolidação de um mundo pretensamente melhor do que este que chegou até aqui.

Nesse sentido, Sibilia (2016b) percebe nas manifestações proporcionadas pelas mídias sociais, tanto a possibilidade de favorecer o mundo em direção a mudanças significativas para melhor quanto a possível propensão para usos de conteúdos danosos em incontável número que não disponha de nada além do que possa ser reconhecido como supérfluo, inconsistente e vazio. Por certo, o acesso à mídia em proporções como as que temos hoje é uma alternativa para o avanço de uma democracia de cunho participativo. Se tais formas de mídia podem ser descritas, por um lado, como ferramentas potentes de articulação e mobilização para os mais diversos meios e grupos que desejam a efervescência do novo tomando conta do tecido social, por outro, não deixam de ser um palco para exibições vãs e grotescas de todo gênero.

Ao reconhecer possibilidades, como um vislumbre, a pesquisadora não deixa de expor alternativas e propostas. Ela defende o valor da opção por um modo de viver discreto e silencioso, em franco descompasso com a era atual que nos convoca à frequente exposição repleta de imagens e barulhos. Para Sibilia (2016b), essa atitude na contramão seria uma forma discreta de resistir à vida convertida em espetáculo. Sendo assim, a projeção,

comunicação e disposição de si em termos imagéticos e em alguns casos talvez até mesmo mercadológicos poderiam encontrar uma barreira que venha a interferir nas redes sedutoramente oferecidas. A resistência que a autora concebe frente ao convite por se fazer visível talvez eleve a potência para gestar novos jeitos de ser e se situar no mundo.

1.5. Esboço sobre a memória na contemporaneidade

Sibilia (2016a) argumenta que nosso entendimento sobre o lembrar e o esquecer, bem como o reconhecimento do que significa sermos únicos se vincula às nossas recordações, ao mesmo tempo em que dependem dos contextos culturais. Nessa direção, os amálgamas da história recente talvez tenham levado a formações impensáveis que estão mexendo com o entendimento acerca de quem somos. Questão esta decisivamente ligada ao modo como lembramos e esquecemos.

Em meio ao cotidiano da aceleração do tempo realizada globalmente, estaríamos nos deparando, segundo Sibilia (2016a), com certa vulnerabilidade da memória encontrada nos procedimentos para rememoração do que se viveu, bem como nos mecanismos pelos quais se constroem narrativas do eu. Ao mesmo tempo, porém, parece que convivemos com uma busca obsessiva por memórias, arquivos, registros e museus. Fenômeno este talvez ligado a um temor do esquecimento em que haveria tensão diante das falhas passíveis à memória e insegurança relativas à possibilidade de se verem apagadas as lembranças que temos com a consequente eliminação do passado. Essas preocupações com o passado se dão, conforme Sibilia (2016a), quando se observa tanto a busca pelo emprego de técnicas que prometem o bloqueio das lembranças incômodas, quanto pela insegurança mediante a ameaça do esquecimento. Questões estas que falam sobre o modo como compreendemos e vivenciamos a memória e estão implicadas na composição dos sujeitos.

Para Assmann (2006/2011), nas sociedades ocidentais, a memória se encontra em um momento ímpar no qual as novas formas de mídia avançam de forma exponencial sua presença e importância na dinâmica social. Além disso, nunca está descartado o risco de insurgirem regimes tirânicos de governo. Sob tais condições, o que se dará com a memória se torna enigmático e inseguro pela atuação desses dois sistemas prenunciadores de incertezas e perigos: a cultura das mídias de massa e o estado totalitário. Para a autora, ambos representam ameaças à memória porque operam através de extremos. Enquanto a primeira oferece informações em excesso, o segundo impõe rígida limitação às informações.

Sendo assim, segundo esse modo de ver, sob qualquer desses extremos a memória talvez se encontre em uma situação delicada. Pelo excesso de informação parece que tende a

se tornar sem grande valor, vindo a ocupar um lugar periférico, ao passo que por seu controle totalitário parece ser objeto estratégico nas artimanhas que visam estabelecer certas formas de compreensão do passado, condução do presente e construção do futuro. Isso talvez signifique que somente livre dessas malhas a memória seria um elemento potente na constituição de sujeitos inquietos capazes de questionar a si mesmos e a cultura na qual vivem.

As excitações que provêm da cultura, como vimos, há décadas e especialmente no presente nos chegam ininterruptamente. Influenciariam, assim, os conteúdos psíquicos tanto inconscientes quanto conscientes em cada sujeito. Faz-se pertinente, desse modo, reconhecer a relevância da investigação sobre a constituição e funcionamento da memória no sujeito, pois esta, como diz Assmann (2006/2011), é tanto um fenômeno interno ligado ao funcionamento psíquico, quanto cultural, que se vale de mecanismos ou meios produzidos na cultura, ambos sempre articulados, atravessando-se mutuamente. Segundo a pesquisadora, o ato de recordar, mesmo que seja negligenciado individual ou coletivamente – como ela entende ser o caso na atualidade –, não parece nos deixar. Diante dessa indicação, não obstante as condições, bem como os modos de subjetivação até aqui enfatizados na cultura contemporânea, parece que de alguma forma a memória nos desassossega e inquieta.

Por essa razão, indagamos sobre a situação da memória em tal contexto, tarefa certamente complexa a qual pretendemos fazer colocações mais à frente, em tom de desfecho. Para tal empreitada, contudo, é primeiramente necessário explorar o modo como a memória participa na constituição subjetiva com suas diferentes formas de operação, questão para a qual nos voltamos no próximo capítulo.

Essa investigação requer o recurso a um arcabouço teórico consistente que, como já fora por diversas vezes mencionado, encontramos no trabalho teórico-clínico inovador promovido por Freud. Sua pesquisa problematiza as prerrogativas modernas extrapolando os temas de ordem filosófica e científica, considerando que sua abrangência alcança a própria cultura e subverte a questão do sujeito, chegando mesmo a explorar e entrelaçar temas os mais variados como memória, trauma, tempo, entre outros. Com base na investigação da memória em Freud buscamos, dando mais um passo, dissertar sobre as prováveis implicações do que ele pondera para poder pensar sobre a memória na contemporaneidade.

- Capítulo II -

A MEMÓRIA NA MODERNIDADE: UMA LEITURA FREUDIANA

A memória nos prega peças.
Tony Judt

Neste capítulo, pretendemos tecer uma leitura acerca da memória no âmbito do pensamento freudiano, pois o precursor da psicanálise, como observador atento do seu tempo, ou seja, da sociedade moderna, em sua trama teórico-conceitual, toma a memória como um elemento necessário para investigar as questões teóricas e clínicas com as quais se defronta. Questões estas que o remetem a pensar acerca da constituição dos sujeitos concernentes à época quando se dispõe a pesquisar suas formas de padecimento psíquico.

Encontramos diversos comentaristas que se voltam para o estudo da memória tentando responder à pergunta pelo seu lugar no âmbito da obra freudiana. Antonello e Herzog (2012), por exemplo, consideram que o tema ocupa um lugar central na estrutura teórico-clínica do pensamento de Freud, tornando-se indispensável para a investigação de algumas dentre as respostas que busca acerca do sujeito. Salztrager (2014), por sua vez, estima que se trata de uma temática congruente e certamente relevante para a clínica, mas adverte que Freud não se dispôs a prescrevê-la com solidez conceitual, de maneira que a memória não deve ser pensada como um conceito. O comentarista depreende que na metapsicologia traçada por Freud alguns temas recebem o vulto de conceito e são fartamente explorados e expandidos, tais como: inconsciente, pulsão, narcisismo, entre outros, enquanto que a memória protagoniza apenas poucos artigos, atingindo desse modo apenas um lugar episódico.

No entanto, por sua articulação com tantos outros temas, a partir da reflexão de Salztrager (2014), arriscamos dizer que, em Freud, a memória pode ser encarada como aquele adjunto que perfaz uma notabilidade maior do que a esperada. Talvez não tanto pela quantidade de vezes em que é citada nem pelo número de textos que a ela são tributados, mas por ser uma peça sem a qual muito de tudo mais, em se tratando do pensamento freudiano, teria sua explanação embaraçada. Em alguns escritos iniciais de Freud, como expomos adiante, é possível notar que o tema parece ter sido alvo de interesse em maior medida que no transcorrer de sua obra.

Para explorar a memória em parte da extensa obra freudiana, programamos o seguinte percurso: introduzimos a reflexão com breves considerações acerca do autor e seu pensamento, indicando que a memória se insere no conjunto do trabalho teórico-clínico com o

qual Freud estabelece diretrizes dissonantes daquelas até então conhecidas no contexto de surgimento da psicanálise. Na sequência, buscamos refletir sobre a memória como noção de significativo valor na teoria freudiana, explorando alguns dentre os textos em que esta é colocada ou como o elemento central ou que ao menos exhibe certa proeminência.

2.1. Freud, psicanálise e memória

Freud possui uma extensa e profunda obra escrita entre o final do século XIX e a década de 1930. Sua obra é reconhecidamente marcada por distintas etapas em que a partir do trabalho clínico entrelaçado às suas produções teóricas, promovem-se revisões e tomadas de posição complementares ou mesmo diferentes, reformulando por vezes as diversas questões investigadas.

O artífice da psicanálise funda seu trabalho e obra escrita no cenário cultural europeu do final do século XIX, notavelmente marcado pelas diretrizes modernas, onde as categorias da racionalidade científica eram aquelas que se destacavam. Batista (2007) descreve como características fundamentais da modernidade o surgimento da ciência e do ser humano dotado de racionalidade, consciência de si e autonomia, o que recebe o nome generalista de sujeito. Birman (2006) aponta para o fato de que antes da modernidade o indivíduo estava assentado na concepção holística, restando submerso na grandeza do cosmos, tanto nas esferas grega e romana como na cristã. Com a modernidade, passa a ocorrer o autocentramento do sujeito no eu e na consciência com fundamento no discurso metafísico desde a filosofia de Descartes e com a tradição que se segue depois dele. Desse modo, a modernidade se centra no indivíduo, sendo a individualidade o que fundamentalmente define seu ideário, não havendo como nela pensar sem essa categoria. O projeto moderno é antropológico e antropocêntrico, precisamente porque o indivíduo passa a ocupar o lugar primeiro na medida de todas as coisas. A instituição do indivíduo como categoria prioritária e o peso de centralidade a ele atribuído são, portanto, características basilares da modernidade.

Inserido no contexto cultural que leva tal forma de ser ao ápice, Freud empenha-se no estudo acerca do sujeito ao destinar grande parte de seu tempo às investigações sobre a constituição e funcionamento do psiquismo, figurando, por essa via, como crítico dos mais perspicazes em relação à cultura em que vivera. Por isso é reconhecido por vários estudiosos como modernista. Lipovetsky (1983/2005) explica o modernismo como vinculado ao processo secular que leva ao surgimento das sociedades democráticas com base na soberania popular e individual. Sociedades que almejam se ver livres da submissão aos deuses, às hierarquias herdadas e à tradição. Para o filósofo, a base sobre a qual se funda o modernismo

é a reviravolta do indivíduo, que fora elevado à categoria referencial. Tal movimento, então, fermentou-se pelo ser individual forjado com a modernidade, cuja autopercepção e a livre disposição de si passam a ser um fim. O autor considera o modernismo como o

[...] prolongamento cultural do processo que se manifestou com estrondo na ordem política e jurídica no final do século XVIII, arremate do empreendimento revolucionário democrático constituindo uma sociedade sem fundamento divino, pura expressão da vontade dos homens reconhecidos como iguais (Lipovetsky, 1983/2005, p. 66).

O movimento modernista localizado entre o fim do século XIX e o início do XX é definido por Birman (2006) como uma formação da modernidade somente possível mediante as conjunções que ela própria produz. Com uma interessante interpretação psicanalítica de tal mobilização cultural, Birman (2006, p. 47) atesta que “[...] o modernismo é um sintoma da modernidade, o que faz retornar de forma trágica o que esta quis recusar com as pretensões do sujeito de ser autônomo e soberano, isto é, autocentrado nos registros do eu e da consciência”. O psicanalista, aliás, aponta o modernismo como atividade crítica da modernidade desenvolvida por diretivas distintas a esta. Com o modernismo, o campo dos signos é revirado e as diretivas da modernidade sofrem torções, uma vez que na modernidade advém o centramento do eu e da consciência e a ciência passa a se compor como a expressão agenciadora da verdade, suplantando os discursos da filosofia e da teologia, que eram decisivos até ter início a era moderna.

Birman (2006), com base no pensamento de Foucault, cita três autores que têm sido estimados como os precursores do movimento modernista, quais sejam: Marx, que afirma a consciência como subsumida no âmago das relações econômicas e forças produtivas em voga na sociedade. Nietzsche, que aponta para a dimensão do poder na composição da verdade. E Freud, finalmente, ao ressaltar a descentralidade da consciência e do eu em relação às pulsões e à sexualidade, concebendo o inconsciente como fonte proeminente a emanar força no psiquismo.

A psicanálise, escreve Garcia-Roza (2008), compôs-se como um modo peculiar de conceber o sujeito ao considerá-lo clivado, ou seja, marcado pela divisão em dois grandes sistemas: Inconsciente e Pré-consciente/Consciente. Seu sentido, porém, remete ao Inconsciente. Essa concepção de sujeito é radicalmente distinta daquela que fora pensada por Descartes nos primórdios da modernidade, uma vez que na perspectiva do filósofo, trata-se de uma subjetividade psicológica integrada e assimilada na consciência. Na psicanálise,

diversamente, a subjetividade clivada funciona por duas ordens díspares e uma dessas ordens, a inconsciente, a estabelece e constitui. Há, portanto, algo inovador no pensamento freudiano em sua concepção do sujeito; algo que, segundo Garcia-Roza (2008), o coloca distante tanto da psicologia quanto da filosofia, não no sentido de superioridade, mas de uma notável diferença.

Como pontua Garcia-Roza (2008), o inconsciente tal como conceituado pelo precursor da psicanálise resulta em uma leitura manifestamente inédita acerca do sujeito. O que acarreta implicações no estudo da memória. Segundo Canavêz (2012), Freud aponta, continuamente, os registros por onde a memória funciona, a saber, o inconsciente e o consciente. Ao longo de sua trajetória, no extenso processo de formulação da teoria psicanalítica sempre inseparável de sua atuação clínica, ele investiga o psiquismo e constrói uma concepção do aparelho psíquico; e a memória encontra lugar no conjunto de suas concepções, recebendo sua atenção. No entrelaçamento das investigações freudianas com sua prática clínica, em meio a qual o fato constante de os pacientes não manifestarem certas lembranças (relacionadas a conteúdos sexuais) terminam despertando seu olhar atento e o levam a postular uma abordagem incipiente sobre a memória (Freud, 1950[1896]/1996), em sua ligação às psiconeuroses.

Já nos primeiros anos de seu trabalho clínico, Freud começa a construir, paulatinamente, uma abordagem distinta daquelas restritas ao campo da psicologia, isto é, alinhadas e limitadas à consciência. Como é sabido, o pai da psicanálise surpreende ao sistematizar sua teoria elegendo por objeto o inconsciente, de tal modo que sua concepção sobre o sujeito inova não só o campo psicológico, mas também o da medicina e o da ciência, com ressonâncias marcantes até mesmo na própria história do pensamento. De acordo com Garcia-Roza (2008), Freud organiza e apresenta a concepção de inconsciente no capítulo sete de *A interpretação dos sonhos* (1900/1996). Nos termos originais aferidos por Freud, o Inconsciente é um sistema psíquico diverso a outro, o sistema Pré-consciente/Consciente, diferenciando radicalmente a teoria psicanalítica da psicologia da consciência.

Enquanto nas construções teóricas daqueles que são os pilares do pensamento moderno, tal como Descartes, a consciência, o eu e a razão são tomados enquanto “lugar” da verdade no sujeito, Freud considera o eu e a consciência como sendo o que de fato oculta sua condição mais fidedigna. Até então concebido de acordo com a identificação com sua consciência, desde Freud aparece a importante questão sobre o sujeito do inconsciente em sua ligação com o sujeito consciente. Sujeito marcadamente dividido, isto é, cindido entre duas ordens díspares atuantes em si mesmo. Como escreve Garcia-Roza (2008), com Freud o que se almeja é tornar explícita a lógica do inconsciente e o desejo que a impulsiona.

Importa levar em consideração o contexto histórico e as questões que pululavam quando aparece Freud e enquanto amplifica sua teoria. Acerca disso, Albuquerque (2015) pondera que, ao longo do século XIX, o modelo anatomopatológico ganha força na medicina moderna, alcançando o posto de condição de explicação nas diversas especialidades médicas. Assim, era paulatinamente instituído um paradigma para a leitura dos sujeitos e suas doenças, na qual a base organicista do pensamento ganha destaque. A aplicação desse modelo teórico-metodológico termina acarretando certo impasse na psiquiatria, que tentava se solidificar enquanto especialidade médica. Para tanto, seu objeto – a perturbação da mente – precisava enquadrar-se ao paradigma médico organicista. E isso se desenrola precisamente no contexto em que Freud começa a exercer seu trabalho de médico *pari passu* com sua condição de pesquisador.

Freud, por sua própria formação, recebe influências das ciências da natureza, sendo esta a base epistemológica própria da medicina moderna, que o faz se pautar pelas categorias de normal e patológico. Não obstante essa tendência mais visível na fase inicial de seu percurso, frente ao discurso médico de sua época de surgimento, a psicanálise, tal como Freud a projeta, tinha por meta elucidar o funcionamento das neuroses. Isso proporciona ter como premissa uma forma de intervenção diligente para a obtenção de êxito terapêutico que não ocorria com a prática médica tornada comum à época, pois esta se restringia aos aspectos anatomopatológicos, que terminavam levando à tendência em procurar a neurose na estrutura e funcionalidade cerebral.

Com o crivo do fator psíquico operado por Freud, os sintomas neuróticos são abordados em sua intrínseca relação com a vida afetiva e o dinamismo das forças psíquicas. Desse modo, conforme salienta Albuquerque (2015), a doença é pensada por Freud em uma perspectiva dinâmica, tendo ele se posicionado em desfavor de sua ontologização, isto é, da noção que toma a doença como marcada por certa natureza mórbida e apartada das situações que envolvem o sujeito, desde as mais peculiares até aquelas de cunho mais irrestrito derivadas do quadro político e social. As perturbações anímicas são percebidas contra todo e qualquer objetivismo e reducionismo simplistas, achando-se por Freud definidas como modos de inserção na linguagem. Com isso, ganham relevo as significações produzidas pelo sujeito detectadas por Freud no seu trabalho clínico, levando-o a presumir uma psicogênese frente aos relatos de seus pacientes.

Apesar de pensar a teoria que inaugura como afeita às ciências da natureza, Freud atina uma abordagem díspare. Como indicam Canavêz e Herzog (2007), ele parte de uma noção determinista pautada pela busca da origem dos sintomas para uma elaboração de caráter

histórico, própria da modernidade, em que se sonda não a origem, mas o começo no qual elementos vários são partícipes na formação sintomática. Tanto o sintoma como o próprio psiquismo, nesse sentido, dispõem-se não por um único fator, mas por múltiplos. Isto desvela a guinada freudiana operada frente ao saber médico e enseja uma visão acerca do caráter singular da constituição de cada psiquismo. Convém entender a concepção psicopatológica elaborada por Freud, portanto, não como aquela que aponta para um deficit, mas para a valorização da singularidade que caracteriza todo e qualquer psiquismo.

É por essa via de leitura do trabalho teórico-clínico empreendido por Freud que Gay (1985/1989, p. 73) se refere a ele como o “geógrafo supremo da mente”. As observações psicanalíticas que Freud introduz destacam a proeminência de tensões existentes no psiquismo. Nesse sentido, o historiador entende que o olhar freudiano sobre o sujeito aponta que este tem em si questões que ficam incoerentes e em sigilo, uma presença concomitante de amor e ódio, ânsia de existência e destruição. Freud então passa a averiguar que firmes posturas e certezas ideológicas ou dogmáticas talvez ocultassem incertezas, inseguranças e angústia.

Gay (1985/1989) entende que a psicanálise é um saber que suspeita, pois considera que nada é exatamente como se apresenta, ao mesmo tempo em que são o que aparentam, mostrando-se paradoxais. Essa caracterização da psicanálise feita pelo historiador nos remete ao pensamento de Paul Ricoeur, que dedica grande parte de sua pesquisa a uma leitura filosófica da obra freudiana. É ele quem cunha uma expressão que se torna bastante conhecida (mestres da suspeita) para se referir a Freud e também a Marx e Nietzsche (Ricoeur, 1965/1977).

Como assinalamos na alusão ao modernismo através do comentário de base foucaultiana apresentado por Birman (2006), condiz avocar o próprio Foucault. Assim como Ricoeur, este filósofo também coteja os três pensadores à sua guisa típica ao intitulá-los como autores, situando-os como instituintes de novas ordens discursivas, entre outras características, justamente porque estas se fizeram ativas e influentes na cultura. Ricoeur (1965/1977) salienta o fato de cada qual desses pensadores, ao seu modo, ter colocado em xeque a consciência enquanto instância determinante para o sujeito. E Freud, em especial, é aquele que busca desvendar o oculto abrigado no aparente, diante das forças em jogo no psiquismo e também a construção de um sentido para os enigmas psíquicos até onde fosse possível. É nesse sentido que Gay (1985/1989), partindo da psicanálise formulada por Freud, compara os ofícios do psicanalista e do historiador em um ponto: a nenhum deles cabe agir com precipitação e posicionar-se de antemão. Os afetos e ações dos sujeitos são

sobredeterminados em larga escala, sofrem múltiplas influências e podem apresentar os mais variados significados. Cada qual deles ao seu modo, os psicanalistas e os historiadores, referendam-se alheios a qualquer forma de redução explicativa, não sucumbindo, em tese, a interpretações que vão ao encontro de uma causa e que sejam de algum modo simplistas ou superficiais.

Gay (1985/1989) menciona o fato de ter sido comum negar-se ao pensamento freudiano o estatuto de científico. Afinal de contas, fora tratado por alguns dos seus contestadores como um arcabouço de concepções bem articuladas aptas a alcançar confirmações recíprocas. Além disso, seus críticos aludem a considerações imunes ao procedimento de testagem, com linguagem nebulosa e carente de precisão, de modo tal que seria capaz de falar sobre qualquer experiência humana, e que, por estruturar-se assim, aparentemente abordaria tudo e terminaria não falando sobre nada de modo confiável. Tais teóricos, ao pensarem assim, tentam rebaixar esse sistema de pensamento.

Um julgamento plausível e minimamente coerente da invenção freudiana, segundo Mezan (2003), precisa levar em conta tanto a época, a atmosfera cultural, como o perfil característico do *personagem* Freud. Foi em Viena, ao fim do século XIX, onde transformações significativas das ideias e dos modos de sentir estavam em ebulição, precisamente nesse contexto, que Freud nos lega o princípio segundo o qual o lógico está atrelado ao afetivo, o exercício do pensamento é atravessado pelas paixões, a manifestação de uma abstração encontra ancoragem na complexa trama dos desejos e pensamentos.

Mezan (2003) entende que, para Freud, sua invenção toma parte na ciência e postula um objeto próprio e então inusitado (o inconsciente), um método (a interpretação do discurso dos sujeitos em análise) e a exigência de critérios para a formação do analista (passar pela experiência de análise e estudar a teoria). O trabalho freudiano se volta para o significado sempre velado através do seu método interpretativo. O inconsciente, tal como postulado por Freud, não é nem subjetivo nem objetivo nos termos de uma visão positivista, uma vez que comparece como uma instância que contradiz essas concepções desatadas, possibilitando que sejam postas em questão.

Acresce dizer que uma característica peculiar do pensamento freudiano é o que Mezan (2003, p. 134) chama de “inacabamento necessário”, que funciona do seguinte modo: nele há uma sistematização através da qual os conceitos mantêm uma relação recíproca, fazendo com que surjam outros conceitos a partir dos seus entrelaces e movimentos. Contudo, há também uma não-sistematização, uma vez que não se move pelo raciocínio dedutivo, mas por um procedimento elaborativo próximo da livre associação. Os escritos freudianos não partem do

universal ao particular nem dos princípios para as consequências. De fato, seu ponto de partida é um detalhe qualquer e a expansão e exposição em múltiplas direções, algumas das quais apenas esboçadas e, assim, deixadas em aberto.

Essa característica do pensamento freudiano exposta por Mezan (2003) se aproxima da que é colocada por Marcuse (1956/2008) ao afirmar que o pai da psicanálise não estabelece um fim. Este autor faz uso de uma metáfora acerca da obra freudiana, aludindo ao fato de esta se assemelhar não a um edifício mas a um rio, uma vez que o primeiro encontra um fim ao alcançar determinada altura inicialmente prevista, enquanto que o segundo simplesmente flui sem parar. Marcuse (1956/2008) pondera que Freud se recusa a admitir que havia chegado a um fim ao pensar que caberia aos praticantes da psicanálise continuar a construção a partir das bases que ele próprio havia erguido. É possível caracterizar Freud como aquele que olha dentro da escuridão e busca descrevê-la, interessa-se por ela. Mas também como um adepto da razão, um entusiasta das luzes, haja vista a influência sobre ele exercida pela ciência em franca ascensão durante os séculos XIX e XX, com a qual se ateve de maneira densa durante a formação em medicina e nos primeiros anos da atividade como médico. Não obstante o fato de ter se despontado como o inventor de uma nova forma de conceber o sujeito e tratá-lo.

E a memória se revela como uma questão na qual Freud precisa pensar, desde os primeiros anos de sua prática, não só como notável e instigante para a composição de um sistema de pensamento sobre o psiquismo, mas também como categoricamente imprescindível. Japiassu (1998) indica que o propósito de compreensão do funcionamento inconsciente leva Freud a projetar como necessária a concepção de uma teoria até então impensada. Influenciado por sua formação médica e inicialmente voltado em especial à pesquisa sobre os aspectos neurofisiológicos, sua formulação teórica teria que fornecer as condições necessárias para cogitar sobre o inconsciente em seu *modus operandi* e, a partir daí, compor uma teoria capaz de desvelar em que consiste a memória. Depara-se, por isso mesmo, com a exigência de investigar o modo de funcionamento da preservação das lembranças, assim como seu evanescimento provisório e as contingências do seu ressurgimento, isto é, o retorno do recalado.

Foi então no interior da questão mais ampla acerca da constituição do sujeito e seus possíveis modos de funcionamento psíquico, desde os primeiros anos de sua atividade clínica, que o pai da teoria psicanalítica parece ter entendido que sobre o tema da memória repousariam importantes achados a serem explorados. Assim, ele introduz um novo jeito de pensar sobre a memória. Tal afirmativa pode ser verificada, por exemplo, em *A interpretação dos sonhos* (1900/1996), obra na qual a concepção da primeira tópica do aparelho psíquico

estruturado nos sistemas Inconsciente e Pré-consciente/Consciente vincula a memória ao sistema Inconsciente através dos traços mnêmicos e representações¹⁵.

Ferrarini e Magalhães (2014) ressaltam que, ao longo da obra freudiana, a compreensão acerca da memória se expande desde o âmbito individual/funcional até o sociocultural, tornando-se um dos pilares teóricos da psicanálise. Aliás, as autoras destacam que ao percorrermos as formulações freudianas podemos identificar tal noção enquanto memória social. Afirmativa esta talvez um tanto quanto incomum àqueles menos familiarizados com o pensamento freudiano e com a psicanálise, uma vez que, de maneira trivial, podem pensar que se trata de teorização estritamente direcionada ao que podemos chamar de âmbito *individual*. Esse entendimento, entretanto, como argumentam Ferrarini e Magalhães (2014), é equivocado e soa no mínimo como simplista. As questões referentes notadas como concernentes ao âmbito cultural estão presentes no pensamento freudiano e a memória enquanto tema de seu interesse não escapa a essa premissa. A memória se dá ou se faz de modo relacional, uma vez que o inconsciente se constrói e altera nas vivências em que os outros tomam parte conosco.

Isso quer dizer que o inconsciente não é exatamente uma instância restrita a um sujeito em separado dos demais. A memória, em específico, nesse sentido, não se constrói nem funciona sem a presença ou participação do outro. Acerca desse entrelace relacional que figura como indelével a todo e qualquer sujeito do inconsciente, mostra-se esclarecedora a argumentação tecida por Canavêz (2012) quando aponta para o fato de que na trama conceitual da psicanálise, desde o seu início, estão mutuamente implicados o sujeito e sua cultura, assim como o sintoma e o social, devendo ser problematizadas as declarações que porventura os entendam e coloquem apartados.

Ainda conforme Canavêz (2012), há no pensamento freudiano, em sua dedicação à construção teórica sobre o aparelho psíquico, uma investigação consistente sobre a memória. Isso porque a psicanálise seria um saber que restituiria o que resta perdido entre o que passou e o presente. Haveria um passado posto de lado, relegado a um lugar obscuro do psiquismo, só que, de fato, não esquecido. E não esquecido porque o inconsciente pelo qual nos constituímos opera ativamente no psiquismo e é por ele que entrelaçamos o que passou e o que se passa conosco. Tal como coloca Santos (2008), na formulação do aparelho psíquico, Freud concebe a memória em sua relação com os registros de caráter inconsciente. Pela determinação inconsciente, a memória se apresenta ao longo de vezes diversas, pois os traços mnêmicos sofrem retranscrições. Freud (1950[1896]/1996) apresenta como conteúdo do

¹⁵ As primeiras colocações relativas à memória na teoria freudiana, como é o caso desta e das demais que aparecem nesta subdivisão, são desenvolvidas ao longo dos próximos tópicos deste capítulo.

aparelho psíquico os signos que se inscrevem e reinscrevem, sinalizando que seu acesso se dá por diversos momentos da vida e cada um desses acessos acarreta retranscrições.

Temos então que Freud chega a notar, desde os primeiros anos de seu trabalho investigativo sobre o sujeito, que suas pesquisas não poderiam descuidar da memória. Em sua atividade clínica, as *vivências* infantis relatadas por seus pacientes foram progressivamente lhe chamando a atenção. O que parece ter sido decisivo para que Freud valorizasse esse período da vida como fundamental para suas construções conceituais e seu método de trabalho clínico.

Nessa perspectiva, Zavaroni, Viana e Celes (2007) destacam que, ao longo da história do movimento psicanalítico, a infância se mostra como um importante tema. Desde o início de suas investigações – no trabalho clínico – a evocação das *vivências* infantis pelos pacientes termina por chamar a atenção do precursor da psicanálise. Não sem motivo, Freud inaugura uma elaboração teórica ímpar com base na escuta dos relatos referentes aos anos iniciais de vida dos pacientes. O entendimento da psicanálise em relação aos relatos dessa fase da vida consiste em promover o resgate não do fato tal como tenha mesmo ocorrido, como se fosse uma reprodução fiel, mas a maneira peculiar como foi inscrito no psiquismo, vindo a direcionar a constituição do sujeito como também a maneira como este evoca o passado.

Podemos observar a abordagem desse problema na *Carta 69* dirigida a Fliess, na qual Freud (1950[1897]/1996) descreve as razões pelas quais passa a não mais acreditar em sua neurótica. Entre essas razões pondera que se o relato da sedução paterna tal como expresso pelas histéricas fosse real, haveria quantidade significativamente alta de homens (pais) pervertidos, em número até mesmo superior ao de histéricas, o que a certa altura soa a Freud como algo absurdo e improvável. Também por já ter suficiente conhecimento acerca da atividade inconsciente que lhe permite constatar que, com esta, não há indicativos da realidade material, de maneira que não se chega à diferenciação entre a verdade e a ficção catexizada com o afeto. Soma-se também o fato de ter observado àquela altura que a resistência do consciente não permitiria que se tornasse claro todo o conteúdo inconsciente e, por isso, tais neuróticas não seriam capazes de lembrar a suposta ação do sedutor. Freud (1950[1897]/1996) ainda relata a seu interlocutor a dificuldade em se chegar à acuidade plena de uma neurose e à lucidez exata de sua etiologia na infância.

Zavaroni, Viana e Celes (2007), ao comentar a questão da infância presente na teoria freudiana, colocam-na como estabelecida em dupla direção no psiquismo, a fase na qual tem de fato início a constituição do sujeito e também o modo como este sujeito fantasia sua própria história, ao produzir uma forma de compreensão determinada e, por consequência,

uma delimitada narrativa acerca de si mesmo. Isso quer dizer que as *vivências* infantis são fundamentais para a constituição subjetiva tal como cada um de nós a realiza e, também, pelo modo como passamos a sentir, pensar, compreender, falar e, claro, *lembrar* – mas também *esquecer* – sobre tal constituição, a qual não é conscientemente realizada¹⁶. Nessa esteira, podemos considerar que o olhar voltado ao passado encontra-se permeado por uma evocação fantasiosa, conforme as construções psíquicas sedimentadas ao longo da vida psíquica, ainda que tenha por referências acontecimentos que podemos chamar de reais. Nessa trama, há *restos esquecidos* ou *ausentes*, mas apenas aparentemente, já que se mostram suscetíveis a manifestações ao longo do percurso do sujeito.

Para Caropreso (2006), a formulação de uma teoria sobre a memória e sua ligação com a percepção e a consciência são o problema nuclear dos estudos metapsicológicos realizados por Freud, desde as origens. Quando o pai da psicanálise começa a desvincular a ideia de que o psíquico seria equivalente ao consciente, isto é, quando passa a propor que o aparelho psíquico é estruturado por diversos sistemas, o nexos entre memória, percepção e consciência se torna alvo de seu questionamento e investigação. O que ocorre ao longo de diversos de seus escritos, desde *O projeto para uma psicologia científica* (1950[1895]/1996) e, poucos anos depois, em *A interpretação dos sonhos* (1900/1996), chegando até mesmo a estar presente na apresentação da segunda tópica em 1923 (Caropreso, 2006).

Os diferentes modelos de aparelho psíquico aventados por Freud em suas diversas variantes: aparelho de linguagem, aparelho neuronal são, primeiramente, teorias sobre a memória. Conforme as etapas de seu trabalho, ele concebe leituras distintas acerca do psiquismo. Sabemos que sua formação em medicina com especialidade em neurologia exerce influência em suas elaborações iniciais. No curso de sua originária pesquisa, paulatinamente, ocorre uma passagem do Freud afeito à neurologia para o Freud psicanalista, resultando com isso na gradativa modificação da sua compreensão e concepção teórica. Assim sendo, as variantes do aparelho psíquico são duas: primeiramente, aquela sistematizada em *A interpretação dos sonhos* (1900/1996), Inconsciente, Pré-Consciente e Consciente, a chamada primeira tópica. Anos mais tarde, dá-se a formulação de outra variante, em *O ego e o id* (1923/1996), como Isso, Eu e Supereu, ou seja, a segunda tópica.

Feitas essas concisas ponderações introdutórias, ao longo dos próximos tópicos vamos nos deter em alguns dentre os escritos de Freud que indicam a memória como peça significativa em suas pesquisas. Tais trabalhos se localizam entre os anos de 1895 e 1899, isto

¹⁶ Voltamos a essa questão no tópico 2.5.

é, estão inseridos na etapa incipiente de elaboração do seu pensamento. Importa advertir que os textos aqui estudados, embora, sem dúvida, profícuos para o estudo da memória na teoria freudiana, de modo algum exaurem as reflexões do precursor da psicanálise sobre a questão, uma vez que estas persistem ao longo de suas investigações¹⁷.

Os textos aqui privilegiados já nos fornecem várias disposições instigantes para a assimilação do tema, pois nestes podemos encontrar a memória como elemento expresso na dimensão consciente do psiquismo e, para além desta, na trama inconsciente que se tece por representações que têm por consequência um repertório de produções simbólicas¹⁸, o que por si só revela uma especificidade teórica decisiva. Essa inovação teórica se radicaliza mais ainda com a proposição de uma terceira vertente da memória (de proporção traumática) que se mostra apartada do consciente e até mesmo da cadeia de representações inconscientes. Enquanto a memória inconsciente é teorizada em todos os escritos aqui percorridos, a memória traumática encontra lugar nos dois primeiros. Importa antecipar ao leitor que privilegamos neste capítulo a abordagem da memória inconsciente (representacional), buscando então esboçar a memória traumática nas considerações finais por apostar em sua pertinência para pensar sobre a memória na contemporaneidade.

2.2. A memória no *Projeto para uma psicologia científica*

O *Projeto* (1950[1895]/1996) é um manuscrito que permanece oculto durante toda a trajetória de Freud. Ele toma a decisão de não publicá-lo. Durante muito tempo parece que o único interlocutor em relação ao assunto foi seu então amigo, Wilhelm Fliess, que preserva o manuscrito original consigo. Nas *Obras completas* é parte da coletânea de documentos que constituem a vasta correspondência trocada entre Freud e Fliess. Somente em 1950 esse escrito freudiano é tornado público. Foi Jones (1953/1989) que, de posse do original, dá acesso a James Strachey que o traduz para o inglês, sendo essa tradução considerada o documento oficial do manuscrito. Não obstante sua publicação tardia, o texto acaba assumindo certa importância entre muitos daqueles que estudam a obra de Freud. E quando o assunto em pauta é a memória o manuscrito tem se mostrado alvo de vasto interesse.

¹⁷ Além dos escritos freudianos examinados neste trabalho também podemos encontrar a memória enquanto tema central ou senão exatamente assim, ao menos como elemento importante, em vários outros textos, dentre os quais reportamos o leitor aos seguintes: *A interpretação dos sonhos* (1900/1996) - em especial o capítulo sete; *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910/1996); *Recordar, repetir e elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise* (1914/1996); *O inconsciente* (1915c/1996); *Além do princípio do prazer* (1920/1996); *Uma nota sobre o bloco mágico* (1925/1996); *Construções em análise* (1937/1996).

¹⁸ Estas colocações próprias da teoria freudiana são esclarecidas na sequência do capítulo.

O editor inglês das *Obras completas*, Strachey (1950/1996), comenta que se trata de um escrito inacabado e mesmo renegado por seu autor. Os procedimentos técnicos psicanalíticos como a livre associação de ideias, a interpretação do conteúdo inconsciente e a transferência não são assuntos aí encontrados, exceto os sonhos, temática que surge já prenunciando elaborações clínicas futuras. Ainda segundo Strachey, as pulsões não estavam determinadas como conceito em 1895, não recebendo sequer um nome. No manuscrito, Freud enfatiza a ação do ambiente sobre o organismo e a conseqüente reação deste ao ambiente. As excitações endógenas (aquelas que se originam no interior do organismo) são alvo de interesse limitadas às séries de ações defensivas e o conjunto de elementos presentes em suas execuções. Por essa razão, o *Projeto* seria uma descrição defensiva da mente em que o isso era ainda desconhecido. É sabido que não tarda para a estrutura neurológica proeminente no *Projeto* ser deixada de lado por Freud, pois teria se deparado com as limitações dessa forma de abordagem para a compreensão do psiquismo. Essa é uma questão à qual voltamos adiante.

É possível defender que a grande fonte de motivação de Freud para escrever o *Projeto*, tal como enfatiza Foguel (2007), foi a sua atuação clínica. Ele almeja estabelecer uma teoria que pudesse se articular ao funcionamento inconsciente do psiquismo, ao fenômeno do recalque e à construção das defesas bastante visíveis para ele no trabalho com os seus pacientes já naquele momento. Freud se anima a construir uma concepção na qual houvesse a correlação entre a funcionalidade psicológica e metapsicológica, em seus termos próprios, e a base orgânica (os neurônios) movimentada por quantidades energéticas.

Segundo Garcia-Roza (2008), entre os estudiosos da obra de Freud há aqueles que atribuem ao texto elevada importância, pois veem nele elementos primordiais da teoria psicanalítica. Há outros, porém, que o relegam a um lugar minoritário no rol dos escritos freudianos por tê-lo como um trabalho pré-psicanalítico. Convém frisar que o fato de ser tomado por alguns como texto pré-psicanalítico, não nos parece um motivo, por si só, plausível para diminuir a pertinência deste e de qualquer dos textos freudianos, uma vez que o autor já havia começado suas investigações e as ideias iniciais que daí decorrem representam importantes passos no avanço de sua teoria.

Parece que a ambigüidade do texto tem início com o próprio autor, que chega a entendê-lo como um estudo teórico de vulto durante certo período, enquanto por outro o considera desprovido de valor. O próprio fato de não publicar o texto leva a admitir que Freud estaria insatisfeito com vários problemas de ordem teórica com os quais se defronta ao construir as conjecturas presentes nesse trabalho ou que não teria até então chegado a um nível de coesão abrangente e inteligível acerca do psiquismo. Coesão esta que já teria estabelecido como seu

alvo. Garcia-Roza (2008) entende que, ao ser tardiamente publicado, todo o pensamento freudiano já se encontra formulado e o texto em questão não teria trazido acréscimos relevantes. Vários estudiosos da obra freudiana tentaram delinear uma provável linha de continuidade entre os postulados metapsicológicos e o teor do *Projeto*. Garcia-Roza (2008) deduz esse escrito de Freud como manifestamente teórico, possuindo um caráter especulativo, sem qualquer base em procedimentos experimentais.

Essa consideração diverge da leitura de Foguel (2007), que refuta a classificação do *Projeto* como um texto pré-psicanalítico, bem como a visão que o caracteriza como uma exploração especificamente teórica. Para a comentarista, seria esse um mal-entendido reiterado na história do movimento psicanalítico. Uma leitura mais apropriada seria aquela que entende o *Projeto* como a tentativa derradeira que Freud empreende de conciliar a psicanálise (já existente como campo de saber) à perspectiva científica fisicalista. Em tal argumento, acusa que no mesmo ano Freud já havia publicado junto com Breuer o livro intitulado *Estudos sobre a histeria* (1893-1895/1996). Quer dizer, por esse ponto de vista, diferentemente do que coloca Garcia-Roza (2008), a teorização de Freud teria como base sua experiência como clínico. Não se trata, desse modo, de um experimento tal como os enquadres positivistas preconizavam, mas uma construção teórica própria profundamente embasada na atuação clínica.

Se o argumento de que em 1895 a psicanálise já se tinha inaugurado como um novo campo do saber for plausível (mesmo que não o seja nos termos de um reconhecimento público naquele momento), os escritos freudianos posteriores situados entre os anos de 1896 e 1899 podem ser logicamente considerados como textos psicanalíticos propriamente. Tal argumento considera a elaboração da psicanálise como um processo longo e laborioso que se evidencia de forma robusta e chega a um nível mais abrangente em 1900 com a publicação de *A interpretação dos sonhos*.

Para Peixoto e Oliveira (2012), é possível falar sobre o *Projeto* nos termos do texto manuscrito que Freud abandona e que o influencia no trabalho que acaba levando em frente. As comentaristas se referem à renúncia da proposta de elucidação dos processos psíquicos por meios mecânicos com base organicista, mas a continuidade do seu plano de compreensão do funcionamento dos traços mnêmicos. Não obstante, tal fato não anula a relevância do *Projeto*, sobretudo quando a matéria em questão é a memória. Segundo as comentaristas, é no *Projeto* que Freud reconhece no inconsciente o próprio psiquismo, sublinhando a memória como um elemento relevante para sua investigação. Isto é, foi entre as questões que se descortinam necessárias para a elaboração de uma teoria psicológica que retratasse o funcionamento

psíquico, já reputando sua esfera inconsciente como a mais significativa, que a memória se revela como um problema inescapável para Freud ao longo do seu percurso clínico até então, conduzindo-o à redação do manuscrito.

No contexto do final do século XIX, com a reputação então alcançada pela ciência e a robusta perspectiva positivista presente nos seus mais diversos campos; também por influência de sua formação acadêmica em medicina, entre outras razões, Freud teria almejado no início de suas pesquisas sobre o psíquico tornar a psicanálise parte das ciências naturais. Esse fato deve ser considerado na leitura do *Projeto*, pois o texto é escrito exatamente nessa fase e pensado a partir dessa perspectiva, como se pode observar na tentativa de descrição do psíquico pautada em uma base material. É nessas circunstâncias e no âmbito dessa intenção que as considerações sobre a memória presentes no manuscrito se realizam.

Parece correto afirmar, assim, que o *Projeto* foi o fracasso que resultou em êxito, tal como avalia Foguel (2007), pois, no seu caminho de pesquisa, Freud teria se encontrado em uma encruzilhada que o leva a problematizar a abordagem fisicalista e a se aprofundar na formulação de uma nova teoria para examinar as complexas questões com as quais esbarra. Diante das limitações encontradas e frente as dificuldades para estabelecer uma teoria plausível e cientificamente comprovável da ligação entre a base orgânica e a funcionalidade do psiquismo, esse caminho de pesquisa ou essa perspectiva de estudo é deixada de lado por Freud. De fato, ao longo de sua trajetória, ele sugere ter constatado que a tratativa fisicalista não lhe fornece condições inteligíveis para a investigação do inconsciente e do fenômeno do recalque.

Com efeito, essa forma de abordar o seu objeto de pesquisa impõe a Freud a condição de chegar até determinado ponto, permanecendo com algumas questões sem alcançar o avanço que deseja, com respostas ainda precárias, fragmentadas, ou até mesmo por vezes sem respostas diante dos problemas específicos que se apresentam. Mas essa mesma constatação parece ter sido importante para que viesse a ter clareza de que seria necessário investir em uma forma independente de abordagem em relação àquela submetida ao orgânico. À sua maneira, poderia transcender os limites desse campo para chegar à compreensão que almeja. Assim sendo, o pai da psicanálise se vê diante de um obstáculo que em vez de fazê-lo desistir parece que acaba estimulando ainda mais sua astúcia para prosseguir e avançar no trabalho teórico-clínico que já vinha realizando.

No *Projeto*, como o próprio Freud (1950[1895]/1996) escreve, seu objetivo seria propor uma psicologia como ciência natural através da representação dos processos psíquicos como estados determinados em termos de quantidade de pequenas partes materiais precisas. Suas

duas ideias centrais são as seguintes: a primeira seria fazer uma distinção entre atividade e repouso (economia da força nervosa) e deve ser considerada como a Q (Quantidade), que é suscetível às leis gerais do movimento. A segunda ideia seria colocar os neurônios como essas pequenas partes materiais.

Freud (1950[1895]/1996) cogita a combinação do recém-formulado conhecimento acerca dos neurônios com uma teoria da Q (Quantidade). Ele presume que o sistema nervoso é formado por diferentes neurônios que mantêm contato através de uma substância desconhecida. Esses neurônios terminam uns sobre os outros em partes de tecidos até então ignorados em que há vias de propagação que os excitam através dos dendritos (subdivisão de recepção dos estímulos), havendo descarga pelo axônio (parte que estende os impulsos nervosos para outras células). Os neurônios possuem divisões as mais diversas e forças distintas; eles são a matéria orgânica que atua como receptora e condutora, isto é, funcionam como processadores da Q, compondo um complexo de diferentes sistemas, cada qual deles encarregado de funções específicas na atividade psíquica.

Freud (1950[1895]/1996) correlaciona os neurônios aos processos psíquicos da memória e da percepção. E afirma que o tecido nervoso tem como uma de suas principais características a memória e uma explicação para esse elemento seria atribuição indispensável para uma teoria psicológica. Notemos, pois, que a memória se apresenta como um dos enigmas que Freud se põe a desvendar em sua pesquisa acerca do funcionamento do psiquismo. Podemos ainda talvez cogitar a questão da memória como uma espécie de caminho necessário para a elucidação do processo mais amplo de funcionamento psíquico sem a qual este não seria possível.

Mas nos termos com que constrói seu estudo àquela altura, Freud (1950[1895]/1996) admite a dificuldade que há na tarefa de compreender que ao findar-se a excitação, por um lado, os neurônios atingem um estado de constante alteração em relação a seu estado precedente, enquanto, por outro, as novas excitações terminam encontrando as mesmas feições receptivas que as excitações anteriores. Tal pressuposto leva Freud (1950[1895]/1996) a cogitar que os neurônios mostrar-se-iam simultaneamente suscetíveis às influências e também capazes de permanecer inalterados. Nesse ponto, ele constata que haveria certa complicação e a saída que encontra para levar adiante sua tentativa de elucidação se direciona à diferenciação dos neurônios em dois estratos, as células da percepção e as da memória.

Para Freud (1950[1895]/1996), a conjectura de dois conjuntos de neurônios, um composto por neurônios permeáveis e outro por impermeáveis, sugere um entendimento acerca de uma das particularidades do sistema nervoso, qual seja, a aptidão para conservar e

recepcionar. Ele salienta que dois aspectos (o externo e o interno) incidem sobre o sistema nervoso, que assim possui dupla função: recepcionar o estímulo provindo de fora do organismo, designado como Q (Quantidade, em geral, ou da ordem de magnitude no mundo externo) e a descarga das excitações endógenas, ou seja, que se originam no interior do próprio organismo, $Q\eta$ (Quantidade, da ordem de magnitude intercelular).

Assim, há os neurônios ϕ (*phi*, sistema de neurônios permeáveis) que permitem a passagem da Q como se não possuíssem barreiras de contato, permanecendo no mesmo estado anterior após cada passagem da excitação. E há os neurônios ψ (*psi*, sistema de neurônios impermeáveis) nos quais as barreiras de contato se fazem sentir, permitindo a passagem da Q com certo esforço ou parcialmente. As barreiras de contato funcionam como uma resistência à passagem da excitação, de modo que as quantidades superiores à oposição imposta por essas barreiras alcançariam passagem. Ao conseguir passar, na próxima vez, haveria uma resistência menor, de maneira que a via ficaria facilitada. Assim, a excitação estaria daí em diante propensa a percorrer o caminho por onde houve diminuição da resistência das barreiras de contato. O que Freud (1950[1895]/1996) designa por facilitação diz respeito, então, à passagem parcial de Q pelas barreiras de contato, que ficariam demarcadas.

Os neurônios ϕ , que são permeáveis (nada retêm, nem resistem), estariam delimitados à percepção, enquanto os neurônios ψ , que são impermeáveis (retêm Q e resistem), destinar-se-iam à memória, possibilitando que esta seja representada, dispondo com isso de flexibilidade para passar a um estado diferente do precedente, ou seja, sofrer modificações. Freud (1950[1895]/1996) cogita que a memória de uma experiência, apreendida como sua *força eficaz contínua* se dá em dependência com o nível da impressão e a frequência de sua repetição. O que, nos termos teóricos por ele postulados, significa o seguinte: a facilitação depende da Q que passa pelo neurônio durante a excitação e de quantas vezes isso venha a ocorrer, quer dizer, diz respeito à confluência entre extensão e regularidade. A facilitação, portanto, consiste na geração de um mecanismo de repetição que proporciona ao sistema manter-se sem pressão, repetindo os trajetos já então instaurados.

Freud (1950[1895]/1996) defende que o sistema nervoso tende a evitar que fique repleto de Q ou a comprimi-la ao mínimo possível, durante cada mudança por que venha a passar. A partir das limitações outorgadas pela vida do sujeito, uma parcela de Q precisou ser mantida pelo sistema nervoso. Por isso, os neurônios impermeáveis sofreriam elevação numérica. Em parte, buscar-se-ia impedir que se mantivessem cheios de Q por meio das facilitações.

Garcia-Roza (2008) escreve que, ao discriminar os neurônios ϕ dos neurônios ψ , o texto freudiano em questão analisa que os primeiros são carregados diretamente por um princípio externo (exógeno), enquanto que os segundos recebem estímulos oriundos do próprio organismo (endógeno). Por ser assim, a carga de Q nos neurônios ϕ é superior à carga de Q nos neurônios ψ . Os neurônios que recebem a maior carga de Q, então, são incapazes de produzir barreiras de contato, pois seriam logo aniquiladas pelo excesso de Q. Os neurônios ψ , por sua vez, ao receberem carga inferior seriam aptos a formar barreiras mais ou menos fortes e, assim, apresentariam as condições para compor uma memória. Esta, portanto, nos termos em que Freud (1950[1895]/1996) a concebe, pode ser representada como o processo psíquico que se dá mediante as facilitações que se formam entre os neurônios.

Freud (1950[1895]/1996) considera que o mundo externo funciona como fonte de onde emanam todas as grandes quantidades energéticas, ou seja, essas grandes Qs são exteriores ao organismo. O sistema de neurônios voltado para o externo tem por função liberar o mais rapidamente possível as Qs que incidem sobre o sistema nervoso, submetendo-se aos efeitos que advêm das Qs de maiores proporções. A função básica dos dois sistemas neurônicos (ϕ e ψ), segundo Garcia-Roza (2008), é preservar o organismo das Q externas em grandes proporções por meio da descarga, que funciona basicamente para que se evite a dor ou desprazer que podem se dar mediante um excesso de Q no sistema dos neurônios ψ .

Ao tratar dos neurônios ϕ e ψ , Freud (1950[1895]/1996) se atém à dimensão quantitativa e ao nível inconsciente em que funcionam os sistemas dos neurônios. Mas restava como problema tratar a questão da qualidade. Esta somente toma parte nesse processo através da consciência. O começo da consciência não se dá mediante o externo, também não está no sistema ϕ . A consciência se vincula a um nível mais elevado do sistema nervoso. Trata-se de uma qualidade vinculada à percepção. Um terceiro sistema de neurônios é identificado pelo símbolo grego ω (*ômega*, sistema de neurônios responsável pelo aspecto qualitativo). Esses neurônios se excitam junto com a percepção e têm como atividade as sensações conscientes. Também são inteiramente permeáveis e terminam regressando à sua disposição anterior, assim como os neurônios ϕ . Como consequência disso, também não instauram a memória, pois são como órgãos da percepção. Garcia-Roza (2008) comenta que os neurônios ω não recebem Q; o que chega até eles é um tempo de excitação que lhes condicionam a uma carga mínima de Q imperiosa para a consciência. Os neurônios ω não demandam descarga, portanto; seu nível de investimento se amplia e encolhe pela excitação recíproca que conserva com ψ .

Os problemas da percepção e da memória são assim enfatizados por Freud (1950[1895]/1996), que as diferencia e firma suas relações. A percepção corresponderia a um objeto nuclear mais uma imagem motora. Enquanto alguém está percebendo a percepção reproduz o próprio movimento, inervando-se de forma vigorosa a própria imagem motora ora despertada, fazendo-a coincidir com a percepção, de modo que o movimento venha a ser efetuado. A propósito, as percepções estão na condição de imitação. Ou então a percepção acorda a imagem mnêmica de uma sensação desprazerosa pela qual o sujeito tenha passado, de maneira que venha a sentir o desprazer correlato, levando-o a repetir o movimento defensivo compatível.

Na correlação entre os processos do pensamento e da memória, Freud (1950[1895]/1996) alude que o pensar prescinde traços perduráveis, fazendo com que pensamentos posteriores exijam um investimento de energia inferior ao primeiro pensamento. No entanto, uma questão fica em aberto e o autor admite que ainda não era possível chegar à sua compreensão, qual seja, para que a realidade não seja deturpada, torna-se necessário que subsistam traços especiais, signos dos processos de pensamento que estabeleçam uma memória de pensamento, o que significa que a construção e sofisticação do pensamento ao longo da vida psíquica também se vincula à memória e se torna possível mediante ela, algo como se a memória cumprisse o papel de caminho através do qual o pensamento se torna viável.

No que tange à relação entre recalque e amnésia, no manuscrito já se expõe que para cada compulsão há um recalque congruente e para cada incursão excedente na consciência há uma amnésia correspondente. Importa mencionar que o recalque, nos termos empregados no *Projeto*, é por Freud (1950[1895]/1996) considerado como um processo secundário¹⁹ que se sobrepõe em face das ideias acopladas ou a um afeto aflitivo ou a conteúdos de ordem sexual. A ideia que sofre a interferência do recalque não se torna de fato esquecida, pois subsistem traços de memória. Disso resulta, pelos idos de 1895, a visão freudiana do recalque como um artifício que busca preservar o psiquismo do desamparo manifesto através do desejo e da dor. Em outras palavras, Freud (1950[1895]/1996) levanta a suspeita de que o afeto desprazeroso é o mecanismo que põe em ação o recalque. No caso do *esquecimento*, não significa que

¹⁹ Freud cogita, na primeira tópica do aparelho psíquico, a existência de dois processos psíquicos, provendo-lhes um sentido tópico, quais sejam, o processo primário, vinculado ao sistema Inconsciente, e o secundário, este vinculado ao sistema Pré-consciente/Consciente. Garcia-Roza (2008) especifica que, no enquadramento do *Projeto*, sob o enfoque econômico, o processo primário diz respeito à energia livre, que pende a ser alijada o mais possível sem desvios. Esta pode ser constatada nos sonhos e nos sintomas. O processo secundário, por sua vez, diz respeito à energia ligada, que tem sua descarga mediante delonga ou contenção, sendo manifesta através do pensamento em vigília, da atenção, do raciocínio e da linguagem.

determinado conteúdo tenha se perdido para sempre e seja assim irre recuperável. O que ocorre é o seguinte: o desprazer opera com força em tal processo, pois evitamos pensar sobre questões que despertem tão somente desprazer. Contudo, mesmo que uma ideia desprazerosa se sustente isolada e apareça com raridade em nossa consciência, nunca a esquecemos, pois uma nova percepção pode ter a força de fazer valer sua lembrança. Quer dizer, um caminho neuronal facilitado através das vivências pelas quais tenhamos passado, talvez esteja aquietado, mas se tivermos uma percepção que se assemelhe àquela originalmente experimentada, a via adormecida ou *esquecida* estará em condições de se expressar novamente por força da excitação, tornando a percepção corrente aproximada da percepção inicial, que restou convertida em memória no psiquismo.

Freud (1950[1895]/1996) atenta-se para as experiências de dor e satisfação e considera que os afetos e estados de desejo são o que ficam dessas experiências como espécies de conteúdos remanescentes. Os afetos derivam de um desprazer desencadeado por uma lembrança e os estados de desejo são uma atração positiva exercida em direção ao objeto aspirado ou sua imagem mnêmica. A experiência da dor, por sua vez, conduz à repulsa por manter catexizada²⁰ a imagem mnêmica hostil. O que há de comum entre essas duas formas é que ambas envolvem uma elevação do nível de Q em ψ – por uma liberação súbita (elevação repentina) no caso de um afeto e por soma (acúmulo gradativo) no caso de um desejo. Os dois estados são importantes para a passagem de Q em ψ , uma vez que deixariam motivações para tal que podem terminar em compulsão.

Com efeito, Freud (1950[1895]/1996) aponta que o afeto intervém sobre o pensamento. Este tem seu curso comum tolhido dos mais diversos modos por aquele. Muitos trajetos de pensamento que seriam normalmente considerados acabam ofuscados de maneira similar ao que ocorre nos sonhos. Com isso, quando alguém declara que algo se deu tão rápida e apressadamente que foi inviável percebê-lo a tempo soa como correto para Freud (1950[1895]/1996), uma vez que os afetos podem atravessar e comprometer as direções de pensamento. No caso de haver grande Q para passar, a atividade do pensamento é dificultada. Freud (1950[1895]/1996) suspeita que o pensar se dá mediante a passagem de pequenas Qs, de maneira que a reflexão é executada pelo eu que requer tempo e se torna impossível quando incidem Qs em nível intensificado em relação ao afeto.

²⁰ Segundo Roudinesco e Plon (1997/1998), a palavra catexia passou a ser muito utilizada no Brasil a partir do vocábulo inglês *cathexis*, uma tradução do termo original alemão *besetzung*, que significa investimento. Freud encontra o termo na terminologia militar e o aplica na psicanálise com o intento de abordar o fluxo que relaciona a energia pulsional a uma representação; um grupo de representações; um objeto.

Aqui se torna importante esclarecer que esse eu do *Projeto* não é o mesmo posteriormente elaborado por Freud com a segunda tópica do aparelho psíquico em *O ego e o id* (Freud, 1923/1996). Segundo Garcia-Roza (2008), o eu de 1895 não pode ser confundido com o eu sujeito da percepção, da consciência e do desejo. Nesse estágio do pensamento freudiano, trata-se mais precisamente de um objeto, algo formado junto ao sistema ψ que não possui ingresso na realidade. Torna-se aqui necessário mencionar que no *Projeto* Freud já postula o valor de determinação e a fundação do psiquismo às vivências infantis. O desamparo e a busca de satisfação da criança são os elementos que sinalizam um ponto de partida para a constituição do sujeito. Garcia-Roza (2008, p. 54) se refere à noção freudiana sobre estes elementos da seguinte maneira: “A experiência de satisfação, a partir da qual podemos entender os *afetos* e os *estados de desejo*, está ligada à concepção freudiana de um *estado de desamparo* original do ser humano”, uma vez que este atravessa um período de gestação restrito, nascendo, por conseguinte, notadamente fragilizado e em forçosa dependência de alguém que promova seus cuidados.

A tensão ocasionada pelo acúmulo de Q no organismo do recém-nascido requer uma ação específica que este é incapaz de realizar devido à sua condição de grave fragilidade. Desse modo, a ação específica pode se consumir somente mediante a intervenção do outro, em geral um adulto, como no exemplo da fome, uma vez que esta só pode ser mitigada no caso de o bebê receber o alimento. Garcia-Roza (2008) explana que a experiência de satisfação provém da supressão da tensão interna, quando então passa a haver uma associação da experiência de satisfação com a imagem do objeto que a permitiu, bem como com a imagem do gesto que viabilizou a descarga da Q geradora de tensão.

Sendo assim, quando o recém-nascido passa por uma experiência que seja satisfatória produz-se um traço mnêmico que é novamente ativado ao surgir a condição de tensão. Esse traço mnêmico é uma imagem do objeto que propiciou a satisfação e que se torna reinvestido, ocasionando uma alucinação, algo congênere à percepção, uma vez que o objeto está ausente. O problema é o que o recém-nascido não tem condições para saber quando o objeto é real ou alucinado, situação que o conduz à frustração, reagindo em relação a algo alucinado como se fosse real. É visando o impedimento do desprazer que tal vivência leva o sistema ψ a se distinguir e a prover um bloqueio do desejo em relação ao objeto alucinado. É o que Freud no contexto do *Projeto* designa como eu, que teria assim uma atividade protetiva. Seu objetivo seria tornar difíceis os deslocamentos de Q que foram no início expressões de satisfação ou de dor. Sua função é, portanto, inibidora, pois tolhe o investimento da imagem mnêmica do primeiro objeto de satisfação, evitando a alucinação e a conseqüente frustração.

Foguel (2007) reforça que este eu enunciado por Freud no *Projeto* é um núcleo de neurônios facilitados ordenados em Ψ . Neste, grupos neuronais contínuos acumulam energia imprescindíveis à execução da atividade secundária. Para a composição desse núcleo são primordiais o desejo e o recalque. Basicamente, o que este eu faz é coibir lembranças lesivas no esforço de refrear o desprazer, de maneira que, quanto maior o desprazer suscitado por uma imagem hostil, mais vívida será a atuação do recalque, obstando processos psíquicos primários. Para Garcia-Roza (2008), a função inibidora executada por esse eu do *Projeto* leva Freud a uma contribuição entre as mais relevantes desse escrito: a distinção entre os processos primário e secundário. Essa noção acerca dos dois modos de funcionamento do aparelho psíquico – à qual aludimos acima – se estabeleceu como uma das mais consolidadas da teoria psicanalítica.

Voltando à relação entre memória e pensamento, vale dizer que, para Freud (1950[1895]/1996), uma lembrança real não é modificável por qualquer quantidade de pensamento que a ela se dedique. De outro lado, o pensar sobre um assunto deixa traços relevantes para qualquer repensar que surja em relação a ele. Rememorar é a condição imperativa para que o pensamento crítico (que se destina à apreciação e ao juízo) possa conduzir qualquer exame. O rememorar segue uma ordem de pensamento retroativa, voltando provavelmente até uma percepção, contrastando com o pensamento prático (que não possui objetivo determinado), recorrendo às indicações de qualidade. No curso da rememoração o processo encontra conexões interpostas que estavam até então inconscientes e não deixaram qualquer indicação de qualidade, mas cujos sinais se mostram posteriormente. O próprio deslocamento do pensamento deixa sinais, mesmo sem qualquer signo qualitativo. A reprodução dos processos de pensamento ultrapassa largamente os indícios de qualidade, podendo se tornar conscientes em momento ulterior.

Freud (1950[1895]/1996) avalia que qualquer forma de pensamento pode conduzir ao desprazer ou à incongruência. No curso do pensamento é possível que haja fatos de todo tipo. Se uma lembrança é catexizada e produz desprazer é porque em geral a percepção equivalente foi primeiramente motivo de desprazer, quer dizer, é parte de uma experiência em que houve dor. Percepções assim atraem um alto grau de atenção, mas não dizem tanto respeito aos seus índices qualitativos e mais em relação a uma reação que as percepções desencadeiam e às quais estão associadas por suas próprias expressões de afeto e defesa. Se observarmos as contrariedades dessas percepções após sua mutação em imagens mnêmicas será possível notar que suas primeiras repetições dão prosseguimento ao afeto e ao desprazer, perdendo com o transcorrer do tempo sua força para tal. Simultaneamente, sofrem outra mutação ao perderem

a capacidade de produzir afeto; sua força para fazer surgir qualidades sensoriais também se exaurem, vindo a se parecerem progressivamente com outras imagens mnêmicas. Ao surgir um pensamento que se depare com uma imagem mnêmica que ainda não tenha passado por esse processo são produzidos os indícios qualitativos similares, não poucas vezes de teor sensorial, isto é, uma sensação de desprazer e uma propensão a ser descarregada em ligação com determinado afeto que bloqueia a continuação do fluxo do pensamento.

Se a repetição concorre para a conservação e talvez até a exacerbação das lembranças não subjugadas que ainda produzem afeto, não se pode supor que o tempo por si só seja o motivo de seu domínio. Freud (1950[1895]/1996) considera que, para tanto, ocorre no curso do tempo que o eu ou as catexias do eu obtêm domínio sobre essas lembranças. Nesses casos de lembranças produtoras de afeto ocorreria uma catexização com Q impetuosa para a liberação da dor e do desprazer. Sendo assim, tais formas de lembrança precisam receber do eu uma conexão forte e persistente que se contraponha à facilitação do desprazer.

Dentre as múltiplas considerações de Freud em seu manuscrito de 1895, na delimitação com que trabalhamos aqui, podemos destacar algumas pistas valiosas para a leitura do psiquismo e da memória enquanto um dos seus processos. Os aspectos exógeno (externo) e endógeno (interno) que incidem no funcionamento do psiquismo não são estanques, ambos o engendram em conjunto participando de sua formação, cada qual deles de modo específico. Cada sujeito estabelece contornos únicos ao imbricamento ou ao modo como se tecem esses dois aspectos. Para efeito de comparação no que tange ao alcance dessa afirmação uma metáfora talvez possa contribuir (a imagem da impressão digital). Em termos ilustrativos, tal como ocorre nesta, com o psiquismo se forma algo como uma teia, uma vez que este se constitui formando “linhas”, “cruzamentos” e “articulações” exclusivas em cada sujeito.

Freud (1950[1895]/1996) prima por explorar o psiquismo pelo complexo funcionamento dos seus processos, situando cada qual deles em sua função própria e cogitando as relações entre eles. Alguns desses processos são pensamento, afeto, desejo, juízo, atenção, percepção e memória, dos quais recebem especial interesse, nesse momento, os dois últimos, com claro privilégio para a memória, uma vez que no manuscrito Freud (1950[1895]/1996) cogita que esta seja o atributo indispensável para o estabelecimento de uma teoria psicológica.

A capacidade para reter se vincula à formação de uma memória e a permanente condição para receber diz respeito à percepção. A memória tem relação com a intensidade e a frequência com que as vivências tenham se realizado e afetado a vida psíquica do sujeito. No entanto, ele dá ênfase às experiências de desprazer e satisfação, especificando que, ao entrar

em estado de tensão por uma necessidade, o aparelho psíquico tende a privilegiar os caminhos que conduziram a uma descarga da excitação recebida em semelhança com as situações anteriores. Desse modo, a memória se vincula tanto às vivências em que tenha havido desprazer quanto àquelas que tenham resultado em satisfação. Tal mecanismo tem início no período inicial de vida, aquele em que a criança é inteiramente dependente dos adultos para sobreviver e tem experiências de desprazer, nas quais a tensão requer alívio, ou de satisfação, que ela deseja preservar ou reencontrar.

O afeto e os estados de desejo interferem sobre o pensamento. Este é dificultado quando a Q se apresenta volumosa, uma vez que para haver pensamento é imprescindível que a Q esteja em nível suportável, isto é, pequeno. O afeto desprazeroso é o mecanismo que aciona o recalçamento – uma operação psíquica de caráter secundário pela qual o eu possibilita uma ação propícia frente aos dados da realidade.

Dessa forma, construímos um padrão, uma forma de ser se ergue através das vivências que nos marcam por sua intensidade ou repetição, ou talvez até algumas vezes pela combinação em vivências nas quais os dois fatores (intensidade e repetição) estejam misturados. Forma esta intrínseca às vivências em que ou o desprazer seja evitado ou a satisfação desejada. Somos determinados, portanto, a dispor de um repertório possibilitado pela memória inconsciente através da qual passamos a nos constituir e a nos situar no mundo. Com efeito, em nossa construção enquanto sujeitos, nossa trajetória se faz depositária do que lhe foi inscrito, isto é, portamos um passado que reiteradamente nos acompanha, ainda que não o notemos, uma vez que se trata de uma formação manifestamente inconsciente. Cumpre salientar, contudo, que nem toda vivência será retida e tornada memória, pois tal operação é impossível ao psiquismo dado o alto número de percepções que somos capazes de prover. Sendo assim, somente as vivências marcantes por sua frequência (número de vezes em que se repete) ou por sua intensidade (potência quantitativa da excitação) são capazes de acarretar desprazer ou satisfação.

Na assombrosa ficção apresentada por Borges (1942/1998) no conto *Funes, o memorioso*, se passa algo curioso. O escritor argentino apresenta o personagem como atormentado por uma aptidão incomum: uma memória incessante e extremamente detalhista. O jovem protagonista, pela altura dos dezenove anos, vivera até então alheio em seus sonhos e desvarios, sem qualquer atenção às suas visões e audições, tendo o *esquecimento* como uma quase invariável presença em seus dias. Mas um acidente desvia drasticamente sua vida; ele bate a cabeça e perde os movimentos das pernas.

Depois disso, sobrevém o avesso, sua percepção e memória passam a ser inacreditavelmente intensas e assíduas ao ponto de não lhe permitirem descanso. Tornam-se atributos psíquicos iniludíveis. Não havia detalhe qualquer que Funes viesse a esquecer. Tanto seu presente como suas recordações remotas e triviais redundam intoleráveis. Uma memória dessas que tudo conserva nas mais copiosas particularidades fizera-se para ele um embaraço, como o próprio diz, um reservatório de entulhos. Desde o acidente, sua vida se convertera em uma intragável precisa lembrança de cada pegada do passado em direção ao presente; de quem fora ontem até chegar a ser quem é naquele instante, mirando toda e qualquer variação corporal e psíquica que vivenciara. A perspicácia de sua mente sem trégua viera a ter a solidão como parceira inseparável. Dormir virara algo custoso, pois para apreciar tão natural necessidade era vital que se desligasse do mundo. As suas lembranças mais frívolas tornaram-se mais esmiuçadas do que qualquer das nossas percepções de um prazer ou dissabor físico. Mas o narrador presume que o jovem de tão prodigiosa memória, eficaz nos pormenores quase prementes, acabara em contrapartida inábil para pensar, pois para tanto é imperioso também esquecer, generalizar e abstrair. As exageradas percepção e memória de Funes terminam coibindo outras funções, perturbando o conjunto do seu funcionamento psíquico, tornando sua vida, enfim, insustentável²¹.

No texto freudiano em discussão, vale ressaltar que, nesse processo de construção do sujeito, a memória é um elemento catalisador (que impulsiona sua condição para tal), tanto assim que comentaristas como Farias (2008b) postulam que, no *Projeto*, Freud caracteriza a memória como o emblema central do que designa por psiquismo, isto é, o mote nuclear do tipo de aparelho psíquico tal como ordenado por Freud nesse texto é a memória. Essa afirmativa é considerável, uma vez que Freud depreende a memória como elemento presente e operante desde quando o psiquismo tem sua constituição iniciada. Tal leitura é próxima a de Caropreso (2006) que localiza a ligação entre memória e consciência como uma questão que apenas se torna enigmática para Freud na medida em que passa a problematizar a ideia de que o psíquico estaria abreviado à consciência. E o *Projeto* é o texto que explicita essa virada na compreensão de Freud, pois se trata da primeira vez em que ele discute de maneira mais incisiva o psíquico inconsciente.

Como aponta Foguel (2007), Freud abandona a base neuronal com a qual trabalha em seu *Projeto*, mas leva adiante a influência do aspecto econômico e seus princípios ao longo da formulação de seu pensamento, trabalhando-os em distintos postulados teóricos, tais como o

²¹ Voltamos posteriormente ao conto de Borges (1942/1998).

afeto, o desejo e a libido. O *Projeto* disponibiliza uma contribuição significativa para se avistar o processo de construção da psicanálise. Esse texto é uma espécie de testemunha documental – um vestígio – em que se dá a ver o diálogo interno de Freud no processo de construção do inconsciente como objeto epistemológico. A partir dessa proposição, Foguel (2007) argumenta que uma melhor leitura do *Projeto* é aquela que o toma não como uma tentativa insólita de elucidar o psiquismo, mas como expressão do mergulho de Freud em sua clínica e nas conjecturas que esta lhe fornece para desvendar o papel da sexualidade na construção do sintoma.

Foguel (2007) também argumenta que, se por um lado, o *Projeto* pode ser considerado uma tentativa de localização dos eventos psíquicos que encontra limites em sua abordagem que o relegam a um lugar de inacabamento, por outro lado, pode ser tido como o esboço que teve validade para o prosseguimento e avanço da empreitada de composição de um lugar dirigido por conceitos clínicos e pelo nexos entre eles. No *Projeto*, podemos vislumbrar uma peça chave da revolução epistemológica inaugurada por Freud e o pertinaz trabalho presente em seu processo de amadurecimento, tal como expresso no seguinte fragmento:

Freud rompe com a convicção de que o sujeito pode localizar com segurança o que está no seu psiquismo e o que pertence ao mundo. Há *transitividade dos objetos* do ser para o mundo, o que implica numa *indeterminação* que descentra o eu cartesiano na relação de saber do sujeito sobre si e sobre sua realidade (Foguel, 2007, p. 139).

Ao ler o *Projeto*, parece já manifesta a proposição metapsicológica de Freud e a dificuldade ou mesmo impossibilidade de reduzi-la à versão fisicalista, muito embora seu autor enuncie como finalidade compor uma psicologia que fosse capaz de articular a funcionalidade psíquica a estruturas orgânicas específicas. A tentativa de conciliação ou de adequação aos termos requeridos pela ciência naturalista resta inalcançável. Talvez o *Projeto* possa ser considerado como um trabalho de suma importância no interior das explorações freudianas que, apesar de não publicado pelo pai da psicanálise, termina exercendo peso sobre o prosseguimento e amadurecimento de suas investigações, isto é, soma em sua trajetória de construção teórico-metodológica independente. Mas como? Parece-nos admissível supor que o manuscrito tenha exercido influência no direcionamento que a pesquisa freudiana veio a receber nos anos seguintes. Quanto a isso, destacamos quatro pontos: 1- fez-se notório o obstáculo de composição de uma psicologia norteadas por princípios fisicalistas; 2- foi dado um passo na consolidação do inconsciente como objeto de estudo; 3- o funcionamento da

memória e de outros processos psíquicos foram largamente investigados; e 4- a necessidade e o desafio de compor uma nova teoria psicológica e método de tratamento talvez tenham ficado mais claros diante dos impasses e limites evidenciados para Freud na redação do texto.

Meses após ter prescindido das explorações iniciadas no *Projeto*, Freud relata a seu então interlocutor, Wilhelm Fliess, algumas das questões então correntes nas suas pesquisas através de uma correspondência que acaba se tornando um proveitoso registro para a investigação sobre o tema da memória em seu pensamento. No tópico seguinte, apresentamos uma leitura acerca desse escrito que, mesmo sendo breve, toca em diferentes questões. Convém frisar que, em nossa leitura, privilegiamos a sondagem da mencionada carta com enfoque no tema da memória.

2.3. Carta 52: um passo a mais nas asserções sobre a memória

Na correspondência intitulada *Carta 52*, Freud (1950[1896]/1996) escreve acerca das pesquisas até então em curso sobre o psiquismo. Pesquisas estas que encerravam como meta entender o mecanismo psíquico, deixando claro que até aquele momento ainda restam várias questões em aberto para chegar a uma elucidação sobre a memória. Apesar dessa sua ressalva, tal escrito se torna uma das mais importantes referências, no conjunto de seu pensamento, para o estudo da memória. Nessa carta, Freud (1950[1896]/1996) considera que o mecanismo psíquico se forma por processo de estratificação, por isso disposto em diferentes camadas. Desse modo, o material que nomeia como traços seria suscetível a retranscrições de tempos em tempos, consoante circunstâncias diferentes. A novidade quanto ao que havia concebido até então, diz Freud (1950[1896]/1996), é a tese segundo a qual a memória não se daria em uma única vez, ao contrário, desdobrar-se-ia por vários tempos.

Esse escrito indica que, nos meses seguintes à redação do *Projeto*, Freud ainda preserva como alvo o esclarecimento do psiquismo, esforçando-se para entender a composição e o funcionamento da memória. Segundo Salztrager e Herzog (2013), a *Carta 52* apresenta um tipo de aparelho de memória, indicando que o conteúdo mnêmico passa por um deslocamento persistente de estratificação. Assim entendida, a memória não seria um elemento a ser resguardado de uma vez por todas. Diversamente, estaria sempre submetida a se desdobrar por diversos momentos, de forma que a memória se mostra suscetível a rearranjos.

Nessa carta, Freud (1950[1896]/1996) preserva a visão de que o psiquismo seria fundamentalmente um aparelho de memória. Conforme Salztrager (2014), a memória seria como um alicerce que balizaria e viabilizaria as demais funções psíquicas. O comentarista anota que a eclosão da memória se afina com as excitações que alcançam o aparelho e sua

difusão concerne às retranscrições que prosseguem do material mnêmico. Sua inscrição psíquica seria realizada de forma progressiva e versátil. Com a inclinação da memória a rearranjos de tempos em tempos, um registro distinto seria formado. Isto é, a circulação constante a que a memória está sujeita a levaria a ordenamentos profusos.

Na *Carta 52* a perspectiva neurológica ainda se fazia presente nos estudos empreendidos por Freud. Um ponto interessante a sublinhar é sua observação de que haveria uma mútua exclusão entre consciência e memória, uma vez que já havia começado a conceber o inconsciente como uma instância psíquica e a memória como vinculada a essa instância, enquanto que as percepções estariam vinculadas à consciência. Freud (1950[1896]/1996) faz uso dos termos percepção, consciência, inconsciência e pré-consciência, postulando que diferentes registros seriam colocados em funcionamento através dos neurônios ligados a cada um desses estratos psíquicos. Haveria assim uma raiz perceptiva conectada à consciência dirigida pelo neurônio *W*; um primeiro registro da percepção seria disposto simultaneamente em associações, arranjo executado pelo neurônio *Wz* e dificilmente com aptidão para ascender à consciência. Quanto ao segundo registro – traço *Ub* (da inconsciência) –, Freud (1950[1896]/1996) sugere que talvez esteja relacionado a lembranças conceituais, impenetráveis à consciência. Um terceiro registro, *Vb*, estaria vinculado às representações verbais e equivaleria ao eu. Catexias oriundas de *Vb* atingem o consciente somente através de certas regras. Os neurônios da consciência seriam os mesmos da percepção e, em si mesmos, despidos de memória.

Freud (1950[1896]/1996) deixa claro a seu interlocutor o fato de se restringir a uma exposição inacabada até aquele momento, não alcançando uma visão completa dos formatos psíquicos da percepção e dos três registros. Cabe acrescentar a constatação da impossibilidade mencionada por Freud (1950[1896]/1996), na ocasião, quanto à realização de uma exposição mais abrangente do psiquismo, ao deixar claro que, caso o fizesse, estaria então alcançando uma nova modalidade de psicologia. Essa atitude parece se caracterizar como um recuo estratégico de intenção pelo qual precisa passar, mas não uma desistência de seu objetivo. Seria necessário para prosseguir com o intento que suas estratégias de pesquisa, nesse momento já em voga, fossem exploradas e cada vez mais alargadas, deixando de lado a abordagem fisicalista.

Na carta, Freud (1950[1896]/1996) define a falha na tradução do material entre os diferentes registros como recalçamento. Tais registros ocorrem em etapas contínuas da vida psíquica. Entre um registro e outro há uma fronteira. Uma tradução do material psíquico fica impedida de ocorrer entre cada uma das fronteiras por haver um desprazer que opera

promovendo certo distúrbio, barrando, conseqüentemente, o avanço do registro psíquico à camada seguinte. O recalçamento se dá por uma produção de desprazer que não admite a tradução. No interior de uma mesma fase psíquica e entre registros do mesmo tipo, forma-se o que Freud (1950[1896]/1996) chama de defesa normal que se deve à produção do desprazer. Enquanto isso, o que ele designa por defesa patológica se dá contra um traço de memória de uma fase anterior não traduzido.

São os traços mnêmicos que fornecem condições à rede de neurônios para proceder com a vazão da energia pelos caminhos facilitados; o que implica dizer que os traços são os demarcadores das rotas que, por conseguinte, serão as mais replicadas. Conforme escrevem Antonello e Herzog (2012), os rearranjos dos quais a memória é capaz são novos caminhos tracejados no aparato em função da energia tanto externa quanto interna que flui sem cessar.

Os signos inscritos e retranscritos sinalizam os distintos estágios da vida psíquica em que o material mnêmico é acessado. Cada acesso mais recente remete a uma transcrição mais próxima em termos de tempo. Isso significa que o recordado não é uma mostra pura e simples tal qual o fato em si, mas o corolário de diversas retranscrições. Essa perspectiva é relevante para compreender as explorações freudianas sobre a função da memória no psiquismo, como está exposto no seguinte comentário de Antonello e Gondar (2012, p. 128) acerca do tema: “A capacidade de rearranjos dos traços mnêmicos nos diz que a memória é altamente seletiva, dinâmica, mutável e pode ser construída *a posteriori*”.

O traço mnêmico irrompe uma teia representativa no psiquismo. Antonello e Gondar (2012) mencionam que ao se formar o traço tem início uma representação. Compor traço quer dizer simbolizar; sendo esta uma atividade que se dá com a alteração da força livre que adentra o aparato psíquico em ligada; o que demonstra haver uma costura da energia em uma trama representativa que viabiliza o enlace com outras representações. Trata-se com isso da composição de um enredo complexo em que lembranças representadas estão em frequente encadeamento a cada evocação.

Com base na *Carta 52*, Antonello e Gondar (2012) comentam que o aparelho psíquico é, em seu fundamento, aparelho de memória e linguagem sob a compreensão que se dá a partir do princípio do prazer. O componente crucial da memória representativa é o traço mnêmico, que começa como signo de percepção que se inscreve na inconsciência e mostra eficácia para ser ativado em forma de lembrança no âmbito da linguagem. Com a inscrição do traço, sobrevêm transcrições em registros distintos, ocorrendo uma ordenação do conteúdo psíquico com cada transcrição, em conformidade com uma lógica nova que abonará acesso à consciência ou o negará. A garantia de acesso ou sua negação ocorre conforme a qualidade

que a representação-lembrança acarreta à consciência. Se for o caso de prazer aceita-se o acesso, mas se for de desprazer a tradução é obstruída e seu ingresso na consciência negado, isto é, estará em ação o recalque, uma operação que se pauta no princípio do prazer.

No que se refere à concepção de recalque da *Carta 52*, Salztrager e Herzog (2013) distinguem diferenças em relação àquela que figura nos posteriores artigos metapsicológicos. Nestes, em particular o que é intitulado *Repressão*²² (1915b/1996), o fenômeno é definido como trabalho voltado a distanciar um elemento da consciência. Por essa visão, o recalque não impede que no inconsciente persista a existência do representante. O conteúdo atingido pelo trabalho do recalque irradia na escuridão, compondo aí ligamentos com outros conteúdos, suscitando derivados que ao se fazerem mascarados em um grau aceitável viabilizam o ingresso na consciência. O recalque obtém assim condições para o seu regresso atuando por força de um desvio que o derivado é capaz de dar na restrição presente entre os sistemas. Enquanto isso, na *Carta 52*, o recalque intervém em duas áreas diferentes, entre os signos de percepção e o registro da inconsciência e também entre a inconsciência e a pré-consciência. Para Salztrager e Herzog (2013), uma proximidade em relação ao recalque tal como admitida por Freud nos artigos metapsicológicos é viável em relação à segunda ação do recalque tal como traçada na *Carta 52*.

Pouco tempo após a redação da *Carta 52*, na obra *A interpretação dos sonhos* (1900/1996), o modelo do recalque delineado por Freud indica a seguinte operação: evitar que uma lembrança atravessada por desprazer possa se dar de forma livre. Garcia-Roza (2008) observa que a lembrança evitada é um processo semelhante à retirada de uma percepção. A memória, portanto, funciona imersa nessa trama psíquica, não passando incólume à operação do modelo do recalque efetuado pelo sistema Pré-

²² Há que se mencionar um problema de tradução que pode nos conduzir a uma imprecisão no uso dos termos recalque e repressão. Como instruem Roudinesco e Plon (1997/1998), a palavra alemã *verdrängung* (recalque) foi traduzida no francês como *refoulement* e no espanhol e inglês, respectivamente, como *represión* e *repression*. Em linhas gerais, Freud caracteriza o recalque como um recurso que retém no inconsciente todas as ideias e representações vinculadas às pulsões que, se perpetradas, provocariam prazer, mas perturbariam a atividade psíquica, revertendo-se em motivo de desprazer. Mas há que ser dito que o pai da psicanálise, ao longo de sua obra, altera tanto o significado como o modo de operação do recalque. Como estamos vendo, no *Projeto* de 1895 e na *Carta 52*, o termo é usado, ou seja, ele aparece cedo no pensamento freudiano. Segundo Roudinesco e Plon (1997/1998), no capítulo VII do livro *A interpretação dos sonhos* (1900/1996), Freud se refere ao recalque como um recurso dinâmico inerente ao processo secundário que tipifica o pré-consciente. Já em 1915, Freud destina um artigo ao estudo da questão, no qual pondera que tudo aquilo que sofre ação do recalque perdura, forçosamente, inconsciente, muito embora o recalque não encerre tudo aquilo que seja inconsciente. Desse modo, o recalque é uma parte do inconsciente. Enquanto isso, o termo repressão, do original alemão *unterdrückung*, conforme Roudinesco e Plon (1997/1998), passou por traduções da seguinte maneira: em francês, *répression*; em espanhol *sofocación* e, em inglês, *suppression*. Para a psicanálise é uma atividade psíquica que abole de modo consciente ideias e afetos de teor embaraçoso. O desalinhamento entre os termos recalque e repressão teve início com a tradução inglesa, tendo em vista que a palavra *repression* foi adotada por Strachey para tentar dar conta do significado do conceito alemão *verdrängung*.

consciente/Consciente (aquele que cumpre uma função inibidora). Enquanto isso, o que se põe em movimento pelo sistema Inconsciente²³ é tão somente o desejo. Vejamos como o comentarista expõe o modelo concebido por Freud:

[...] um determinado processo mental pertencente ao Ics procura acesso à consciência em busca de satisfação. No entanto, a censura que opera na passagem do Ics para o Pcs/Cs opõe-se violentamente a esse propósito, pois a satisfação do desejo inconsciente, que em si mesma provocaria prazer, provocaria também desprazer relativamente às exigências do Pcs/Cs. Por essa razão, o desejo tem de permanecer inconsciente, podendo retornar sob a forma de sintoma. Ocorre, porém, que o material recalcado exerce uma atração constante sobre os conteúdos do Pcs/Cs, em relação aos quais ele possa estabelecer uma ligação no sentido de escoar sua energia. Igualmente importante é o fato de que o sistema Pcs/Cs necessita ter acesso a todas as lembranças relativas à experiência passada do indivíduo, e sabemos que, para Freud, essas lembranças se conservam integralmente (Garcia-Roza, 2008, p. 90-91).

Com as proposições acima expostas, podemos reparar que na carta em questão Freud (1950[1896]/1996) sublinha como determinante que os rearranjos da memória se dão em função de uma disposição constitutiva no aparelho psíquico operada pelo recalque, que impede o reconhecimento de alguns desejos inconscientes de natureza sexual adversos ao eu moral e consciente. Não obstante a passagem do tempo – fator que não deve ser desprezado, ele aponta para a memória não como elemento fixado de uma vez por todas, nem passivo. Ao contrário, a memória é por ele entendida como resultante do papel ativo que o sujeito é capaz de exercer, sendo, desse modo, um componente suscetível a influências de tempos em tempos e operante em sua ligação com esses diversos tempos. Isso quer dizer que nossa produção mnêmica é, não só, mas também influenciada pelas circunstâncias nas quais estejamos envolvidos. Sendo assim, para Freud (1950[1896]/1996), a memória não é exatamente um arquivo ao qual teríamos acesso para trazer ao agora as ocorrências passadas. Não é igualmente um retrato fiel do acontecido, uma vez que, por seu caráter plástico, a memória estaria impelida a se recompor em acordo com as condições presentes. Ao atravessar distintos tempos, portanto, a memória se mostra flexível a alterações.

Antonello e Gondar (2012) ainda enfatizam que é pela memória representativa que o passado vivenciado/fantasiado pode reaparecer no presente com a premissa de não contrastar com o princípio do prazer. A flexibilidade da memória se dá na esfera da memória representativa, o que pode irromper suas mutações, deturpações e *esquecimentos*. É sobre a

²³ Inconsciente (Ics); Pré-consciente (Pcs); Consciente (Cs), conforme a codificação do próprio Freud, que Garcia-Roza (2008) recorrentemente utiliza em seu livro.

representação que Freud estabelece a primeira tópica e projeta a clínica psicanalítica com fulcro na interpretação. Partindo desse pressuposto torna-se oportuno, neste ponto, prover um breve comentário sobre a noção de representação tão cara à teoria freudiana, o que nos auxilia no estudo do nosso tema central.

Campos (2004) dedica um estudo à teoria da representação na primeira tópica formulada por Freud, assinalando-a como um dos alicerces da psicanálise. Embora a noção de representação psíquica não seja restrita ao campo psicanalítico, uma vez que já se achava presente na filosofia ocidental, com Freud é introduzida uma formulação específica articulada a conceitos essenciais de sua teoria, tais como inconsciente, pulsão e recalque. Já nos anos 1890, a teoria da representação psíquica recebe valor da parte de Freud ao articulá-la às questões teóricas pertencentes à dinâmica das pulsões, isto é, ao tomá-la como parte do circuito pulsional que encadeia excitação somática, pulsão, pressão, representação psíquica e descarga. Deve-se esclarecer que é através da representação que a pulsão ganha expressão no aparelho psíquico, de tal sorte que se pode a partir daí entrever uma marcha da representação psíquica expressa na seguinte sequência: excitação – pulsão – representação psíquica.

As palavras alemãs *darstellung* e *vorstellung*, segundo Campos (2004), são substantivos de formação efetivamente aproximada, mas que exibem consideráveis disparidades na teoria freudiana. Nesta, *darstellung* remete à apresentação, que pode ser vinculada ao vocábulo português *expressão* no sentido de algo que simplesmente se manifesta com exaltação sem passar por qualquer forma de contorno ou reconfiguração. *Vorstellung*, enquanto isso, tem como cerne dispor uma imagem a partir de recursos já acessíveis, de modo que este vocábulo é usado por Freud para falar do representante da pulsão no psiquismo. Em outros termos, isso significa que a pulsão somente se exhibe no psiquismo, tanto consciente quanto inconscientemente, por meio do seu representante, como instrui Garcia-Roza (2008), o que remete às inscrições mnêmicas. Campos (2004) defende ainda como importante considerar as palavras *repräsentant* e *repräsentanz* para o sentido de representação como correspondência, estar relacionado (em relação), o que torna estes dois últimos vocábulos alemães também relevantes para a compreensão de representação tal como desenvolvida por Freud.

No tocante à representação, portanto, conforme esclarece Campos (2004), condiz aduzir ao tema da pulsão (*trieb*), que tem função crucial na teoria psicanalítica, podendo ser assimilada como um conceito que denota a força situada no limiar entre o corporal e o psíquico, entre o biológico e o simbólico. *Trieb* se presentifica no psiquismo por meio do investimento de traços mnêmicos no formato de representantes (*repräsentanz*), sendo um deles a representação (*vorstellung*) ou, mais especificamente, o representante ideativo da

pulsão (*vorstellungrepräsentanz*). Os representantes ideativos, por sua vez, são de dupla propriedade, a representação de palavra (*wortvorstellung*) e a representação de coisa (*sachvorstellung*), que se ligam para compor a representação de objeto (*objektvorstellung*). Há um segundo representante psíquico da pulsão denominado pela palavra alemã *affekt* traduzida para o português como afeto, termo cujo sentido psicanalítico remete à condição psicológica que se tece por uma descarga motora das sensações que a emparelham e – metapsicológica – como representante afetivo da pulsão.

Para discorrer acerca de pormenores relativos à representação, convém recorrermos a alguns artigos metapsicológicos. Para Freud (1915a/1996), uma excitação pulsional não é proveniente de uma fonte exterior, mas do interior do próprio organismo. Uma pulsão não propicia um efeito efêmero, ao contrário, tende a se manter presente. E o fato de partir não de fora mas de dentro do organismo a coloca como algo do qual não há como se evadir. A pulsão pode ser encarada como uma necessidade que se dissolve quando chega a uma satisfação, o que sucede mediante uma mutação congruente da fonte de excitação interna. Enquanto conceito, a pulsão é apreendida como instalada na divisa entre o somático e o psíquico, isto é, no encontro corpo-psiquismo e também como o representante psíquico das excitações emanadas no interior do organismo e, ainda, como um imperativo sobrepujado ao psiquismo para a realização de um trabalho que se dá como consequência de seu elo com o corpo.

Freud (1915a/1996) estabelece alguns vocábulos que mantêm estreita vinculação quando o que está em questão é a pulsão. Em primeiro lugar, a pressão (*drang*) que toda e qualquer pulsão é capaz de exercer, o que remete ao aspecto motor, sua quantidade de força e o esforço que demanda ao psiquismo. Em segundo lugar, sua finalidade (*ziel*) que é, invariavelmente, a satisfação que pode ser lograda quando se suprime o estado de excitação na fonte pulsional. Em terceiro lugar, o objeto (*objekt*), que nada mais é do que a coisa por meio da qual a pulsão pode chegar ao seu alvo, tendo a versatilidade como propriedade acentuada, uma vez que não está relacionado à pulsão em sua gênese, mas a ela se conecta por sua propriedade contingente em tornar possível a satisfação. Desse modo, o objeto pode ser modificado tantas vezes quantas forem preciso no fluxo das adversidades pelas quais a pulsão venha a passar. Trata-se de um deslocamento que tem ampla valia ao longo da atuação da pulsão. Em quarto lugar está a fonte (*quelle*) como um processo somático que se passa em um órgão ou parte do corpo cuja excitação é representada na vida psíquica como uma pulsão. Muito embora as excitações sejam totalmente estipuladas por sua fonte somática primordial, no que diz respeito à vida psíquica, só podemos percebê-la por suas finalidades. A indicação vital das adversidades por que passam as pulsões, segundo Freud (1915a/1996), está em sua

sujeição às ingerências das três notáveis polarizações que regem a vida psíquica, a saber: uma biológica, a oscilação entre atividade-passividade; outra real, o nexu eu-mundo externo; e uma terceira de ordem econômica que condiz com a aptidão ao prazer-desprazer.

O fenômeno designado como recalque comparece como elementar quando estão em pauta representação e pulsão. Freud (1915b/1996) indica que o cerne do recalque é afugentar determinada coisa do consciente deixando-a afastada. O recalque é factível quando se dá uma dissidência marcante no psiquismo, isto é, uma partição entre o funcionamento consciente e o inconsciente. Mas o primeiro psicanalista realça deparar-se com motivos consideráveis para pressupor a subsistência de um recalque primevo, algo como uma primeira etapa do recalque, que consiste em conter o ingresso no consciente do representante ideacional da pulsão, o qual, desde então, acarreta uma fixação em que o representante e a pulsão a que está atado perdurem sem variações, o que se deve à natureza dos processos inconscientes. Em sua segunda etapa – o recalque propriamente dito – são atingidos os derivados psíquicos do representante recalcado ou intercorrências de pensamento que, tendo advento em outra parte, acabem se encadeando a ele. Por conta desse encadeamento, essas ideias passam a ter o mesmo destino daquilo que foi recalcado em primeiro lugar. O recalque pode então ser fitado como uma pressão consecutiva.

Cabe, contudo, não realçar apenas o repúdio que parte do consciente em face do que deve ser recalcado, pois é também significativa a atração efetuada por aquilo que foi primeiramente recalcado em relação ao que a ele está ligado. É provável que o recalque não lograsse êxito caso essas duas forças não alcançassem uma mútua cooperação, isto é, se não houvesse algo recalcado em primeiro lugar e que estivesse aberto aquilo que é recalcado pelo consciente. Com isso, Freud (1915b/1996) diz que é relevante cogitar que o recalcado não coíbe que o representante da pulsão siga presente no inconsciente, acomodando-se ainda mais, suscitando derivados e compondo conexões. De fato, o recalque só intervém na relação do representante da pulsão com o sistema psíquico consciente.

A mobilização de uma pulsão não suprime o recalque de forma direta, mas fará com que se acionem todos os processos que resultem na transposição de um impulso na consciência por meios sinuosos. Segundo ensina Freud (1915b/1996), com os derivados não recalcados do inconsciente a direção de uma ideia específica é frequentemente resolvida pelo nível de sua atividade ou catexia. Quando o derivado emprega apenas uma pequena quantidade energética ficará quase sempre não recalcado, embora seu conteúdo possa entrar em um embate com o que comanda na consciência. Torna-se assim resolutivo para o embate o fator quantitativo, pois logo que a ideia repulsiva venha a ultrapassar certo nível de força o conflito se revela

presente, sendo essa mobilização o que acarreta o recalque. No que se refere ao recalque, portanto, uma ascendência da catexia procede no mesmo rumo que uma abordagem ao inconsciente, enquanto que uma redução dessa catexia atua na mesma direção que o atributo arcaico do inconsciente ou da distorção.

Freud (1915b/1996) adverte que além da ideia é forçoso levar em consideração outro representante da pulsão, a saber: o afeto. Este passa por adversidades distintas daquelas experimentadas pela ideia. O afeto corresponde à pulsão na medida em que se afasta da ideia e se manifesta na dimensão da sua quantidade. Considerando que a expectativa do recalque consiste em impedir o desprazer, pode se concluir que a adversidade da parcela de afeto que pertence ao representante é mais sobressalente que a adversidade da ideia. Caso um recalque não vete que irrompam o desprazer ou a angústia, é possível dizer que malogrou, mesmo que obtenha êxito frente a parcela ideacional. Freud (1915b/1996) ainda sublinha que o recalque que desacerta terá um peso maior sobre nossa diligência do que qualquer outra operação do recalque que venha a triunfar, uma vez que este último terá se dispersado do nosso exame.

Em outro artigo metapsicológico, Freud (1915c/1996) insiste em que uma antítese entre consciente e inconsciente não se adéqua às pulsões, uma vez que uma pulsão em momento algum se converte em objeto da consciência, mas tão somente a ideia que a representa. E ainda acrescenta que mesmo no inconsciente uma pulsão não pode ser representada de outra maneira que não seja por uma ideia. Isto leva à impreterível indicação de que se uma pulsão não se coaduna a uma ideia nem se exhibe como um estado afetivo, não seremos capazes de chegar a qualquer conhecimento dela.

Há diferenças entre uma apresentação consciente e outra inconsciente, pois estas não são registros distintos do mesmo conteúdo em localizações psíquicas variadas, tampouco são estados funcionais variados de catexias na mesma localização. Freud (1915c/1996) instrui que a apresentação consciente compreende a apresentação da coisa mais a apresentação da palavra que a esta coisa compete, enquanto que a apresentação inconsciente é tão somente a apresentação da coisa. Desse modo, o sistema inconsciente abriga as catexias da coisa dos objetos, enquanto o sistema pré-consciente se dá quando a apresentação da coisa é hipercatexizada por meio da conexão com as apresentações da palavra que lhe correspondam.

Conforme infere Campos (2004), a *Carta 52* pode ser lida como um interposto entre o que Freud coloca em 1895, em seu *Projeto*, e o que estabelece em 1899/1900, em *A interpretação dos sonhos*, uma vez que em 1895 parte de um modelo de psiquismo demarcado pelo enfoque econômico para um modelo mais transcritivo da dinâmica representacional em 1899/1900. O comentarista considera que tal transição se deve ao fato de Freud ter renunciado

a alguns pressupostos indicados no *Projeto* por repelir a teoria da sedução. Com as fantasias inconscientes alcançando crescente aplicação por parte de Freud, o campo não-representacional teria subsistido por algum tempo à margem em seu pensamento. Mas o não-representado, leia-se o traumático, não perde seu potencial de peça-chave para o psiquismo, aparecendo como uma espécie de força com a qual o psiquismo se envolve. O comentarista avalia que a primeira tópica do aparelho psíquico traçada por Freud tem como coluna a fantasia inconsciente, de maneira que o trabalho onírico sobrepuja a dimensão não-representacional postergada a uma posição marginal em função de sua proximidade com a teoria da sedução. Todo empenho de Freud no estudo e instrução acerca da fantasia inconsciente o teria conduzido, por outro lado, ao despreço em relação ao que se assenta além do princípio do prazer. Problemática que será por Freud manejada a partir da guinada teórica concretizada em 1920.

Ainda assim, como expõe Salztrager (2014), Freud também alude a uma segunda vertente de memória já na *Carta 52*, a que se coloca mais além das representações. Uma memória que não é correlata nem equiparável à lembrança e ocorre mediante a regência dos signos de percepção. Estes são bem diferentes dos traços, uma vez que não estão ligados à cadeia representativa, estabelecendo-se como uma marca alheia e irrepresentável. De acordo com Canavêz (2012), se uma demasiada quantidade de excitação se firma no registro dos signos de percepção, o que temos é da ordem do traumático, uma experiência que não encontra tradução, prescindindo de ligação aos traços de outros registros, assinalando permanência no aparelho psíquico na condição de marca. Canavêz (2012) expõe uma especificação em relação à impressão, ao traço e à marca que figura oportuna para tratar do assunto. A impressão não é o mesmo que sensação, mostrando-se como algo embaraçoso para encontrar uma descrição precisa, situando-se no hiato entre a sensação e o traço. Este, enquanto isso, acha-se enredado na teia representativa do psiquismo.

A marca, por sua vez, é uma quantidade impetuosa que acomete o aparelho, perdurando alheia à teia representativa. Isto é, a marca é uma memória da impressão que excede o nível da formação de significado que é próprio da memória representativa. Enquanto as representações passam pela interferência do recalque no caso de um aumento do desprazer, repetindo-se por associação, as marcas (signos de percepção) não se revelam suscetíveis à atuação do recalque. Antonello e Herzog (2012) referem-se à questão do seguinte modo: com as marcas desencadeia-se uma recorrência desprazerosa que o eu não é capaz de regular por estar além da sua capacidade. Em outras palavras, a intensidade se mostra como uma excitação que sobrepuja a capacidade de domínio do psiquismo e subsiste como marcas (uma

memória petrificada) que perduram desprendidas do elo de representações, não se submetendo, por isso, ao recalçamento, sem passar assim por qualquer tradução ou modificação.

Sobre essa forma de memória, Freud (1950[1896]/1996) reporta a um anacronismo, segundo o qual em determinada região sobrevivem e permanecem em vigor os *fueros*. Aqui ele faz uso de uma comparação para ilustrar do que se trata essa memória mais além da representação. *Fueros* é a expressão que remete a leis arcaicas, mas que ainda têm vigência em algumas províncias espanholas. Essas leis sobreviviam, ainda que houvesse outro regime legal no país que as tornou obsoletas. Algo de semelhante ocorre no aparato, uma vez que a memória petrificada se mantém apartada, isto é, alheia à memória que opera com os traços mnêmicos. Sendo assim, a memória das marcas se abstém dos vínculos plurais conjugados em rede que são impulsionados com os traços e por isso a memória das marcas é desprovida de plasticidade, motilidade e mutação.

Como se pode notar, o problema do trauma, no âmbito do pensamento freudiano, aproxima-se do tema da memória, tal como avaliza Canavêz (2012). Trata-se de um assunto que desde muito cedo suscita a investida freudiana em decorrência de seu aparecimento no trabalho clínico; tema este passível de ser pensado em articulação com a memória. Grosso modo, pelo esboço que Freud realiza na *Carta 52*, como pontua Canavêz (2012), o trauma se faz corrente no aparelho psíquico como uma marca. Em sua ocorrência, os signos de percepção recebem uma excitação de quantidade elevada que aí se fixa e não se traduz nem mantém ligação com os traços subsistentes em outros registros. Observamos, assim, uma forma de memória que suplanta aquela disposta à inscrição inconsciente, onde vigem os traços em uma malha que funciona de forma intrincada. A memória traumática, desse modo, perdura retida nos signos de percepção, que funcionam como um registro precedente, que difere do inconsciente no que tange ao aspecto tópico, não obstante o fato de possuir qualidade e funcionalidade inconscientes. Por ora, contudo, não dedicamos mais linhas a essa questão para voltar a abordá-la com maior atenção, oportunamente, na parte final.

Por agora, exploremos a memória em Freud pela via de um problema que figura emparelhado de maneira estreita à questão da memória: o *esquecimento*. No pensamento freudiano o imbróglio do *esquecimento* não passa em branco, ou seja, demanda uma ponderação a respeito. Freud pôde assim dar mais um passo em sua leitura acerca do psiquismo e tecer considerações interessantes para a questão da memória. Em função disso, discutimos no próximo tópico um artigo dedicado especificamente ao mote do *esquecimento*.

2.4. O fenômeno do *esquecimento* e seu mecanismo psíquico

No texto *O mecanismo psíquico do esquecimento*, Freud (1950[1898]/1996) escreve que, nos casos de *esquecimento*, um desprazer contínuo é liberado até o instante em que o impasse gerado pelo fato de ter um lapso de memória encontra uma resolução. Ele se refere em especial ao *esquecimento* tão corriqueiro de nomes próprios pelos quais provavelmente qualquer um de nós já tenha passado. A tensão se desfaz quando o *esquecimento* é suplantado através de um apoio exterior, isto é, quando recebemos auxílio de outrem para lembrar.

A análise em retrospectiva do lapso ocorrido no episódio por que passa em uma viagem²⁴, leva Freud (1950[1898]/1996) a elaborar que tais nomes e assuntos *esquecidos* remetem a dois temas (a morte e o gozo sexual), que surgem representados na fala por fonemas ou grupos de fonemas em uma cadeia de acontecimentos e palavras que se dão durante a referida viagem e lhe despertam interesse. Tais *esquecimentos* o fazem notar que havia um fluxo de representações nele encontrado em estado recalçado e que, por força de uma resistência, havia o impedimento de uma elaboração, isto é, manifesta-se uma barreira para torná-los conscientes.

Fez-se notar no acontecimento todo um jogo de nomes substitutos, vocábulos e fonemas que se encadeavam não de modo explícito. Isso quer dizer que por uma exploração atenta da linguagem, em combinações notadamente complexas para um observador desatento, Freud consegue construir a ligação entre tais palavras, as vivências pelas quais passou e o que havia ficado à primeira vista sem qualquer evidência. Ele observa, assim, o processo psíquico que opera de modo a resultar em *esquecimento*, apontando uma vez mais para o papel do recalque no processo de uma dada recordação ou na perda ocasional da memória. Tal fato é por Freud (1950[1898]/1996) evocado como exemplo em sua defesa da potência da terapia psicanalítica, pois esta teria por meta, como ele pontua, retificar os recalques e deslocamentos, abolindo os sintomas ao reinstalar o verdadeiro objeto psíquico²⁵.

Freud (1950[1898]/1996) sublinha que, dentre os diversos fatores a impor barreira a uma recordação ou a gerar a aparente perda da memória, o recalçamento cumpre um papel proeminente. Sendo assim, afirma que uma dada impressão para ser lembrada, fácil e fidedignamente, depende de diversos fatores: da constituição psíquica particular, da força da impressão quando recente, do empenho voltado para ela na ocasião, da constelação psíquica no momento, do interesse voltado para sua emergência, das vinculações para as quais a

²⁴ No referido texto, Freud (1950[1898]/1996) esclarece que o interesse em escrever o artigo sobre o *esquecimento* se dera a partir de um diálogo realizado numa viagem de trem da cidade italiana de Ragusa até a região da Herzegovina, na Bósnia, em 1898.

²⁵ Para ampliar a leitura sobre a questão do objeto na teoria freudiana, remetemos o leitor a Coelho Jr. (2001).

impressão é arrastada. Freud (1950[1898]/1996) chama a atenção para a crença banal de que a memória teria como função ser um acervo franqueável e aberto a qualquer sujeito que sinta curiosidade e, assim, exposta a restrições por uma propensão da vontade, tão precisamente quanto qualquer parcela de nossa atividade que se dirija para o mundo externo. Contrariamente a essa crença, ele afirma que as lacunas da memória, as lembranças que à primeira vista parecem ter se perdido são, de fato, – por seu caráter inconsciente – um saber ao qual não temos acesso imediato, como ele observa nos casos de histeria aos quais havia até então se dedicado. A atividade psicanalítica, por isso, caracteriza-se, neste momento de sua obra, como empenho durante seu decurso em preencher os *furos* da memória. Nesse contexto, constata-se que o resgate das lembranças perdidas encara alguma oposição, a qual nomeia resistência, que justificaria como contrapeso dispor de uma operação proporcional à sua intensidade.

Reparemos que à memória se vinculam tantos outros conceitos e que o seu estudo não se dá isoladamente no pensamento freudiano, mas como parte de uma cadeia complexa. A busca por entender o todo da estruturação e operação do psiquismo conduz Freud à observação de cada elemento em detalhe sem perder de vista o todo. Nesse texto em que trata do mecanismo psíquico do *esquecimento*, ele aponta que a memória não é passível de controle, pois sobre sua evocação operam fatores que não estão na ordem do consciente; fatores estes de outra ordem que nos surpreendem e talvez até incomodem. E o *esquecimento* é designado como uma espécie de furo que não permite à lembrança surgir com nitidez. Vale notar, portanto, que nesse momento das pesquisas freudianas (1950[1898]/1996), o trabalho analítico teria como meta superar os furos da memória, transpondo as resistências que impediriam o sujeito de se conectar com sua própria história, trazendo à tona suas lembranças.

Importa salientar que Freud pensa a resistência de diferentes maneiras em sua trajetória investigativa, como defende Canavêz (2012). Trata-se de um conceito caracterizado pela multiplicidade, de modo que cabe atentar-se para a fase na qual ocorre sua teorização. Inicialmente, Freud (1950[1898]/1996) concebe a resistência como algo a ser suplantado em nome da saúde do sujeito, observando que, no fato mesmo de *esquecer*, operam o recalçamento e o deslocamento. Para ele, o trabalho psicanalítico consiste, nesse momento, em superar tais barreiras ao buscar no psiquismo as memórias obscurecidas que teriam o poder de levar o sujeito a se ver livre do seu sintoma. Em outras palavras, nas formulações psicanalíticas iniciais, a resistência diz respeito à força contra a qual seria preciso se defrontar para suplantá-la, visando tornar consciente o inconsciente. Conforme Canavêz (2012), Freud se pautava na ideia de que, no processo clínico, chegaria à remissão sintomática

através da rememoração. Diante dessa pretensão, a interpretação do analista voltar-se-ia então à necessidade de uma modificação tópica no aparelho psíquico. Dessa maneira, Freud pensa a resistência, de acordo com Canavêz (2015b), como forma de defesa em face da iminente evidência dos conteúdos opostos à moral presente na sociedade de então. Para tornar possível a supressão dos sintomas histéricos, essa expressão defensiva precisaria ser superada.

Em seus escritos mais tardios, porém, Freud passa a compor tal questão de outro modo. Assim, aponta Canavêz (2015b), ele observa que mesmo com todo esforço investido pelo analista, a resistência não cessa, abrangendo o aparelho psíquico por inteiro. Com tal entendimento, já no contexto da segunda tópica (Freud, 1926[1925]/1996), diferentes resistências são reconhecidas (do isso, do eu e do supereu), de maneira que no funcionamento do aparelho psíquico há multiplicidade de resistências.

Canavêz e Herzog (2012) chamam a atenção para o fato de que frente aos impasses presentes em sua clínica, já em 1920, sob influência do trauma – elemento que acaba se tornando fundamental para que decorram outras formulações na teoria e na clínica tal como construídas por Freud –, em lugar da preponderância da tópica enquanto dimensão psíquica a ser alvo de mudança, o que se demonstra insuficiente, passam a valer as dimensões dinâmica e econômica²⁶. Com isso, Freud se vê impelido a buscar alterações em relação ao pensamento e construção da atividade clínica, levando em conta as expressões de mal-estar reconhecidas à época. Por verificar tais gradações no percurso freudiano, Canavêz (2015b) alude à resistência no sentido de força que coloca em movimento tanto a prática analítica quanto o próprio processo de subjetivação. Tais observações em relação ao conceito de resistência se tornam ainda mais válidas no presente texto, uma vez que permitem compreensões acerca da relação da resistência com o *esquecimento* e o ato mesmo de lembrar; relação também vista quanto ao recalque e ao sintoma.

Se a psicanálise se ocupa com a memória e a sonda, convém registrar que o *esquecimento* é um fenômeno intrínseco ao tema, diante do qual, então, podemos reaver proveitosas indicações acerca da atuação da memória. É por essa senda que Freud

²⁶ Em sua formulação metapsicológica, Freud (1915c/1996) concebe o aparelho psíquico em uma dimensão tríplice (tópica, dinâmica e econômica). Cada uma dessas dimensões é dotada de particularidades e se relacionam entre si. Com a dimensão tópica o aparelho psíquico pode ser segmentado em sistemas, como “lugares” não numa acepção literal (como anatômica), mas alegórica. Cada um dos sistemas conserva atributos e funções próprios, mantendo certa posição em relação aos demais. A dimensão dinâmica diz respeito à interação das forças atuantes entre os sistemas no interior do aparelho. Tais forças nutrem uma reciprocidade conflituosa e têm como fonte a pulsão. Em seu dinamismo, o fluxo da energia psíquica prossegue continuamente dirigido em determinado curso. A dimensão econômica é aquela relativa às quantidades de energia que circulam no aparelho psíquico. Há uma quantidade que tem procedência endógena (interna), isto é, emana do próprio corpo e outra exógena (externa) que advém do mundo externo. São as quantidades de energia que excitam o aparelho, colocando-o em operação.

(1950[1898]/1996) se dispõe quando se direciona a investigar o *esquecimento* e seu valor na atividade psíquica. Na trilha da intrínseca relação entre lembranças e *esquecimentos*, Gorender (2012) acentua que na análise o passado pode ser incorporado por novos olhares, interpretações e significados. Por certo, em uma análise o quanto não é necessário que o *esquecimento* seja manifesto para que consigamos nos voltar para as nossas lembranças inconscientes? É digno de nota que as memórias tão investidas no dia a dia, nas quais nos afincamos e temos como certas, não poucas vezes são como estorvos com os quais esbarramos e que nos confinam a um enredo demarcado pela previsibilidade. O que nos conduz à avaliação de que a memória está impreterivelmente envolta na trama inconsciente, que tem notável ímpeto em nossas lembranças e *esquecimentos*.

Cabe aqui uma ilustração relativa a essa questão. Em *Brilho eterno de uma mente sem lembranças*²⁷, longa-metragem protagonizado por um casal com explícitos contrastes, Joel e Clementine. Ele é tímido e calado, enquanto ela é expansiva e comunicativa. Com algum tempo de convivência, Clementine se ressentida e passa a não mais esperar que o relacionamento consiga prosseguir. Por isso, toma a iniciativa de esquecer Joel. Para tanto, recorre a uma empresa que exerce atividade voltada a condicionar a eliminação de memórias incômodas, isto é, que promove o *esquecimento* de delimitados episódios da mente por meio de assistência externa. Ao tomar conhecimento do sucedido, Joel se desaponta, sente-se desiludido, pois ainda se vê encantado por alguém que quis dissipar de sua mente os vestígios dele. Então ele se dispõe à semelhante atitude, recorrendo aos serviços da mesma empresa.

Ao colocar como foco o tema da memória, sublinhando o esforço postigo direcionado ao *esquecimento*, o filme também indica temas como o amor, o encontro e convivência com o diferente, os infortúnios de uma relação, dentre outros. A obra nos faculta a constatação de certas características da cultura contemporânea, a saber: 1- a exortação a um saber-fazer que se monta como perito no problema em pauta (recurso ao especialista); 2- o expediente é ofertado e vendido por uma empresa (capitalismo); 3- a execução da tarefa se faz por meio de aparelhos (novas tecnologias); 4- o apagamento da memória dar-se-ia através de uma centralização naquele que é tido como seu órgão armazenador, sua fonte corpórea, o cérebro (cientificismo); 5- o encarregado pelo procedimento é um médico (medicalização da vida). Anotamos ainda que se põe em cena o dissabor como algo com o qual não se aceita viver, mais um traço característico dos tempos atuais, de tal sorte que a amargura decorrente de um

²⁷ Filme estadunidense lançado em 2004 sob o título original *Eternal sunshine of the spotilles mind*. Com roteiro de Charlie Kaufman e direção de Michel Gondry, seu gênero aglutina o drama de estilo romântico e também a ficção científica.

relacionamento que não foi como se gostaria (Clementine) e do incômodo de se defrontar com o abandono e decepção das expectativas relativas ao outro (Joel) são os motivos encontrados para tentar, deliberadamente, *esquecer*.

Talvez a destreza de maior destaque do filme seja mostrar que, por sua vigorosa humanidade, o desejo do casal se sobrepõe à malfadada intervenção tecnicista, pelo que a memória dos dois, passado algum tempo, escapa das calculadas investidas de contenção. Podemos com Freud arriscar dizer que nos dois personagens há uma persistência do desejo que suplanta qualquer fórmula destinada ao *esquecimento* de forma voluntária. Joel, em primeiro lugar, resiste em ter sua memória dominada e Clementine passa a recuperar suas lembranças, aspirando reinvestir na relação. Doravante, dispõem-se a reler juntos a história em comum, dotando o encontro de novo significado e insinuando que entre os dois haverá um futuro envolvente.

Para pensar sobre a relação *lembrança-esquecimento*, o texto freudiano em exame nos fornece valiosas pistas. Sabemos que, em uma análise, para além do que o sujeito leva como reminiscência e o alcance desse ato para o discernimento dos sintomas, Freud atenta-se à infância que fica *esquecida*. Como dizem Zavaroni, Viana e Celes (2007), a atenção do pai da psicanálise se encaminha em grande medida para o infantil recalcado, ou seja, para algo além de tão somente um relato acerca da infância. Com isso, convém olhar para a infância entre o que se *recorda* e o que se *esquece*. Desde Freud, sabemos que o infantil é perpassado por uma atemporalidade, fazendo-se tenaz no adulto e determinando o que é recomposto no trajeto de uma análise e é próprio de cada sujeito. Isso implica dizer que a infância vivida e o infantil estão atravessados e fracionados pelo recalque. Tanto um quanto outro estão delimitados pelo impossível de uma recuperação findável e exata, de tal modo que o infantil não se exaure em sua retomada e a análise não se propõe nem consiste em incrementar uma composição ou abstração cabal da criança.

Curiosamente, é corrente tratarmos com alguma indiferença o fato de lembranças da nossa infância ficarem de certo modo perdidas. Comentário este pertinente, pois com Freud (1950[1898]/1996) sabemos que o *esquecer* não se dá à toa. Nessa ocorrência tão comum para qualquer um de nós operam interferências vigorosas no psiquismo, quais sejam, o recalque e a resistência. Segundo Gondar (2000), o próprio recalque pode ser encarado como um ato de *esquecimento*, enquanto que a resistência se soma como força que bloqueia o surgimento da lembrança.

Vale dizer que, ao tratarmos o tema do *esquecimento*, podemos logo nos perguntar sobre sua relação com a memória e com o tempo. Podemos ainda indagar acerca das

articulações e interferências mútuas, talvez até enxergando no *esquecimento* uma falha da memória e o tempo como seu fator decisivo. Mas não é assim que Freud trata a questão. Conforme nos sugere Barbosa (2006), Freud insistentemente nos remete à temporalidade do inconsciente ao enfatizar que sua atividade se mostra insubordinada à linearidade cronológica do tempo, fazendo-se, por conseguinte, imune à representação temporal consciente. Por isso os desejos inconscientes perduram, ou seja, não se tornam aplacados nem se esgotam, rasgando com o peso da passagem do tempo. Mediante isso, um dos aportes mais significativos que a teoria freudiana disponibiliza é nos levar a pensar que somos de algum modo o que não logramos lembrar por meio de um ato de vontade consciente. Podemos por isso tomar o *esquecimento* como um componente próprio à nossa constituição enquanto sujeitos.

Como consequência disso, nossas lembranças supostamente tão claras e certas, muitas vezes avaliadas como vinculadas a fatos vividos e às quais podemos teimosamente nos ater são apenas uma parte da nossa memória; uma parte, diga-se de passagem, absorta e peça funcional na engrenagem da fantasia. A memória de proporções mais abrangentes, profundas e enigmáticas, aquela nas quais estão assentadas valiosas indicações acerca da história singular de cada qual de nós é intrincada no inconsciente. Por isso o *esquecimento* não é de modo algum ínfimo, ao contrário, ele é importante e tem muito a nos dizer. Talvez uma das ilustrações propícias para nos reportarmos ao *esquecimento* seja aquela da ponta do fio a partir da qual se torna provável o ato de desenrolar um novelo, senão por completo, ao menos uma parte dele.

Em período próximo ao que redige o artigo sobre o esquecimento, Freud esmiúça ainda um pouco mais a problemática da memória ao se ocupar com o tema das lembranças, espreitando uma modalidade que denomina lembrança encobridora. No próximo tópico percorremos esse mote específico da memória desvelado por Freud.

2.5. As lembranças encobridoras

Em 1899, Freud redige outro artigo em que a memória é o assunto central intitulado *Lembranças encobridoras* (1950[1899]/1996). Nele pondera que as lembranças infantis notabilizam o funcionamento psíquico diverso entre adultos e crianças e considera que os primeiros anos de vida marcam consideravelmente nosso psiquismo. Para o autor, as lembranças da infância são com segurança uma matéria de aproveitamento psicológico, pois sinalizam uma notável discriminação entre a atividade psíquica de adultos e crianças. E, ainda mais, os traços que não se deixam suprimir persistem em nosso psiquismo desde quando

começam a se compor nos anos iniciais da nossa infância. Contudo, se remexermos em nossa memória quais vestígios estão destinados a nos impelir ao longo do tempo até o fim, repararemos que a porção de lembranças, senão nula, será algo escassa, quer dizer, em proporção exígua de reminiscências apartadas que, frequentemente, tem validade incerta ou intrigante.

Podemos reparar que Freud chama a atenção para dois fenômenos interessantes. Em primeiro lugar, a afirmação de que os primeiros anos de vida nos marcam de maneira intensa. E, em segundo lugar, todos nós curiosamente temos, à primeira vista e apenas aparentemente, poucas recordações dessa fase, uma vez que de algum modo as lembranças habitam nossas profundezas psíquicas. Ora, a assertiva freudiana sobre a infância é marcante, sendo uma entre outras que exerce notória influência sobre os mais variados estudos em psicologia. Ao longo de sua obra, sob diferentes temas, os anos da infância são alvo de pesquisa.

Vale lembrar que as pacientes em análise (as histéricas) fornecem uma instigante conjunção para Freud revisar sua apreensão inicial e com isso reposicionar-se acerca dos enredos manifestos nas narrativas, como coloca na *Carta 69* (1950[1897]/1996). O que inicialmente lhe soa como a exposição de um acontecimento tangível em uma fase de sua atividade como analista, posteriormente, ao equiparar as diversas narrativas que explicitavam traços análogos, ele pôde fazer uma interessante apreciação. Como colocam Zavaroni, Viana e Celes (2007), Freud passa a cogitar que na composição das lembranças e na disposição do *esquecimento* estão frequentemente aglutinados fatos e fantasias. Com isso, elabora a impossibilidade de um fato qualquer ser reeditado em formato inalterado e, assim, que a fantasia está correntemente acoplada à realidade. Ele passa então a realçar a posição que a fantasia abrange na formação das lembranças e assinala a atuação do recalque que impele uma partição das recordações das vivências, situando o infantil como elemento fixado no psiquismo de maneira inextinguível.

Freud estima que o conteúdo subjugado à ação do recalque aflora na fala dos sujeitos de maneira adulterada e com modificações que *alcançam* as condições para se interligar ao repertório consciente do sujeito em análise. Zavaroni, Viana e Celes (2007) citam que o infantil é recomposto sob esse mesmo regime, de modo que ao aparecer em um relato não irrompe uma narrativa exata tal qual a infância vivenciada e os eventos que a permearam. Isso quer dizer que não se dá uma junção exata entre o que é exposto pela fala e as vivências infantis básicas, pois há regras que acarretam a escalada dessas lembranças.

A investigação acerca das lembranças em sua relação com a neurose se mostra necessária na construção da teoria freudiana. Tal questão se evidencia como digna de

interpelação em função do trabalho rememorativo realizado durante a análise, que termina revelando o passado como insistentemente presente. Ao longo da trajetória percorrida por Freud, as neuroses são dispostas sob diversas perspectivas. Canavêz (2011) mostra que no início do percurso freudiano a neurose é entendida como desajuste em relação à civilização e o sintoma considerado como uma falha. Anos depois, a neurose é vista como associal, uma vez que, por ter a fantasia como artifício, o neurótico tem problemas com a realidade material. Ao debruçar-se sobre a questão do narcisismo, o normal e o patológico são assimilados por Freud como os dois lados de uma só moeda, chegando à afirmação de que mesmo aqueles inicialmente tidos como normais também são neuróticos, pois diante das imposições da vida a neurose é uma resposta para o fato de haver um meio do caminho entre os desejos inconscientes e os ditames da civilização. E mesmo com o novo dualismo pulsional de 1920, Freud não muda tanto sua visão acerca da neurose²⁸.

Não obstante o fato de haver diversas leituras freudianas acerca da questão, como observa Canavêz (2011), na abordagem que aqui empreendemos, o que vale realçar é que se para a psicopatologia moderna o sintoma neurótico não se amoldava, sendo visto negativamente pelos médicos, uma postura díspare fora tomada por Freud. Desde o início ele diferencia a psicanálise como tratamento que, em lugar da preocupação com o enquadre em um esquema catalogado de vívidas acepções morais, busca entrever o sujeito, sua constituição enquanto tal e seu modo de se situar no mundo.

Voltemos ainda um pouco aos casos das histéricas em análise no percurso freudiano inicial para melhor discorrer sobre esse ponto. Ao ouvir suas pacientes histéricas, o relato de uma vivência assim tão intensa (a sedução por um adulto) resta reconhecida como trauma psíquico. Há uma mudança significativa em relação à medicina da sua época que Freud introduz quanto a essas constatações, que foi considerar a fala dessas pacientes, reconhecendo nelas todo peso da realidade psíquica e não a factual, concedendo assim um lugar de importância à ficção construída pelo sujeito. Anos depois da emblemática *Carta 52* dirigida a Fliess, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), Freud atesta que fantasiar cumpre a função de tornar encoberto o autoerotismo da infância, que para ele evidencia uma sexualidade já presente nas crianças bem pequenas. Essa construção teórica serve de acabamento no abandono da sedução factual enquanto teoria aceitável. Em sua concepção inovadora acerca da constituição do psiquismo, contrapondo-se à medicina em voga, Freud desconsidera a possibilidade de se chegar a uma origem (como causa) da neurose e passa a

²⁸ Para aprofundar a questão, recomendamos ao leitor o estudo de Canavêz (2011) acerca dos descaminhos do sintoma neurótico, no qual discute o tema em suas implicações pendulares entre o compromisso e a resistência.

considerar um começo que se constitui por meio da fantasia. Esta problemática requer ainda uma breve explanação a fim de darmos um passo adiante em nossa explanação.

Canavêz e Herzog (2007) observam que a procura pela origem do sintoma tão comum à ciência e à prática médica mobiliza durante certo tempo o empenho de Freud, uma vez que ele chega a manter preocupação com a causalidade e sua corroboração científica. Tal visão, entretanto, culminava no silenciamento do sujeito. Ainda nos anos iniciais de sua atividade médica, Freud faz um desvio de rota, alterando a abordagem do problema. É o que apontam as autoras quando sublinham que na ampliação de sua experiência clínica Freud repara que as narrativas não se sustentavam em um episódio real, mas em uma construção psíquica vigorosa o suficiente a ponto de prover efeitos. Tal passagem demanda para o artífice da psicanálise o discernimento de que uma rememoração cabal seria impraticável, não havendo assim por que empenhar-se no alcance de um evento causador. Ele passa então a reconhecer o papel organizador das fantasias inconscientes para o psiquismo.

Conforme sugerem as comentaristas, é a partir desse achado na clínica que Freud passa a construir o eixo teórico favorável a outro rumo em suas investigações, renunciando com isso à tarefa de atingir uma origem, sem deixar de pensar em um começo que se dá por meio da fantasia. A partir de então, o olhar de Freud irrompe na direção do sentido ao qual o sintoma é capaz de remeter, bem como em relação à sua atuação na composição do psiquismo, o que o conduz, conseqüentemente, à trajetória do sujeito. Com base nessa virada freudiana, Canavêz e Herzog (2007) consideram factível entender o sintoma como portador de uma funcionalidade que permeia as relações humanas e contribui em suas disposições.

Pois bem, em *Lembranças encobridoras* (1950[1899]/1996), o precursor da psicanálise insere este conceito que dá título ao texto, o qual consiste na representação na memória de impressões e pensamentos de período ulterior cujo teor a memória se conecta por ligações simbólicas ou similares. Em outras palavras, o valor de tal lembrança não habita precisamente em seu conteúdo, mas nas vinculações encontradas entre seu conteúdo e outro que tenha sido abolido. Assim, elementos não fundamentais – *a posteriori* – funcionam como representações de determinadas lembranças infantis que são disfarçadas quanto ao seu real significado. A memória, assim, altera plasticamente seus conteúdos. Trata-se, segundo Freud (1950[1899]/1996), do recalque que se faz acompanhar de um elemento substituto próximo em termos de tempo e espaço.

Mediante isso, a lembrança encobridora e seu aparecimento na análise consiste, tal como menciona Bastos (1999), em um conteúdo cunhado para que fantasias sucedidas na vida juvenil ou adulta que sofrem a interferência do recalque despontem disfarçadas. Elos

simbólicos conduzem o deslocamento da fantasia inconsciente à lembrança, que sendo determinada por fatores múltiplos passa por deturpações que o recalque inflige, adquirindo a conformação visual ou a imagem que o recalque demanda. O fenômeno indica que essas formas de lembrança não são reflexo ou demonstração de uma vivência da infância. Com efeito, trata-se de algo que ao se expor tem relevância para ser sondada, examinada e apreendida durante o trabalho de análise.

Salztrager (2014) depreende que o decurso psíquico das lembranças tal como fora pensado por Freud revela como desígnio que a memória do sujeito não se mantém com a mesma conformação das percepções, pois o psiquismo opera com o embuste dos dados, reordenando-os. No caso de uma lembrança encobridora, a lembrança realmente decisiva que tem a forma de uma cena significativa – por força do recalque – confere seu vigor a uma cena caricata, mas que permanece filiada à primeira, tendo por consequência o estabelecimento de uma lembrança eclipsada o bastante.

Muito embora não possa haver garantia qualquer em relação aos dados que a memória produz, uma cena autêntica da infância pode se fazer atuante. Cena esta selecionada dentre tantas outras a fim de servir como representante de uma fantasia construída em um momento posterior da vida do sujeito, em uma situação marcada por algum conflito importante para si que é encoberto pela lembrança que remete à infância. No exemplo relatado por Freud (1950[1899]/1996) estão presentes na lembrança encobridora aquelas que para ele são as duas maiores forças motivacionais (a fome e o amor). Enquanto a fome pode ser mais facilmente interpretada nas lembranças, o amor se faz mais intensamente encoberto, uma vez que nada como uma cena infantil – por ser encarada como inocente – e, assim, aparentemente se opor a um conteúdo de natureza sexual que se faz recalçado.

Na escrita de tal texto, Freud se inclina a divulgar suas descobertas em relação ao psiquismo, configurando-o em sistemas diferentes e conflitantes entre si (o Inconsciente e o Pré-consciente/Consciente). Podemos então afirmar que nesse momento ele já se encontra suficientemente convencido de que a psicanálise seria uma teoria nova e diferente de qualquer outra com vistas a entender o sujeito e atribuir-se a tarefa de tratá-lo psicologicamente, ainda que tal teoria fosse incipiente e, notadamente, inacabada. Como a história demonstra, Freud teria que contar com uma formulação necessariamente gradativa e laboriosa²⁹.

²⁹ Em 1899, quando escreve *Lembranças encobridoras*, Freud já havia escrito quase inteiramente *A interpretação dos sonhos* (publicada em 1900). Nessa obra, a sistematização da estrutura e funcionamento do aparelho psíquico é elaborada com densidade, vindo a ser reconhecida – alguns anos depois – como a obra que projeta a psicanálise como um saber inovador e método notável de tratamento psíquico.

Freud (1950[1899]/1996) assegura alcançar êxito, não poucas vezes, através do tratamento psicanalítico. Ele acredita, na ocasião, que chegaria a desvendar as partes faltantes na experiência infantil. Com isso, defende evidenciar que a impressão detida apenas em fragmento na memória, se restaurada na íntegra, confirma o pressuposto de que as coisas mais importantes são as recordadas. Contudo, o pai da psicanálise observa que esse evento não elucida a triagem feita pela memória entre os dados da experiência. Diante de fato tão curioso, Freud (1950[1899]/1996) pergunta por que retemos o que é irrelevante e não o contrário.

Para desvendar tal questão, escreve ele, é necessário averiguar em profundidade o mecanismo desses processos. Oferece então como explicação haver duas forças aí envolvidas; duas forças que se contrapõem, mas não se invalidam (a primeira força atua a partir do inconsciente, enquanto que a segunda atua a partir do consciente). A primeira acha na experiência um motor para lembrar, enquanto que, a outra (uma resistência) procura evitar que a lembrança de fato marcante possa se demonstrar clara e nitidamente. Diz Freud (1950[1899]/1996) que também não há prevalência de uma sobre a outra sem que haja uma perda para si própria.

O que ocorre é uma conciliação que funciona de tal modo que o conteúdo armazenado como imagem mnêmica não é a experiência proeminente em si – aí o que está sobressaindo é a resistência – mas um outro elemento psíquico fortemente conexo ao elemento passível de oposição. Deve-se esclarecer que o primeiro elemento demonstra vigor e o que deriva do conflito é o seguinte: em lugar da imagem mnêmica que seria nítida pelo evento primordial produz-se outra que estando associada, até certo ponto, desloca-se da imagem mnêmica original. Trata-se do deslocamento de algo conexo por extensão. Se o processo for examinado como um todo, afirma-se que é um recalçamento substituído por algo achegado nos marcos de tempo e espaço. Freud, em suas próprias palavras, atesta que o conceito de lembrança encobridora

[...] deve seu valor enquanto lembrança não a seu próprio conteúdo, mas às relações existentes entre esse conteúdo e algum outro que tenha sido suprimido. É possível distinguir diferentes classes de lembranças encobridoras, conforme a natureza dessa relação. Encontramos exemplos de duas dessas classes entre o que se descreve como as primeiras lembranças da infância – isto é, se incluirmos na categoria de lembranças encobridoras as cenas infantis incompletas, que são inocentes justamente por sua incompletude. Pode-se prever que as lembranças encobridoras também hão de ser formadas de resíduos de lembranças relativas a etapas posteriores da vida (Freud, 1950[1899]/1996, p. 297).

Podemos com isso admitir que a firme confiança que chegamos a ter em certas lembranças supostamente providas da infância ou mesmo da fase adulta, encarando-as como expressão de uma verdade nua e crua, cai por terra diante da consideração freudiana de que tal fenômeno psíquico está imbricado no processo inconsciente que sobressai em cada sujeito. Não convém, assim, que tais lembranças sejam ingenuamente apreciadas como a mais pura manifestação de pensamentos e afetos tão somente relativos àquele acontecimento ou originários dele. Essa visão pueril é alicerçada, diga-se de passagem, no senso comum de que lembramos algo com fidedignidade ou simplesmente *esquecemos* em função da passagem do tempo. Diversamente, as alusões a episódios pelos quais tenhamos real ou supostamente passado e a maneira como enfim passamos e, mais tarde, como os reconstruímos na imaginação são, desse modo, advindas de uma trama psíquica que acarreta o processo de construção de uma lembrança e, também, a manifestação do *esquecimento*.

Tal processo é por Freud (1950[1899]/1996) esquematizado da seguinte forma: conflito > recalçamento > substituição. O processo envolve conciliação regressa nos sintomas psiconeuróticos e dão a chave para o entendimento de seu início. Freud (1950[1899]/1996) atesta, em relação ao contexto de pesquisas psicológicas de sua época, para o fato de que tal funcionamento psíquico é de grande importância. Isto é, os processos defensivos e os deslocamentos a que chegam, não teriam sido pesquisados e, conseqüentemente, estariam ainda obscuros.

As chamadas lembranças encobridoras enviam tanto à infância, em cenas incompletas, quanto a tempos mais tardios da vida. E Freud (1950[1899]/1996) chama a atenção para um dado curioso, na maior parte das cenas importantes da infância, o sujeito vê a si mesmo como criança, sabendo que essa criança é ele próprio. Contudo, a criança é vista como a veria qualquer outro observador externo à cena.

Freud (1950[1899]/1996) alerta para o fato de que tais lembranças não podem ser, de forma alguma, tais como a impressão original recebida, uma vez que na ocasião o sujeito estava imerso na situação e não focava atenção em si mesmo, mas no mundo externo. Desse modo, quando alguém na lembrança surge como objeto entre outros objetos, estão em contraste o eu que atua e o eu que recorda, sendo essa uma amostra de que a impressão original restou elaborada. Um traço mnêmico infantil é retraduzido em etapa ulterior – aquela em que a lembrança é acordada. No entanto, qualquer reprodução da impressão original nunca adentra a consciência. Com tal descrição e teorização, Freud (1950[1899]/1996) elucida que os conteúdos contidos na memória – traços mnêmicos e representações – são marcadamente

expressos com mobilidade e plasticidade intimamente ligadas ao inconsciente e à história do sujeito, como também à sua condição presente no ato de lembrar.

Em diversas lembranças de experiências importantes da infância, límpidas e claras, localizam-se cenas enganosas, uma vez verificadas pelas recordações dos adultos. Freud (1950[1899]/1996) destaca não se tratar, nesses casos, de invenções, pois são enganosas por terem transportado um evento para onde ele não ocorreu. Uma investigação em detalhe leva a constatar que os enganos da memória são tendenciosos, pois se prestam ao recalque e ao deslocamento de impressões desagradáveis operadas pelo eu. Tais lembranças enganosas iniciam-se em etapa da vida na qual se torna possível aferir um lugar na atividade psíquica a essa modalidade de conflitos e aos impulsos de recalque, sendo, assim, bem ulterior à etapa a que pertence seu conteúdo. Essa modalidade de lembrança enganosa é a primeira que passamos a conhecer, porém a matéria-prima dos traços mnêmicos que a formaram se mantém enigmática em sua condição inicial.

Temos assim que um dos elementos encadeados à memória – e também muito importante na teoria psicanalítica – é o tempo. O que Freud parece nos dizer é que os três tempos (passado, presente e futuro) são separados somente até certo ponto. Nós os organizamos, separamos e sobre eles falamos como apartados. Tal modo de entender e discursar atrela-se ao nosso nível consciente, com o qual podemos ter a ilusão de que os diversos tempos são assim mesmo, separados e reservados cada qual a um suposto seu lugar. No funcionamento psíquico, entretanto, opera com proeminência o inconsciente, instância em que os três tempos se atravessam mutuamente, vindo a exercer interferência um sobre o outro.

Gondar (1995) salienta haver na teoria freudiana uma proposição de que passado e presente são íntimos e estão trançados a ponto de o primeiro, pela via do inconsciente, comparecer ao segundo. Daí, pois, que o tempo em psicanálise extrapola o domínio do consciente, tratando-se de um aspecto que não se acomoda nem se limita ao que podemos de pronto vir a perceber, muito menos subjugar. A tratativa psicanalítica do tempo pergunta por seu nexos com o sujeito, uma vez que este se constitui na liga entre um antes e um depois processada sob diversas variantes, não havendo como agregá-las nem lhes atribuir um único sentido, dada a multiplicidade típica do pensamento freudiano, com suas formas heterogêneas de se colocar sobre uma mesma questão³⁰.

³⁰ O tempo é um daqueles motes fatalmente relacionados ao tema da memória. Porém, não é nosso propósito neste texto estender uma discussão sobre a relação memória-tempo. Um estudo esmiuçado acerca do tempo no pensamento freudiano pode ser encontrado em Gondar (1995).

Consoante essa perspectiva, o que passou não exatamente é passado; o que é presente não pertence só ao hoje, pois se liga ao passado, atualizando-o e redesenhando-o de algum modo, em acordo com as circunstâncias sob as quais nos situamos. Acresce dizer que o passado e o presente servirão de base para os desdobramentos daquilo que ainda viveremos, o que chamamos futuro. Ora, a memória se constrói e opera é exatamente aí, como inseparável do fator tempo, muito embora o subverta. Assim é que, no ato de lembrar, como sublinha Freud (1950[1899]/1996), produzimos um conteúdo psíquico que pode nos levar a crer ser uma vívida recordação de um episódio infantil, mas que de fato fora produzido em momento tardio, uma vez que o recalçamento e o deslocamento mostram-se atuantes.

O conhecimento de tal fato, escreve Freud (1950[1899]/1996), deve nos levar a abreviar a diferenciação que postulamos para as lembranças encobridoras e outras formas de lembranças oriundas da vida infantil. O autor argumenta, nesse sentido, se será mesmo possível que haja lembranças provindas da infância. Talvez, diz ele, o que chegamos a ter são apenas lembranças relativas à etapa infantil. Logo, as lembranças da infância não nos exibem essa fase tal como foi realizada, e sim como se expõe em períodos ulteriores nos quais essas lembranças restaram acordadas. Nas etapas da vida em que se exibem, essas lembranças não vêm à tona tal como é comum afirmar. E aí Freud (1950[1899]/1996) surpreende ao inferir que tais lembranças são construídas nessa etapa tardia. Escreve ele que se preocupar com a história em sua precisão é justamente o que não ocorre, uma vez que há um artifício que tem parte nas lembranças formadas e selecionadas.

Como presume Farias (2008b), podemos com isso notar um vínculo íntimo entre os conceitos de memória e *a posteriori*, que aponta para certa distância entre um dado acontecimento e a recordação que sobre este se forma, posto que uma lembrança não remete tão somente ao passado. Tais assertivas freudianas nos fornecem indicações eloquentes para compreender que a memória se configura pela ligação entre o que *lembramos* e o que *esquecemos*. Pela memória, em seu intrínseco caráter inconsciente, podemos vislumbrar que determinados conteúdos, de forma inelutável, extrapolam nosso saber consciente.

2.6. Apreciações transitivas sobre a memória em Freud

Ao promover essa concisa leitura da habilidosa direção conferida por Freud ao estudo do psiquismo, bem como à intervenção sobre ele, sublinhamos o tema da memória, particularmente no estágio preliminar do corpo mais extensivo de sua pesquisa. Reconhecemos que a memória se evidencia como uma incógnita perante a qual Freud se vê atraído, pelo que vem a reparar como premente a apreensão dos seus mecanismos a fim de

elucidar a engenhosidade mais cabal da atividade psíquica e extrair as devidas inferências para sua empreitada científica. Como é corrente, o projeto teórico-clínico instaurado pelo artífice da psicanálise adentra o século XX, situando-se em uma posição entre *sui generis*, qual seja, aquela entre a medicina e a jovem psicologia científica, despontando-se como um saber um tanto quanto dissonante daqueles então correntes.

Desde os anos iniciais da ininterrupta sondagem do psiquismo realizada por Freud, em seus primeiros arranjos acerca da composição deste, ele até chega a tentar instituir um nexo plausível entre a atividade psíquica e a substância neuronal. Pouco depois, atravessando o embaraço do *esquecimento* e o inaudito das *lembranças intrincadas*, a memória comparece como objeto imprescindível ao avanço do estudo freudiano, sortindo indicativos congruentes acerca da constituição dos sujeitos. O assunto é, portanto, uma peça do arcabouço temático de interesse de Freud, colaborando na direção do procedimento clínico até chegar ao ponto de fazer jus a apreciações mais densas e abrangentes na formulação da primeira tópica do aparelho psíquico publicada em 1899/1900, na obra *A interpretação dos sonhos*.

Com efeito, a psicanálise se pôs como teoria e método clínico que inovou a perspectiva e apreciação sobre o que institui o sujeito em seu indelével enlace com a cultura da qual é integrante. Sujeito este constituído pelo inconsciente, instância psíquica eminentemente expressiva em nosso jeito de produzir memória. No curso da formulação de sua teoria, Freud põe em relevo o feitio ilógico da memória, desviando-a concomitantemente de uma operação mecânica, como frisam Ferrarini e Magalhães (2014). De fato, o precursor da psicanálise introduz um novo estilo de abordagem da memória, demanda que se revela imperiosa quando sua investigação sobre o psiquismo começa a avançar e a exhibir atributos insólitos. Memória que por sua propriedade alheia à razão não se rende nem se confina ao nosso comando e que por isso não se assenta, tampouco se enquadra em supostas localizações fisicalistas que a tentam restringir ao cérebro.

Acrescente-se a isso que a memória tanto abrange o que é *lembrado* e o que à primeira vista parece ter se tornado *esquecido*, como um fenômeno que participa da funcionalidade psíquica mais extensiva, tal como comenta Trevizan (2014), o lembrar e o esquecer são fragmentos da narrativa que o sujeito escolhe dispor para si mesmo e para o outro. Há que se esclarecer que o vocábulo *escolha* em psicanálise não quer dizer um desígnio fatalmente consciente, ou seja, que possa de algum modo ser deliberado ou planejado, uma vez que diz respeito aos itinerários inconscientemente transitados pela energia psíquica, que ocasionam traços, a despeito de outros trajetos que talvez pudessem ter se firmado no psiquismo.

O leitor deve ter notado que, no âmbito da psicanálise, é patente que a memória se articula com tópicos como experiência, recalque, representação, fantasia, narrativa, tempo, trauma, entre outros. Não obstante qualquer eventual estudo mais exclusivo desses e de outros temas, sabemos que sondagens mais espessas acerca dessas múltiplas conexões são predispostas a desdobramentos e pormenores. Mas por razões de espaço, como também pela demarcação traçada para este texto, não vêm a ser alvos de uma investigação alongada. Ainda assim, o típico estilo do pensamento freudiano parece nos sugerir o intento de rastrear as junções e recíprocas implicações de uma matéria em relação a outra. Como quer que seja, ao ler Freud, colocamo-nos perante uma multifacetada rede de ponderações notavelmente concatenadas a demandar que as pensemos sem ignorar seu vínculo com as mais diversas temáticas.

Diante do que é apontado nos textos freudianos percorridos em nossa leitura, convém dizer que depreendemos a memória – de modo apenas preambular –, como elemento do psiquismo que opera frente as excitações externas e internas, que são constante e simultaneamente imbricadas e intercambiáveis. Na enredada e inerente dependência entre cultura e sujeito que acometem a formação de nossas memórias, há que se levar em conta que, no um a um de cada sujeito estão, sem dúvida, dispostos coloridos inigualáveis correlatos à trajetória singular e à posição assumida diante da cultura. Em outros termos, tanto a trama dos acontecimentos, como a apropriação que desta se faz têm vigência no modo de ser de cada sujeito.

De tal modo essa perspectiva tem peso na psicanálise que esta se ocupa, como diz Maurano (2003), com a inseparabilidade entre o exterior e o interior, entre o clínico e o social. O que se dá através de um contínuo movimento que tanto vai como volta na relação entre o sujeito e o outro, enredados que nos situamos na trama linguística em que esse outro encontra lugar em nosso íntimo e funda nosso desejo. Sendo assim, o inconsciente exprime o que desejamos, formando por isso uma dimensão também cultural ou social, uma vez que o que chega do externo é de alguma forma tomado como referência.

Ao chegar à parte final, considerando a profusão de articulações que a memória possibilita, almejamos discorrer brevemente acerca de pontos envoltos nos acontecimentos e fenômenos da história recente e atual naquilo que possivelmente comprometem na disposição e operação da memória. Frente a isso, deparamo-nos com o desafio de focar presumíveis confluências relativas à memória em diálogo com algumas das afirmativas freudianas que até aqui encampamos.

Nessa direção, tomando em perspectiva as feições da cultura contemporânea com seus modos de subjetivação, torna-se instigante expor um esboço da estridente ligação entre dois tópicos: memória e trauma. Tal procedimento se justifica a partir da presunção de que esta categoria (o trauma) ganha visibilidade ao longo do século XX e persiste no presente por força de vários dentre os acontecimentos referidos neste texto, em seu primeiro capítulo. Desde o século XIX, passando pelo século precedente, até chegar ao atual, o trauma recebe configurações teóricas que o elevam ao estatuto de conceito dirigido quase sempre para passagens demarcadas por violências que ocasionam impactos perturbadores, choque e dor, eventos estes através dos quais a morte se anuncia como possibilidade iminente.

- Considerações finais -

ARTICULAÇÕES ENTRE MEMÓRIA E TRAUMA

A sabedoria precisa de esquecimento.
Esquecer é livrar-se dos jeitos de ser que se sedimentam em nós,
e que nos levam a crer que as coisas têm de ser do jeito como são.
Não. Não é preciso que as coisas continuem a ser do jeito como sempre foram.
Rubem Alves

Nestas considerações finais, visamos pensar sobre o trauma como elemento situado na trama dos processos de subjetivação encontrados na contemporaneidade, articulando-o com o tema da memória, tomando como base o pensamento freudiano. Cabe observar que, na leitura até aqui efetuada sobre o tema da memória em Freud, entendemos como necessário apresentar as diversas possibilidades de constituição da memória, com especial atenção ao seu envolvimento na operação psíquica inconsciente. O critério por realçar, nestas linhas finais, o tema do trauma em conexão com o da memória – apenas brevemente mencionado no decorrer do texto – deve-se ao fato de vislumbrarmos que a memória traumática encontra, atualmente, certo alcance. Mais precisamente, entendemos que o trauma seja uma categoria significativa para a leitura da memória na contemporaneidade. Por meio dessa articulação, tentamos estabelecer uma ligação entre a leitura da cultura contemporânea efetuada no primeiro capítulo com algumas dentre as proposições freudianas que exploramos no segundo. Cabe esclarecer, desde logo, que estas considerações têm caráter incipiente e, por isso mesmo, mostram-se suscetíveis a posteriores desdobramentos.

Nesse passo sustentamos que, para além da amplitude da obra freudiana, que se mostra abrangente, aberta a releituras e novas explorações, e do enfoque na dimensão psíquica inconsciente por meio da qual se opera uma memória articulada, filiada à dinâmica representacional, no assunto especificamente abordado nesta dissertação, postulamos que a contemporaneidade de Freud também se dá a ver porque nos possibilita elaborações acerca da memória traumática. Isto é, o pensamento de Freud mostra-se propício para tratar deste mote, o que significa que a relação entre os temas da memória e do trauma nos parecem férteis para examinar a cultura contemporânea a partir do pensamento freudiano.

A noção freudiana de memória é marcada pela multiplicidade, tal como enfatiza Salztrager (2014). Sua forma inconsciente representacional em similaridade com o arquivo e com a lembrança, portanto, indicam algumas dentre as suas possibilidades, uma vez que há outro tipo de memória afastada da representação (a memória traumática). Para Canavêz

(2012, p. 106), o trauma se exprime como “desafio” à memória, remetendo ao fato de que esta não se enquadra a uma compreensão cerceada apenas na noção de uma linguagem assentada em traços mnêmicos representáveis. A forma pela qual o trauma sucede, como observam Antonello e Gondar (2014), não impossibilita a memória representacional, pois sua atuação se encontra separada desta. Embora a memória traumática seja também inconsciente, ela não o é no sentido tópico. Trata-se de um tipo de memória que, de certo modo, extrapola o inconsciente, fixando-se no psiquismo como marcas que não se convertem em traços.

Nesse ponto convém destacar que optamos pelos textos iniciais de Freud por percebermos que estes nos fornecem pistas para pensar a relação entre memória e trauma. Desse modo, dentre os escritos freudianos trabalhados no capítulo precedente, tanto *O mecanismo psíquico do esquecimento* como *Lembranças encobridoras* nos apoiaram na compreensão de alguns aspectos relativos à memória inconsciente participante da cadeia representacional. Os demais escritos (*o Projeto* e a *Carta 52*), como expomos, também nos ajudam nesse sentido e, para além, ainda nos fornecem pistas para investigar o trauma e sua relação com a memória, uma vez que ambos os escritos também se voltam para o que extrapola a cadeia representacional. Por essa razão, tomamos apenas estes dois últimos como referências para a discussão encampada nessa parte final.

Um ponto interessante a ser colocado é o fato de que o tema do trauma, no que se refere à sua constituição psíquica, localiza-se historicamente na modernidade, mais precisamente na segunda metade do século XIX. Segundo Farias (2008a), é a ideia moderna de razão e seu avesso (a desrazão) que servem de motor para que o trauma desponte como uma questão. Quer dizer, o contexto de surgimento do trauma enquanto objeto de investigação é praticamente o mesmo em que Freud começa sua atividade como médico e pesquisador.

Nas linhas que seguem, esboçamos a concepção de trauma em sua proximidade com a memória. Presumimos sua iminência presente no regime de excesso avistado na cultura contemporânea. Reportamos às suas conexões com os processos da percepção e do pensamento. Ao recuperar a inquietação que motivou a escrita deste texto comentamos produções ficcionais que nos insinuem o trauma como uma das possíveis chaves de leitura dos modos de subjetivação contemporâneos. Aludimos ao problema da dor como um ingrediente relativo à vivência traumática. Por fim, uma vez mais sublinhamos a contemporaneidade de Freud também manifesta na clínica enquanto artifício por ele lançado, reconhecendo-a como recurso para a abordagem do trauma.

É interessante pontuar que a ideia de trauma presente na psicanálise, nos termos empregados por Canavêz e Herzog (2011), leva sempre em conta o sujeito e sua disposição

psíquica particular. Aliás, múltiplos fatores concorrem para a formação do trauma, como também indicam Canavêz e Herzog (2014). Trata-se, portanto, de um despropósito imputá-lo tão somente a um fator. É pertinente, nesse sentido, levar em consideração o sujeito, o acontecimento e o contexto invariavelmente de forma correlacionada. Aqui, uma vez mais se acena para a conjunção singular que induz como indispensável sondar cada caso em específico. Afirmativa esta que aponta para o fato de que a exposição a uma situação excessiva, embora relevante, é apenas um componente entre outros. Por isso mesmo, esta pode acometer determinado sujeito a ponto de traumatizá-lo, enquanto outro que tenha passado pelo mesmo evento não venha a se sentir afetado de forma equivalente. Ainda segundo as autoras, é possível que o trauma se imponha enquanto tal sobre um sujeito que tenha vivenciado uma situação que não seja socialmente identificada como excessiva.

Como temos enfatizado, a cultura é um elemento considerável, não cabendo interpretá-la como separada do sujeito nem tampouco este como dissociado dela. Ambos se engendram em interdependência com implicações recíprocas e concomitantes, de maneira que a cultura forma o sujeito ao mesmo tempo em que este a produz – motivo pelo qual examinamos ao longo do capítulo inicial algumas características da cultura contemporânea. Um ponto que agora sublinhamos é o fato de que os sujeitos não se envolvem de forma idêntica na cultura que compartilham. Isso significa que embora haja numerosos pontos de afinidade e até de semelhança entre os sujeitos participantes de uma mesma cultura, o modo distinto como cada qual nela se insere e por ela é afetado, bem como as consequentes respostas dadas nos indicam como oportuno não perder de vista que é necessário estimar a conjunção psíquica exclusiva de cada sujeito. Por este motivo, é devidamente factível que episódios inesperados e impetuosos possam acometer os sujeitos e traumatizá-los, mas não há garantias de que todo e qualquer sujeito será afetado a este ponto.

Sendo assim, a tipificação de um evento por si só como traumático é problemática. Aliás, para a psicanálise o acontecimento em si mesmo não pode ser reputado como traumatizante, uma vez que se trata de uma conjuntura invariavelmente relacional em que se põem em jogo várias forças. De outro lado, episódios avaliados socialmente como inexpressivos, isto é, que não são reconhecidos como capazes de impactar os sujeitos podem ser experimentados como traumáticos se nos detivermos no caso a caso. Em suma, diferentes fatores se combinam para que um trauma se estabeleça e, em última instância, o que está em jogo é o modo como o sujeito, em sua condição singular, sente-se afetado.

Nos termos do *Projeto*, conforme indica Canavêz (2012), o trauma teria um caráter estruturante que derivaria das experiências de satisfação e outro desestruturante que

corresponderia à dor por seu cunho repentino e contundente. As experiências de satisfação e de dor são as matrizes da memória e constituintes das facilitações, dando-lhes início. Seus resquícios acarretam os afetos e os estados de desejo. No caso do afeto ocorre uma ampliação abrupta da tensão, enquanto que, no caso do desejo, ocorre uma somação.

Nessa direção, podemos reparar então que há, pelo menos, dois destinos possíveis ao trauma, um de efeitos integradores, que também pode ser inferido como o seu aspecto constituinte e outro de efeitos desintegradores que revelam sua feição desconstituente. Reafirmando a singularidade como aspecto crucial, Friedl e Farias (2012) presumem que para haver tanto um efeito quanto outro não se depende tão somente da força intensa, pois a conjunção psíquica do sujeito submetido ao acontecimento é fator da mais alta relevância. Sendo assim, a precariedade e a fragilidade são signos do estado de desamparo que pode, por assim dizer, anunciar-se tanto negativa quanto positivamente. Se negativo, dificulta ao sujeito munir-se de mecanismos defensivos. Se positivo, caso reconhecida a precariedade, o impulso destrutivo em face do outro é vertido e elos alteritários podem ser promovidos.

Quanto aos destinos do trauma, Antonello e Herzog (2012) distinguem que o efeito estruturante deste ordena traços mnêmicos, ressurgindo na forma do retorno do recalado intrínseco à cadeia representativa, enquanto que o efeito desestruturante o leva a perdurar nos signos de percepção alheio à representação. Com o recalado forja-se um composto de formações substitutas, nos termos descritos por Canavêz (2012), de forma que as representações recalçadas são reiteradas por associação caso ocorra um aumento do desprazer. No caso das memórias impressas nos signos de percepção, entretanto, essa atividade do recalamento está excluída. Por sua força, as impressões nos signos de percepção são denominadas marcas que, segundo Canavêz (2012), concernem ao que se esquivava à lógica do domínio representacional, excedendo o âmbito da significação, fazendo-se distinto no psiquismo como memória da impressão.

É válido expor que a impressão recebe definições em alguns dos trabalhos psicanalíticos aos quais nos reportamos, mas entre estes não parece haver similaridades exatas e sim aproximadas. Quanto a isso Canavêz (2012) escreve que a impressão tem mesmo uma difícil elucidação, ressaltando que não pode ser entendida como sensação nem como traço. Já Salztrager (2014) se refere à marca ou impressão *nos* signos de percepção, o que sugere certa equivalência da *impressão* com a *marca* na qual esta estaria alojada *nos* signos de percepção. Semelhantemente, em Antonello e Herzog (2012) encontramos correspondência entre *impressão* e *marca*, uma vez que esta é qualificada como um tipo de *impressão* que não participa da cadeia representativa. Por Antonello e Gondar (2014) a *impressão* é descrita

como o primeiro registro mnêmico no aparelho psíquico produzido pela entrada da excitação, isto é, o registro que se dá logo após a percepção. A percepção se encarrega da recepção dos estímulos que são experimentados como sensações. Nessa visão, a *impressão* se iguala aos *signos de percepção*. Tal qual esta última proposição, em Gondar e Antonello (2016) a *impressão* impetuosa se presentifica no psiquismo *como signos de percepção* mantidos na forma de uma memória literal.

Não obstante essas pequenas diferenças no tratamento da questão, todas as investigações mencionadas se direcionam, com suas respectivas especificidades, à discussão sobre o modo como o trauma se instaura no psiquismo, o que nos parece o ingrediente fundamental em relação a essa reflexão. Como quer que seja, sabemos que há uma intrincada relação entre *impressão*, *marca* e *signos de percepção* que se evidencia quando o trauma ganha a cena.

Friedl e Farias (2012) expõem que o trauma se apresenta na forma de um excesso de investimento quantitativo, o que faz com que alguns dos seus aspectos fiquem apartados da representação e terminem dificultando sua elaboração, tornando então seu vestígio uma percepção frequente sem aptidão para a produção de sentido. Para os autores, a depender do sujeito, tais efeitos podem perdurar por um breve ou até mesmo por um longo período. Esses aspectos sem medida reconhecida e irrepresentáveis do trauma fazem com que alguma coisa do sucedido subsista sempre descoberta sem receber significação, levando a vivência traumática a persistir sem alteração. Em outras palavras, isso quer dizer que não sendo viável a elaboração, o trauma insistirá como vestígio de uma percepção frequente, um resíduo inexprimível que atua com ímpeto, tornando-se, provavelmente, um custo subjetivo de elevadas proporções para o sujeito. Disso então sucede que o sujeito terá dificuldade para por em palavras o vivido traumático.

Conforme Gondar e Antonello (2016), se o trauma provocar uma impressão forte o suficiente, sua viabilidade de inscrição como traços mnêmicos restará excluída. Para os autores, impressões tão impetuosas para um sujeito não podem ser representadas, presentificando-se como signos de percepção, chegando, assim, a se preservar como memória inalterável. Temos então que o destino desestruturante do trauma tem natureza inconsciente, mas não na acepção tópica. Trata-se de um aspecto do trauma que é inconsciente, mas não como parte da cadeia representacional. Quanto a isso, cabe recapitular que Freud (1950[1896]/1996) se reporta aos signos de percepção (designados na *Carta 52* como *Wz*). Nestes se dá o primeiro registro mnêmico suscitado logo após a passagem da excitação pela extremidade perceptiva do aparelho psíquico. Quando uma excitação, por sua intensidade,

permanece nesse registro, ou seja, quando não encontra passagem ao estrato seguinte do aparelho, sua tradução resta inviabilizada, caracterizando-se, assim, como traumática.

Desse modo, segundo Antonello e Gondar (2012), o evento traumático não se mostra como algo pertencente a um momento passado, de tal sorte que parece estar sempre presente sem passar por qualquer conversão em símbolo. Os autores também especificam que a vivência do trauma pode se tornar compulsiva, colocando-se como uma memória ofuscante que perdura impressa nos signos de percepção. Em outros termos, quando o primeiro registro nos signos de percepção não se convertem em traços mnêmicos, acabam não tomando parte na cadeia representacional, o que é imprescindível para que haja sua efetiva inscrição simbólica e tradução em linguagem na forma de palavras. E o que afinal faz com que determinada vivência persista confinada nesse primeiro registro? Sua força excessiva que ultrapassa a aptidão que o aparelho psíquico tem para dominar. Daí a pertinente distinção que Freud faz entre traços e marcas no aparelho psíquico.

No caso do seu destino desestruturante o trauma então perdura como marca, o que é bem diferente do traço. Este é passível de representação de tempos em tempos; está sujeito a rearranjos; dispõe de constante circulação; é propício a ordenamentos profusos. Sua formação em rede fornece condições para a vazão da energia psíquica, uma vez que a liga numa cadeia representativa, demarcando rotas. O traço, portanto, possibilita a simbolização. É interessante notar o quanto o termo traço é preciso para comunicar o que significa, uma vez que nos permite pensá-lo como algo que, em ligação com outros traços, compõe uma espécie de *tecido*.

Essa comparação nos parece sugestiva, pois os traços se trançam e, em seu conjunto, formam como que um *tecido* que tem como característica fundamental sua abertura, não se tratando de algo finalizado ou fechado, pois está em constante movimento e construção, sendo, assim, suscetível a novos traçados. A marca, por sua vez, é bem diferente. Por não compor a cadeia representacional fixa-se como alheia ao conjunto, mantendo-se isolada e, assim, incompatível à operação do recalque. A marca, então, não se dispõe a modificações, não participa do fluxo *esquecimento/lembrança*, uma vez que se faz sempre presente sem alcançar tradução, não podendo, portanto, ser simbolizada.

Sendo assim, uma das formas possíveis de entendimento do trauma é como uma memória que se forma pela quantidade excessiva presente no psiquismo como marca impressa nos signos de percepção. O termo marca também se mostra eloquente pois nos remete a pensar em ações como *imprimir*, *estampar* ou *carimbar*, como se fosse uma cicatriz que se destaca do seu entorno. A analogia freudiana encontrada na *Carta 52* relativa ao regime dos

fueros corrente na Espanha se mostra precisa, uma vez que estes vigem como leis obsoletas, ultrapassadas, circunscritas a localidades pontuais sem qualquer eficácia em outros territórios. Leis que mesmo sendo formuladas em um passado remoto se fazem ativas sem quaisquer modificações, apesar das alterações sociais realizadas com a passagem do tempo. Salztrager (2014) comenta essa analogia freudiana da seguinte forma: no caso de esses signos não serem resgatados pelos registros que o sucedem serão mantidos na dinâmica psíquica assim como os *fueros* se conservam no regimento legal espanhol, isto é, como algo à parte. Desse modo, os signos de percepção se compõem como marcas que se conformam como uma categoria específica de memória, ainda que não sejam *lembranças* propriamente ditas, uma vez que perduram afastadas do campo representacional.

Assim, o trauma no psiquismo se configura como o passado que efetivamente não passa, apresentando-se de modo fixo e impetuoso sem qualquer flexibilidade. Nos termos de Antonello e Gondar (2012), o trauma é corolário de uma impressão perceptiva muito forte que não adquire simbolização. Em função disso, exhibe-se como algo sempre atual, de maneira que o sujeito que o vivencia, aferra-se compulsivamente à presentificação do evento que o engendrou por um investimento direto nos signos de percepção.

Antonello e Gondar (2012) veem nas marcas outra lógica de operação do aparelho psíquico, que se mantém aquém da possibilidade de simbolizar, permanecendo de forma literal. Em se tratando do discurso, esse caráter literal se mostra como consequência da inviabilidade da simbolização, pelo que os autores aludem à noção freudiana de *darstellung*, isto é, algo que simplesmente se apresenta como se fosse uma figura, exprimindo-se, então, na forma de imagens ofuscantes. É esta uma memória sem qualquer tradução, que não se integra como *vorstellung*. Isto é, na condição de representação através da qual se torna viável a manifestação na linguagem narrativa encadeada em uma sucessão temporal à qual se destina a energia domada pelo aparelho psíquico. O trauma, portanto, não se re-presenta, mas tão somente se apresenta.

Gondar e Antonello (2016) denotam o trauma como incidente impetuoso que leva o aparelho psíquico a um turbilhão inquietante. Aproximadamente a essa perspectiva, Farias (2008a) lança mão da figura da fratura para ilustrar o quanto o trauma inibe a formação de sentido. Com o trauma, o sujeito é remetido a um estado de consternação ante a vivência que transgride o limiar da condição mnêmica e relegado a uma conjunção psíquica delicada que, por ser subjugada pelo excesso, tem sobre si uma demanda de trabalho maior do que parece ser capaz. O trauma se desponta como ininteligível às palavras; algo como um corpo estranho afastado do *tecido* de representações psíquicas. Manifesta-se em forma de imagens que não se

desfazem, sendo então refratário ao tempo. Em sentido semelhante, Gagnebin (2009) distingue que, na vivência traumática, o *esquecimento* é inexistente, enquanto a repetição é acirrada ou, como diz Seligmann-Silva (2008), o trauma se tipifica como memória de um passado que se presentifica com afinco.

Não obstante seja vital levar sempre em conta a feição singular de cada sujeito para que algo seja da ordem do traumático, no que tange às forças atuantes na cultura, parece-nos plausível supor que, na contemporaneidade, não faltam potenciais condições para a incidência do trauma. Sendo assim, dentre as alegações dos autores que citamos relativas aos modos de subjetivação contemporâneos, um problema que frequentemente surge é o do pensamento. Assim, lançamos algumas observações sobre tais afirmações em interlocução com o pensamento freudiano, buscando examiná-las em sua articulação com os temas da memória e do trauma.

Freud (1950[1895]/1996) afirma que a memória consiste em preservar, enquanto a percepção em receber os estímulos externos. Ao repararmos na cultura contemporânea verificamos que tais estímulos se mostram copiosos, tendo como atributo a variação constante. Se, como diz o autor, a memória de uma experiência é sua força ativa continuada correlacionada com o nível da impressão e a constância de sua reincidência, ou seja, diz respeito à sua extensão e regularidade, que tendências se colocam à memória na cultura caracterizada por estímulos em fluxos seguidos e não poucas vezes variáveis?

A memória tem como uma das funções, nos termos do *Projeto*, favorecer o pensamento, de maneira que pensamentos já conhecidos exigem menor investimento energético. Se nos deparamos seguidamente com novidades que requerem sempre a ativação do pensar, talvez possamos considerar que a contribuição da memória ao pensamento, nos termos postulados por Freud (1950[1895]/1996), tenha sua condição alterada, já que o pensar se defronta com a condição de recomeço frequente, demandando com isso maior investimento energético.

Talvez possamos inicialmente pressupor que o pensar frente a situações variegadas e descontínuas possa ser uma realização sempre mais aguçada. Mas se, por outro lado, considerarmos essa ideia contida no *Projeto*, é possível suspeitar que a conseqüente demanda por grandes investimentos energéticos afeta sobremaneira a memória. Assim, parece admissível pressupor que entre os sujeitos contemporâneos seja comum diferente disposição ao pensamento em sua vertente crítica. Nesse ponto talvez encontremos uma correlação, especificamente no citado texto freudiano, resguardadas as devidas especificidades, com algumas das asserções de Haroche (2008), Matos (2009a) e Severiano e Estramiana (2006), não na direção de um obscurecimento ou apagamento do pensamento, o que nos parece uma

afirmativa por demais radical e infundada, e sim no sentido de pôr em suspeita que o pensar vem sofrendo alterações na atualidade.

Partindo-se do princípio de que o pensamento se dá mediante a passagem de pequenas Qs, quando há Qs elevadas em relação ao afeto, este fatalmente rende interferências sobre o pensamento. A intempérie de estímulos parece irromper em novas exigências na relação percepção-memória, impondo sucessivas descargas a fim de preservar o organismo das grandes Qs oriundas do mundo externo. Essa situação parece ilustrar em parte a ascensão de duas tendências díspares presentes na cultura contemporânea, quais sejam, alguns sujeitos exibem propensão à agitação, enquanto outros aparentam a tendência a um estado de esgotamento da disposição para responder com vigor às excitações provenientes do mundo externo.

Afirmativa esta que pode, em alguma medida, ser aproximada da crítica de Kehl (2009) relativa à disposição social contemporânea, que vem se cumprindo, predominantemente, sob as lógicas da rapidez, do hedonismo, da supressão do vigor da experiência, da debilidade das designações identificatórias, dentre outras. Na interpretação da autora, esses são alguns dentre os aspectos que influenciam a incidência de condições subjetivas demarcadas seja pela hiperatividade, seja pela depressão, pelo que esta última chama sua atenção como um sintoma social corrente³¹. Nossa observação também pode ser achegada às indicações de Farias (2008a) que avista contratempos para o sujeito lançar mão de recursos para nomear e estabelecer narrativas acerca das suas vivências, bem como delinear suas conexões com o passado, mediante os excessos que se difundem na cultura contemporânea sem que passem a ser assimilados e a receber significados.

Contudo, no que tange ao frenesi ou ao esmorecimento enquanto tendências, tanto a obstinação a uma polarização rigorosa, bem como qualquer atração por generalizações, convém que sejam sempre evitadas. A rigor, a cautela com a polarização se deve à possibilidade de um mesmo sujeito exprimir essas tendências discrepantes com variações ocasionais. Também o cuidado com a generalização se faz necessário porque, ainda que sejam características atualmente observadas com certa amplitude, não é de modo algum pertinente admitir que acometa a todos, tampouco se deve deixar de ressaltar que há sempre arranjos peculiares em cada caso.

O que sobrevém no nível perceptivo encontraria por um lado uma resposta inconsciente em função da busca por satisfação ou evitação do desprazer, nos termos de uma relação

³¹ Sobre a depressão entendida como um sintoma social, não obstante a condição subjetiva singular que deve sempre ser considerada em todo e qualquer caso clínico particular, indicamos ao leitor o livro de Kehl (2009).

recalque-amnésia. Por outro lado, as excitações volumosas parecem facilitar, por vezes, a ocorrência de *curto-circuitos* no psiquismo, pois se algo se dá súbita e inesperadamente, a percepção parece sofrer alto nível de exigência e as direções de pensamento tenderiam a se modificar pela forte demanda afetiva. O aumento de Q requer descarga para minorar a tensão daí proveniente. Se rememorar no sentido de recobrar lembranças com intervalos é vital para o pensamento crítico, a memória apartada desse arranjo, ou seja, uma memória precária em intervalos parece pesar para que esse tipo de pensamento esteja passando por alterações.

Nesse passo parece praticável aproximar algumas estimativas de Haroche (2008), Matos (2009a) e Severiano e Estramiana (2006) da modalidade de memória assinalada por Freud, especialmente a partir dos anos 1920, quando repensa sua teoria em relação a um além do princípio do prazer. Mas aqui nos delimitamos aos anos 1895-1896, com o *Projeto* e a *Carta 52*, escritos que, como defendemos aqui, também permitem abstrações sobre a memória de cunho traumático. Com efeito, quando temos Qs insuportáveis que ultrapassam a capacidade de resposta do aparelho psíquico não há inscrição como traço mnêmico, de modo a compor o conjunto de memórias inconscientes que se vinculam formando a cadeia de representações. Trata-se da memória que perdura no aparelho psíquico como marcas sem qualquer nexos com as demais e, portanto, sem a capacidade de tradução simbólica. Em suma, esta se dá mediante uma excitação assimétrica à capacidade do aparelho psíquico para dominá-la, operando pelos signos de percepção.

Em meio ao ritmo frenético e à fluidez irrestrita, em nível cultural, estão postos o desejo de rejeição do pensamento crítico corrente no capitalismo atual, a compulsão ao imediato, a agitação e a precariedade, a instantaneidade que suscita surpresas diuturnamente. Supomos que a incitação contínua parece exigir sobremaneira do aparelho psíquico e, assim, dificultando sua condição para dar conta, o que contribui para que haja modos de ser agitados, por um lado, ou atônitos, por outro, mas não só, pois também são possíveis modos de ser que funcionem na alternância entre exaltação e desânimo. Em outros termos, a efusão da luz incisiva com suas imagens infundáveis parece sugerir a ascensão de abalos psíquicos, colaborando para o indício da memória traumática.

Reparamos que ao longo do século XX e, por continuação, também neste século, o excesso se apresenta, está posto na ordem do dia de diferentes modos: enaltecimento do presente em detrimento do passado e do futuro; corrida embevecida pela sobrevivência; desafiliação entre os sujeitos dentro da lógica individualista; veemente competitividade em relação com o regime da precariedade, das tensões e incertezas e da disseminação de diferentes formas de violência. Acontecimentos estes que não poucas vezes alcançam os

sujeitos, podendo lhes assinalar *marcas* (no dizer de Freud), de maneira que os estímulos em excesso sufocariam o sentido, atuando no nível dos signos de percepção, isto é, como memória impassível a modificações de tempos em tempos, que não se afina a rearranjos, mantendo-se apartada, solidificada, embrutecida; memória, portanto, dura, sem plasticidade.

Esta reflexão talvez possa, à primeira vista, ser combinada às considerações de Birman (2012) quando aponta o excesso presente na ordem contemporânea, na qual, inclusive, duas vias para sua descarga estariam se sobrelevando, quais sejam, a do corpo e a da ação. O autor identifica como sinais da primeira via as implosões que se exibem em diferentes sintomas e recorrentes queixas relativas ao corpo, encontrados em discursos que expressam que este não funciona a contento. Na segunda via, encontrar-se-iam as explosões relacionadas à dinâmica vertiginosa que está em voga na cultura contemporânea, indicando que a ação se tornou uma forma de imperativo. Para o autor, decorre daí, em parte, a irritabilidade que subjaz as compulsões, a agressividade, as violências e a criminalidade. Outra tendência, quando dada a impossibilidade de agir, seria o sujeito desprovido de sua potência, prostrar-se em uma espécie de vazio.

A essa altura, distinguimos como apropriado retomar o ponto de partida deste trabalho que se deu, como dissemos, a partir da inquietação suscitada com a leitura do ensaio de Benjamin (1933/2013) intitulado *Experiência e pobreza*. A crítica do filósofo se dirige à expansão da técnica que fez abater sobre os sujeitos uma modalidade de pobreza, naquele contexto, recente, a *pobreza de experiência*. Frente a isso, ele pergunta de que nos valeria toda a cultura se não há uma experiência que a ela nos ligue. Essa pobreza, diz o filósofo, não se mostra reservada apenas à esfera privada, pois estaria se generalizando na humanidade toda, motivo pelo qual a qualifica como um novo tipo de barbárie.

Além da observação sobre os combatentes que sobrevivem à Primeira Guerra Mundial, Benjamin (1933/2013) também se refere aos novos hábitos em voga, nomeando-os *cultura do vidro* – expressão relativa à escalada de modos de ser nos quais a experiência se torna diminuta e até indesejada, sobressaindo o ocasional e o fortuito que logo se dissipam. O uso metafórico do vidro feito pelo filósofo, em comparação com a dinâmica cultural por ele acompanhada, aliás, é precisa, tendo em vista que esse tipo de material é apto a sinais que podem ser facilmente apagados de sua superfície sem deixar vestígios consistentes o suficiente, dadas suas características. Além disso, remete ao fato de ser um material pelo qual os sujeitos podem estar separados em diferentes ambientes, mesmo que estejam ao alcance da vista, revelando certa burocratização que eleva a formalidade das relações. A propósito, o filósofo aparenta ter o amanhã exposto à sua frente, quando anuncia que os sujeitos serão

transformados pelos então renovados recintos de vidro. A seu ver, estes começam a querer estar livres das *experiências*, afirmando a *pobreza* que lhes é própria, em um feitio de vivência rotineiramente cansada, permeada por desânimo e tristeza na qual tudo se move em direção a um estilo que se fez atual e rotineiro naquele tempo. Acrescente-se, ainda, seu prenúncio diante de um presente no qual a crise econômica se encontra à porta e que outra guerra, como sombra, poderia logo se seguir a ela.

Matos (2009b) discute o conceito benjaminiano de experiência partindo da sua origem etimológica. A palavra é formada pela partícula latina *per*, que significa sair da condição do já conhecido para alargar as vivências. Tem relação com perigo, palavra também formada pela partícula *per*, que se traduz como defrontar o desconhecido ao percorrer uma região em que os perigos podem nos assaltar. Para ampliar o conhecimento acerca da noção primeva da palavra experiência cabe entrelaçá-la à oportunidade, do latim *opportunus*, que está ligada a *portus* – porto, indicando saída, em alusão aos navegantes que dispõem do porto como local de partida para cotejar o imenso desconhecido do mar. O desbravamento marítimo, com suas surpresas e perigos, acarreta as experiências que expandem os horizontes, o conhecimento e a sensibilidade.

Sobre a ideia benjaminiana de experiência, Trevizan (2014) diz que esta remete à ocasião de mudanças, uma espécie de alargamento qualitativo em que novos elementos se integram ao sujeito em seu modo de ser. Experiência e memória, em Benjamin (1933/2013), são conceitos que apresentam forte associação, a tal ponto que Trevizan (2014), ao fitar a teorização benjaminiana, escreve que se trata de avistar o sujeito constituído por suas experiências e a duração destas em sua memória, influenciando-o decisivamente. Experiência é, de certo modo, aquilo que precede as memórias, como se fosse a *matéria-prima* da evocação ulterior como lembrança. A memória seria por isso composta do conjunto de experiências ligadas entre si. Sabemos que na obra de Benjamin também há profusa apreensão da memória em que um dos seus pontos de análise se dá no estreito elo com a experiência. É conhecido que o filósofo alemão foi um leitor de Freud, razão pela qual encontramos estudos que se ocupam em firmar interlocuções entre os dois teóricos.

Nos itinerários propriamente freudianos achados em Benjamin, Rouanet (2008), por exemplo, comenta o pressuposto benjaminiano da distância entre vivência e experiência, discernindo o desgaste desta por um lado e a proeminência daquela por outro, o que se deve à presença difusa de situações chocantes em seu tempo como elemento a inserir uma nova sensibilidade. Com tal arranjo, Benjamin combina algumas teses freudianas ao seu jeito típico de análise. Do ponto de vista benjaminiano, segundo Rouanet (2008), os traços mnêmicos

inscritos no inconsciente e partícipes da cadeia representativa são filiados ao que ele define como experiência, enquanto as impressões que têm efeito chocante e não se inserem nessa cadeia se aproximam do que ele entende como vivência.

A palavra *chocante* caracteriza, em parte, o que foi o século XX, pois sabemos que restou permeado pela violência em formas até então desconhecidas, gerando dor, deixando feridas abertas e mortes aos milhões, tal como retratado em *Nós que aqui estamos, por vós esperamos*. Acontecimentos similares estão na ordem do dia no curso do século presente. Tanto no recente passado como agora é a civilização autodeclarada como racional e desenvolvida que pratica essas ações, evidenciando sua bárbara fisionomia, a qual termina majorando o sentimento de desamparo dos sujeitos. Avistamos, assim, que a noção de choque tal como pensada por Benjamin pode ser aproximada do trauma da teorização freudiana.

O choque é para Benjamin uma categoria de leitura da cultura moderna, não só observado na assustadora passagem da Primeira Guerra Mundial da qual vários sobreviventes voltam emudecidos, pois também se dá a ver no espantoso cotidiano da vida urbana das grandes cidades. Nestas, os sujeitos estão submetidos a um sem número de vivências todos os dias que, por seu caráter veloz e efêmero, dificilmente podem ser comunicadas a outrem, isto é, serem postas em palavras.

Como afirma Travassos (2009), o filósofo se refere ao choque como elemento presente nas demandas sensoriais que se dão em excesso durante a primeira metade do século XX nos hábitos que passam então a se alastrar pela sociedade. Os exemplos de condições chocantes são vistos em circunstâncias como a do operário que se movimenta em ritmo mecânico, assim como funciona a máquina que ele maneja, tornando-se um autômato. Semelhantes gestos são vistos nos passantes que circulam nas grandes cidades, formando grandes concentrações. O excesso tem parte com a velocidade cada vez mais em voga no processo de tecnicização e se exhibe nos dispositivos que passam a integrar a paisagem urbana (aglomeração, automóveis, propaganda, barulhos incessantes, perigos de toda sorte). Tudo isso faz então com que o choque se torne realidade diariamente corrente pela hiperestimulação dos sentidos, ao mesmo tempo em que entorpece o olhar e o corpo.

Supomos que essas observações do filósofo acerca da vida moderna realizadas nas primeiras décadas do século XX não só continuam na cultura contemporânea como parecem ser ainda mais prementes. Reparamos que as situações por ele examinadas, de certo modo, continuam por meios ainda mais sofisticados, por um lado, tornando-se até mesmo corriqueiras, enquanto por outro, desdobraram-se e são a base para novidades como no caso das tecnologias digitais, por exemplo. Reflexão esta que se assemelha a de Kehl (2009)

quando versa sobre o cenário cultural do qual somos parte, reportando-se simultaneamente ao conceito freudiano de trauma e ao benjaminiano de choque. A autora presume que o sujeito contemporâneo passa por alterações em sua atividade psíquica no seguinte sentido: o intermédio entre o inconsciente recalcado e a percepção (como operação da consciência) parece estar se estreitando em função do excesso de demandas que pesam sobre esta última, levando nossa percepção do tempo vivido a um estado de fugacidade e vazio.

Além do assombro do horror, na cultura da globalização em que estamos, há numerosas operações psíquicas possíveis aos sujeitos. Diante desse panorama, Farias (2008a) indica que estão simultaneamente em voga na contemporaneidade uma presentificação acentuada que cerceia o passado com a acomodação no *esquecimento*, na eficiência e na procura por felicidade, *onda* na qual o consumo é praticado em demasia. Para ele, a experiência singular está sempre exposta ao risco da massificação diante de um mundo sem fronteiras que vive o individualismo em alto grau.

Birman (2012) se refere à complexidade desse contexto ao afirmar que a contemporaneidade se coloca de modo frequentemente inesperado. Com isso, dificulta-se ao sujeito se antepor diante dos eventos que o envolvem, tendo em vista que estamos transpassados pela imprevisibilidade em vários aspectos (econômico, político, artístico, cotidiano). Trata-se, segundo o autor, de situações impactantes que atrapalham situar-se com orientação, uma vez que o pensamento se depara com adversidades para simbolizar e a linguagem tem dissipada sua força simbólica pela impotência e vazio que desassossegam o psiquismo. Diante desse quadro inquietante, parece que as considerações de Freud (1915d/1996) efetuadas na primeira metade do século XX, quando indica o potencial destrutivo da civilização, como também as ponderações de Benjamin (1933/2013), ecoam pelo século adentro, ganhando volume.

Motivo pelo qual Gagnebin (2009) se refere ao século passado citando a importância que tem hoje uma memória de lutas em diferentes campos (do político e do ético ao psíquico). Por esse prisma, achega-se da sensibilidade que parece nos envolver ao assistirmos *Nós que aqui estamos, por vós esperamos*. Nesse caso, estamos nos referindo ao exercício de *lembança* dos mortos através de uma atitude efetiva contra o *esquecimento* e a denegação, dificultando, assim, que o horror volte a nos assombrar. Muito embora a autora não deixe de apontar que temos a presença deste reproduzida na atualidade, ela defende que a postura ativa pode favorecer ao hoje ser habitado de uma forma melhor.

Diante desse panorama, no tocante à relação entre memória e trauma, selecionamos três ilustrações extraídas do terreno da ficção que nos soam proveitosas. Nestas, o trauma se

afigura como um elemento fundamental. Com isso, não estamos pressupondo que seus respectivos autores quisessem, deliberadamente, discutir esse tema, mas nos parece sugestivo olhar essas obras tendo o trauma como uma espécie de pano de fundo; um elemento subjacente, motivo pelo qual arriscamos as leituras que seguem.

Em primeiro lugar, voltemos por um momento ao citado conto de Borges. Apesar da excepcional entonação ficcional, não nos parece exagero afirmar que somos todos, hoje, convocados à semelhança com *Funes, o memorioso*. Este personagem passa por modificações enfáticas em sua condição psíquica a partir de um acidente, de tal sorte que não era mais apto a esquecer. Mostrava-se atribulado por não conseguir se distrair. Funes contrai uma memória desprovida de intermitências, isto é, sem *esquecimentos*. Ao se tornar reticente à suspensão, sua memória permanece em vigília (na plena luz), o que o impede de pensar e se comunicar por abstrações. O conto se configura, segundo o próprio Borges, como uma metáfora da insônia. Quem nunca teve insônia e não se viu de algum modo apreensivo porque desejava, nas horas reservadas ao repouso, distanciar-se das coisas do dia e desfrutar do sono reparador? Presumimos que cabe aproximar essa metáfora do trauma, em sua expressão como memória fixa, isto é, que não descansa nem se exaure, chegando ao ponto de atormentar o pensamento, alterando-o, usurpando com isso a tranquilidade.

Em segundo lugar, comentamos duas obras cinematográficas. O longa de ficção científica *O doador de memórias*³² retrata uma cidade futurista isolada que funde características de três estilos sociais diferentes. Das tradicionais, exhibe a força da coletividade e a liderança primordial praticada por seus anciãos. A esta se soma a ordem disciplinar alçada ao extremo a partir da rígida vigilância das autoridades e, em alguma medida, também dos demais membros da cidade, o que remete a atributos da sociedade moderna. De outro lado, a presença regular de tecnologias avançadíssimas e as linhas retas das construções sugerem feições contemporâneas.

Temos assim um sistema que se impõe com ímpeto sobre os cidadãos e tem como vulto central o domínio político da memória firmado com o intuito de tutelar os cidadãos dos malefícios que, aparentemente, advêm das inúmeras passagens traumáticas vivenciadas pela humanidade. Até mesmo a profissão de cada um é definida pelo regime, decorrendo, ainda, a supressão do sexo, sendo a reprodução totalmente artificializada e administrada pelo sistema. Exceto a líder-mor, apenas um dos seus membros tem acesso às memórias, ele é o seu guardião. Os demais nada sabem a respeito. O jovem Jonas recebe da anciã-chefe a função de

³² Longa-metragem estadunidense de ficção científica e drama que sugere estilo infanto-juvenil. Dirigido por Phillip Noyce, seu lançamento foi em 2014 sob o título original *The giver*.

ser o próximo guardião de memórias da cidade. Para isso é necessário passar por um estágio com o atual. Não por acaso, a moradia deste último, além de distante, é a única que escapa ao tom cinza predominante. A casa tem formato curvilíneo e possui uma grande biblioteca, o que sugere o conhecimento, a memória e a história contidos nos livros. Na convivência entre mestre e aprendiz algo incomum ocorre e a ordenação imposta sofre uma reviravolta.

No longa *Relatos selvagens*³³, assistimos a episódios desconexos como pequenas histórias, algo comparado a um livro de contos. Embora sem ligação, todos os pequenos relatos são perpassados por ações impulsivas. Em geral, os contos imagéticos têm como tom prevacente a violência, o desatino frente a situações que provocam mais do que a simples indignação dos personagens, uma vez que a hostilidade logo passa à cólera manifesta em tons agudos. Todos os episódios transcorrem em meio a contextos nitidamente contemporâneos.

Não por acaso, o primeiro trecho se passa dentro de um avião usado como aparato para vingança em face daqueles que cruzaram a vida do então piloto e que, por seu modo de ver, de diferentes formas o lesaram. Em seguida, um pequeno restaurante é lugar para a punição implacável contra um malfeitor. No trecho posterior, uma estrada semideserta do interior é ambiente para o embate entre dois homens que chegam ao extremo da dupla destruição. No quarto trecho, uma mulher grávida é atropelada por um rapaz filho de rica família. Aqui é nítido o indicativo a procedimentos regados a subornos e mentiras nos quais o dinheiro fala mais alto. Na sequência, um homem que tem seu carro rebocado e multado precisa resolver o problema junto à burocracia corrente em repartições públicas, daí surgem entraves absurdos até que sua ira vem à tona e ele então provoca um *estouro* nesse sistema arbitrário. O último trecho se passa em uma festa de casamento como muitas dessas que assistimos hoje, servindo de palco para atitudes inusitadas.

Em todos os seus fragmentos, reparamos que o filme nos remete à paisagem contemporânea, insinuando que a chamada civilidade conserva em si outra face chamada barbárie. Seu enredo se associa ao que Farias (2008a) identifica como o agir do sujeito contemporâneo que, em alguma medida, é entremeado por arranjos mnêmicos escassos que se devem ao empecilho para agregar e exprimir os relatos de suas vivências. Segundo o autor, sua impulsão ao agir se dá mediante a supressão da palavra.

Os dois filmes guardam entre si discrepâncias de tema e estilo. Enquanto o primeiro dá ênfase à memória como peça essencial à vida de qualquer sociedade, o segundo enfoca a violência tornada banal nas mais díspares e excêntricas circunstâncias. Contudo, entendemos

³³ Filme argentino dirigido por Damián Szifron e lançado em 2014 com o título *Relatos Salvajes*. Seus recortes podem ser estilizados por vezes como suspense, drama e até mesmo comédia.

como admissível combinar os dois em alguns pontos. Ambos inserem nas entrelinhas críticas perspicazes à cultura contemporânea e expõem a figura do trauma. O primeiro através do recurso a um futuro fictício que se pretende desligado do temido passado – com seus traumas – que se faz *esquecido* de forma dissimulada, enquanto o segundo, estritamente imerso no presente, exhibe ocorrências limite do cotidiano.

No conto de Borges, o protagonista sofre com sua memória excessiva, sem descanso nem condições de simbolização, memória traumática, portanto, que o exaure a ponto de levá-lo, ainda jovem, à morte. Com *O doador de memórias*, assistimos o rechaço deliberado – politicamente manipulado – das condições de possibilidade de eventos potencialmente traumáticos, submetendo toda a cidade a situações artificiais e exageradamente previsíveis. Para que a possibilidade do trauma fosse repelida e o pensamento controlado foi preciso esconder a história e a memória. Em *Relatos selvagens* eventos e encontros marcados pela surpresa e pela intensidade desdobram-se em atitudes que passam longe da construção de narrativas, demonstrando que frente a dor ou ao inesperado seguiram-se reações hostis e até violentas.

A propósito, o tema do trauma mantém estreita relação com o problema da dor. Freud (1950[1895]/1996) pensa que a dor seja proveniente da ação de Qs de teor elevado, de sorte que o aumento da Q pode ser entendido como um dos motivos precipitadores da dor. Toda excitação sensorial que se dá pelos órgãos dos sentidos tem uma tendência a se transformar em dor se o estímulo aumenta. Segundo ele, se um objeto hostil tiver sua imagem renovadamente investida, – o que equivale à força de sua rememoração, – ocorre um estado de desprazer semelhante ao da dor. Nesse caso, ocorre que o afeto assemelha tal passagem àquela da dor, isto é, o desprazer é agora liberado por meio do afeto. Assim, as memórias mais penosas são as que demandam maior intensidade do afeto defensivo. Estas não podem ser recalçadas e substituídas por símbolos. Assim, de certo modo, Freud (1950[1895]/1996) cogita que a dor pode ser uma experiência traumática, tendo em vista que a dor consiste na irrupção de grandes Qs no psiquismo que acarretam insatisfação e podem pôr em colapso o seu funcionamento.

Antonello e Gondar (2014) observam que a dor é assunto de interesse para Freud desde os anos iniciais de sua teorização por não combinar com o diagrama do psiquismo regido pelo princípio do prazer. Se ao psiquismo cabe dominar as excitações, quando isso não ocorre, estas se colocam como aflitivas, uma vez que estão permeadas pela dor e podem ter caráter traumático. Temos assim que é possível falar do trauma como uma vivência dolorosa. Em

outros termos, a dor, se intensa e de efeito duradouro, sinaliza seu caráter traumático, qualificando-se como uma memória indomada, contínua e desagradável.

Outra possível aproximação com o tema do trauma se dá em relação à abordagem do corpo. Quanto a essa questão, Antonello e Gondar (2012) destacam que a produção simbólica não pode ser considerada a única e exclusiva forma de manifestação do psiquismo. Assim, compreendem que a memória irrepresentável no campo psíquico alcança uma forma de expressão achegada à esfera sensorial, uma vez que apresenta forte proximidade com a percepção e elo com o corpo. Os autores então denotam como provável a expressividade da memória nos termos da sensorialidade cujo canal é o corpo. Aqui estamos no terreno de uma memória que se apresenta por meio do corpo, uma memória corporal, portanto. Segundo esse entendimento, o corpo mostrar-se-ia como uma espécie de caixa de ressonância do que se conserva enquanto memória literal. Nessa direção, os autores especificam que, por estar fora do campo representacional, não sucede sua evocação como pensamento, restando-lhe como saída expressar-se através de sensações corporais que têm o vigor de uma imagem.

Na visão de Birman (2012), a dor se mostra como uma das formas de manifestação do mal-estar contemporâneo. Para ele, esta é uma experiência cerrada em que o sujeito tende a se fechar em si mesmo, não demandando a outrem uma narrativa acerca do que lhe ocorre. Trata-se de uma contrariedade vivenciada pelo sujeito que o desencoraja a encontrar valor e sentido na alteridade. Todavia, isso não quer dizer que estejamos irremediavelmente fadados a sucumbir com a dor. Aliás, Friedl e Farias (2012) julgam que apesar da força do trauma sobre o psiquismo sua elaboração é uma possibilidade em aberto, mesmo que detectadas forças na cultura contemporânea que estariam, na linha de argumentação aqui empregada, incidindo em certa predisposição ao trauma.

Podemos entender essa última perspectiva como afirmativa, equiparando-se à de Fortes (2013), que tece uma reflexão sobre o assunto, alertando-nos para o fato de que a dor é intrínseca ao psiquismo; pois este pende sempre entre a busca de satisfação e a presença da dor. A autora sublinha que os problemas do sofrimento e da dor são caros à psicanálise. Este saber, contudo, não guia sua prática pela promessa de cura, pois considera que os destinos psíquicos da dor podem ser diversos, desde os mais penosos e desvitalizantes até os mais revigorantes e criativos. Ela aponta o fato de que nosso tempo exhibe recorrente rechaço à dor e a busca por prazer com a marca do imediatismo. Porém, a atitude de negação da dor não a faz desaparecer, uma vez que se trata de algo inerente à constituição do sujeito.

Para Fortes (2014), o sujeito se coloca em condição de defesa em face do aspecto traumático ao procurar se manter afastado da dor, por exemplo, quando não admite vivenciar

uma perda. Ela sublinha que, na psicanálise, a dor recebe atenção tanto nas produções teóricas quanto na clínica. Em vista disso, o processo de análise coloca em cena a dor e a sua travessia como viável, o que requer ao sujeito haver-se com o próprio dissabor para uma possível mudança. Segundo a autora, o manejo de uma análise se distingue como a escuta da dor, mas não de modo difuso e generalizante, pois se trata de escutar uma dor singular que o sujeito seja capaz de narrar e cada analista pode, de modo próprio, escutar. O que nos remete a pensar que a dor se apresenta também como uma oportunidade para evocar e elaborar. Se assim for, em vez de paralisar o sujeito, ela pode, ao contrário, lançá-lo em imaginações e realizações até então desconsideradas. Precisamos estimar, porém, como sugere Canavêz (2012), que embora seja possível integrar o excesso traumático à cadeia representacional, esta integração não alcança uma forma completa.

A psicanálise, tal como sugere Birman (2012), desponta como tentativa de tratamento frente ao mal-estar moderno. Desde então, entretanto, como reiteradamente dissemos, vêm ocorrendo notáveis alterações culturais confluentes com novos modos de subjetivação. Nesse itinerário, reafirmamos a contemporaneidade de Freud, pois além de assinalar as sombras e luzes de sua época ele se mostra capaz de sortir provocações para que também nós reparemos nos aspectos obscuros e reluzentes próprios do nosso tempo e os examinemos. Por essa razão, concordamos com Roudinesco (2014/2016) que o considera eminente pensador para sua época e também para a atual, de tal modo que a psicanálise, apesar dos seus limites, dos desafios em curso e das vozes que a refutam, ainda é, segundo nosso entendimento, uma ferramenta teórico-prática propícia para lidar com o mal-estar existente na contemporaneidade.

Outra razão para postular Freud como contemporâneo está na atividade clínica por ele iniciada. Ainda que esta seja uma prática atualmente atravessada por desafios diversos àqueles com os quais tenha se defrontado em suas primeiras décadas. A clínica psicanalítica se coloca como uma alternativa de intervenção sobre o trauma, tendo como cerne a narrativa. Nesta, o trabalho de análise se volta para o exercício da escuta empenhada na acolhida do sujeito no bojo de sua dor. Abre-se aí a possibilidade de se construir uma narrativa sobre o trauma. Segundo Antonello e Gondar (2014), narrar o trauma não é sua simples reprise. Muito além disso, trata-se de uma ação que contribui para um reposicionamento subjetivo e carrega em si um teor criativo.

Para Canavêz e Herzog (2011) é possível contar a história do trauma de forma própria e se recompor depois de vivência tão marcante. Nesse processo – nunca é demais enfatizar – tem peso a singularidade com sua condição de resposta possível ao sujeito. Para tanto, é

imprescindível ao analista dispor do desejo de escuta, por força do qual se leva em conta que toda e qualquer narrativa é ímpar, uma vez que a singularidade do sujeito se manifesta na singularidade de sua mensagem. Nesses termos, como argumentam Canavêz e Herzog (2014), é plausível para a psicanálise dispor da exortação à restituição do trauma, convocando o sujeito à constante composição de si em alguma medida desenrolada das identidades que lhe são propostas por uma cultura durante certo período. Propostas culturais estas que, a nosso ver, sufocam o potencial singular do sujeito, restringindo-o a se tornar um mais do mesmo.

À escuta analítica, nos casos traumáticos, cabe tecer os fios da história singular com a história coletiva, pois a psicanálise lida a todo momento com sujeitos que têm sua história trançada no seio da história maior. Com tal assertiva, Koltai (2016) argumenta que ao analista incumbe dispor de condições para contribuir com o sujeito em análise para que encontre meios de relacionar sua história com a história do mundo. Imbuído dessa tarefa, quiçá, o analista consiga favorecer ao paciente que se desvincule da sensação de solidão que talvez o acometa desde a passagem da situação que o traumatizou. Nessa direção, possibilita-se a indagação sobre si, rememorando e narrando sua respectiva história, favorecendo então a sensação de que também é parte da coletividade.

Para Gondar e Antonello (2016), na análise, para além da acolhida, cabe ao analista colocar em cena o reconhecimento (uma forma de se posicionar que confere ao sujeito a condição de ser visto, ouvido e respeitado). Com o reconhecimento, colocam-se de lado dois outros atos comuns à clínica, quais sejam, suspeitar e desmentir. Assim, talvez a singularidade do sujeito traumatizado frente ao presente opaco possa vir a encontrar um canal de abertura para o futuro que seja permeado pelo novo. Para os autores, a clínica do trauma não deve ser pretenciosa em conduzir o sujeito a uma ordem simbólica ou à conjunção psíquica que se coadune ao arranjo da neurose e do recalque, pois ao proceder assim, sua ação estaria direcionada sob a ótica da normatização, visando o encaixe de um sujeito *cortado* em uma subjetividade tida como padrão. Ao se deparar com o inexprimível advindo da condição traumatizada, convém se dispor a buscar meios de se interligar com ele, permitindo-se afetar. Ainda que isso tenha como sentido último o total respeito ao paciente que se exprime por meio de uma narrativa partida e desorganizada e, quiçá, até mesmo venha se manter em silêncio, se for esse o caso.

Tanto quanto possível, a análise se constitui pelo encontro, pela relação entre sujeitos em meio à narrativa que, nesse contexto, é uma forma de acesso àquela história singular, como observa Caffé (1994). Mas diante da narrativa do trauma em sua literalidade, no trabalho de escuta, não se trata exatamente de interpretar, mas de acolher e dar suporte, como

anunciam Antonello e Gondar (2014). Frente ao trauma, convém levar em conta também o quanto pode ser salutar *esquecer*, como defende Cerruti (2011), pois se a retomada do passado tem peso, não é perspicaz fazer com que o presente seja persistentemente regido pelo passado (do trauma), pois o sujeito também pode adquirir a condição para *esquecer*. Ao que adicionamos o fato de que, no caso do trauma, uma dose de *esquecimento* talvez permita ao sujeito realocar-se frente à sua dor e, quiçá, eximir-se dela, de tal sorte que possa encontrar brechas para recompor sua relação com o passado, restabelecendo-se no presente para então vislumbrar o futuro.

Por fim, consideramos que Freud apresenta consistentes noções de memória, situando-as no cerne de sua teoria. Memória múltipla que, a depender de sua feição, pode se mostrar confluyente tanto com o *lembrar* quanto com o *esquecer*; ser permeada pelo simbólico e insubmissa ao tempo cronológico. Mas também memória traumática que pode encontrar saídas estruturantes ou desestruturantes de acordo – em última instância –, com as condições singulares de cada sujeito.

Depreendemos, assim, que a multiplicidade da memória tal como encontrada na teoria freudiana revela-nos a condição de desamparo própria do sujeito. Todavia, de forma paradoxal, também reafirma seu potencial criativo, uma vez que a pluralidade da memória nos impele, de variados modos, a atitudes inventivas em campos distintos, desde o psíquico e o ético até o político. Com efeito, para além de algo limitado ao sujeito em si, ela também possui cunho político e histórico, revelando-se, com isso, fator de impulso para que o passado seja encarado como motivo de atuação no presente e o futuro assimilado como vislumbre do novo. Inferimos a memória como elemento vital para a elaboração do passado, bem como para o posicionamento que assumimos hoje ante a própria história, enquanto sujeito singular, intrincada na macro-história, assim como para o futuro enquanto tempo aberto a alternativas. Pelos meandros da memória, portanto, não apenas fomos e somos, podemos vir a ser.

Referências

- Agamben, G. (2014). O que é o contemporâneo. In: _____. *Nudez* (pp. 19-33). Belo Horizonte: Autêntica. (Original publicado em 2009).
- Albuquerque, K. M. (2015). Freud, a racionalidade médica e a constituição do objeto psicopatológico na psicanálise: um estudo epistemológico. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 6 (1), 54-64. Retirado 15 de novembro de 2016, a partir de <http://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2015v6n1p54>.
- Alves, R. (2016, 24 de maio). Você decide o que entra em sua memória. In: _____. *Blog Renato Alves*. Retirado 05 de novembro de 2016, a partir de <http://renatoalves.com.br/blog/voce-decide-que-entra-em-sua-memoria/>.
- Alves, R. (2011). *A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir* (13. edição). Campinas: Papyrus.
- Amorim, C. R. T. C. (2007). Imprensa/mídia alternativa: uma reflexão sobre o tema. In: *V Congresso Nacional de História da Mídia*, 1-13. São Paulo: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Retirado 10 de dezembro de 2016, a partir de <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/ImprensaMidia%20Alternativa%20Uma%20reflexao%20sobre%20o%20tema.pdf>.
- Antonello, D. F. & Gondar, J. (2012). As diferenças na memória no âmbito da obra freudiana: contribuições à teoria do trauma. *Psicanálise & Barroco em revista*, 10 (2), 127-140. Retirado 20 de novembro de 2015, a partir de http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/20/PeBRev20_11_Antonello_Gondar.pdf.
- _____ & _____. (2014). E quando não há fios lógicos? *Cadernos de Psicanálise*, 36 (30), 89-112. Retirado 04 de maio de 2017, a partir de http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno30_pdf/07_E_quando_ao_ha_fios_logicos.pdf.
- _____ & Herzog, R. (2012). A memória na obra freudiana, para além da representação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, 64 (1), 111-121. Recuperado em 20 de novembro de 2015, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000100009&lng=pt&tlng=pt.
- Assmann, A. (2011). *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas/SP: Editora da Unicamp. (Original publicado em 2006).
- Barbosa, T. M. M. (2006). *O sujeito “banido do calendário”: considerações sobre tempo e história em psicanálise* (Dissertação de Mestrado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Bastos, A. (1999). Sobre a lembrança: uma abordagem psicanalítica dos limites estruturais da memória. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12 (3), não paginado. Retirado 15 de novembro de 2016, a partir de <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721999000300006>.

Batista, W. J. (2007). *A superfície inacessível: fundações do pensamento ocidental*. Rio de Janeiro: Letra Capital.

Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1997).

_____. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 2007).

Benjamin, W. (2013). Experiência e pobreza. In: _____. *O anjo da história* (2. edição, pp. 83-90). Belo Horizonte: Autêntica. (Original publicado em 1933).

Bezerra Junior, B. (2009). Luzes na crise. In: _____. (curador). (2009). *Novas fronteiras da subjetivação*. [Série de conferências: Efeitos psicológicos da crise]. São Paulo: CPFL Cultura. Programa Café Filosófico. Retirado 28 de outubro de 2016, a partir de <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/2009/12/02/integra-novas-fronteiras-da-subjetivacao-benilton-bezerra-junior/>.

Bicca, L. (1999). *O mesmo e os outros*. Rio de Janeiro: 7Letras.

Birman, J. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. (2012). *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Borges, J. L. (1998). Funes, o memorioso. In: _____. *Ficções. Obras Completas de Jorge Luis Borges* (Vol. 1, pp. 53-57). São Paulo: Globo. (Original publicado em 1942).

Brandão, I. R. (2012). *Afetividade e transformação social: sentido e potência dos afetos na construção do processo emancipatório*. Sobral/CE: Edições Universitárias.

Brasil. Ministério da Educação. (2016). *CAPES - Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior*. Retirado 28 de outubro de 2016, a partir de <http://www.capes.gov.br/>.

Caffé, M. (1994). Memória: a construção de uma narrativa. *Percurso*, (13), 17-27. Retirado 02 de maio de 2017, a partir de http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=480&ori=autor&letra=C.

Campos, E. B. V. (2004). *Figuras da representação na emergência da primeira tópica freudiana* (Dissertação de Mestrado). Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Canavêz, F. (2011). *Entre compromisso e resistência: os descaminhos do sintoma neurótico*. Rio de Janeiro: Multifoco.

_____. (2012). *Violência, trauma e resistência: sobre o múltiplo na psicanálise* (Tese de Doutorado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. (2015a). A escola na contemporaneidade: uma análise crítica do *bullyng*. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 19 (2), 271-278. Retirado 20 de setembro de 2016, a partir de <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192832>.

_____. (2015b). Entre Freud e Foucault: a resistência como afirmação de si. *Psicologia Clínica*, 27 (1), 225-244. Retirado 20 de dezembro de 2015, a partir de <http://dx.doi.org/10.1590/0103-56652015000100013>.

_____ & Herzog, R. (2007). A singularidade do sintoma: por uma crítica psicanalítica à idéia de origem. *Psicologia Clínica*, 19 (1), 109-124. Retirado 27 de maio de 2016, a partir de <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652007000100008>.

_____ & _____. (2011). Entre a psicanálise e a psiquiatria: a medicalização do trauma na contemporaneidade. *Tempo Psicanalítico*, 43 (1), 111-129. Retirado 03 de maio de 2017, a partir de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000100007.

_____ & _____. (2012). A linguagem das resistências: considerações sobre o trauma na clínica psicanalítica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 15 (2), 327-341. Retirado 20 de dezembro de 2015, a partir de <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982012000200009>.

_____ & _____. (2014). Trauma e vitimização na contemporaneidade. In: *VI Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental*, 1-8. Belo Horizonte: Laboratório de Psicopatologia Fundamental – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Retirado 03 de maio de 2017, a partir de <http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/Anais%20Congresso%202014/Mesas%20Redondas/15.pdf>.

Caropreso, F. (2006). A relação entre a memória, a percepção e a consciência na metapsicologia freudiana. *AdVerbun*, 1 (1), 12-22. Retirado 09 de outubro de 2015, a partir de http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbun/vol1_1/relacao_memo_perc_cons.pdf.

Carr, E. H. (1982). *Que é história?: conferências George Macaulay Trevelyan proferidas por Edward Hallet Carr na Universidade de Cambridge, janeiro-março de 1961* (8. edição). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Original publicado em 1961).

Cerruti, M. (2011). Apresentação. In: Perdomo, M. C.; Cerruti, M. (organizadoras). *Trauma, memória e transmissão: a incidência da política na clínica psicanalítica* (pp. 9-13). São Paulo: Primavera Editorial.

Coelho Jr., N. E. (2001). A noção de objeto na psicanálise freudiana. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 4 (2), 37-49. Retirado 27 de maio de 2016, a partir de <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982001000200003>.

Costa, J. F. (1998). Não mais, não ainda: a palavra na democracia e na psicanálise. *Revista USP*, (37), 108-119. Retirado 07 de agosto de 2016, a partir de <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i37p108-119>.

_____. (2009). Da vida política à vida higiênico-romântica: percurso da subjetividade na cultura do Ocidente. In: _____. (curador). *Uma história da subjetividade no Ocidente*. [Série de conferências: Subjetividade]. São Paulo: CPFL Cultura. Programa Café Filosófico. Retirado 28 de outubro de 2016, a partir de <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/2009/04/13/uma-historia-da-subjetividade-no-ocidente-da-vida-politica-a-vida-higienico-romantica-percurso-da-subjetividade-na-cultura-do-ocidente-jurandir-freire-costa/>.

Crochik, J. L. (1998). Os desafios atuais do estudo da subjetividade na Psicologia. *Psicologia USP*, 9 (2), 69-85. Retirado 29 de setembro de 2015, a partir de <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641998000200003>.

Cunha, A. G. (2010). *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (4. edição). Rio de Janeiro: Lexikon.

Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto. (Original publicado em 1992).

Duarte, L. (2014, maio 5). A angústia do (nosso) tempo. Porto Alegre: *Zero Hora, Caderno Proa*, On-line. Retirado 25 de junho de 2016, a partir de <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2014/05/a-angustia-do-nosso-tempo-4490141.html>.

Ehrenberg, A. (2009). O sujeito cerebral. *Psicologia Clínica*, 21 (1), 187-213. Retirado 28 de outubro de 2016, a partir de <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652009000100013>.

Ewald, A. P. & Soares, J. C. (2007). Identidade e subjetividade numa era de incerteza. *Estudos de Psicologia*, 12 (1), 23-30. Retirado 02 dezembro de 2015, a partir de <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2007000100003>.

Faria, M. E. B. & Matos, R. P. C. (2015). Análise crítica de “o livro negro da psicanálise: viver e pensar melhor sem Freud”. *Barbarói*, (45), 67-81. Retirado 25 de novembro de 2016, a partir de <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i0.7486>.

Farias, F. R. (2008a). Acontecimento traumático: fraturas da memória e descontinuidade histórica. In: Barrenechea, M. A. (organizador). *As dobras da memória* (pp. 101-112). Rio de Janeiro: 7Letras.

_____. (2008b). Pensando a memória social a partir da noção de “a posteriori” de Sigmund Freud. *Morpheus*, 7 (13), 1-7. Retirado 20 de dezembro de 2015, a partir de <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4818>.

Ferrarini, P. P. F. L. & Magalhães, L. D. R. (2014). O conceito de memória na obra freudiana: breves explanações. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 5 (1), 109-118. Retirado 09 de outubro de 2015, a partir de <http://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2014v5n1p109>.

Ferreira, A. B. H. (2011). *Aurélio: o dicionário da língua portuguesa* (8. edição). Curitiba: Positivo.

Foguel, E. S. (2007). *O projeto de 1895: a escritura do recalque no novo espírito científico* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana/BA.

Fortes, I. (2013). Transformando dor em alegria. In: _____. (curadora). (2013). *Encarando a dor*. [Série de conferências: Modos de lidar com o sofrimento psíquico]. São Paulo: CPFL Cultura. Programa Café Filosófico. Retirado 26 de maio de 2017, a partir de <http://www.institutocpfl.org.br/evento/transformando-dor-em-alegria-com-isabel-fortes/>

_____. (2014). O sofrimento como travessia: Nietzsche e a psicanálise. *EPOS*, 5 (1), 99-111. Retirado 04 de junho de 2017, a partir de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178700X2014000100006&lng=pt&tlng=pt.

Foucault, M. (1999). *História da sexualidade I: a vontade de saber* (13. edição). Rio de Janeiro: Graal. (Original publicado em 1976).

_____. (2001). *O que é um autor?*. In: _____. *Ditos e escritos: estética – literatura e pintura, música e cinema* (Vol. 3, pp. 264-298). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicado em 1969).

Freud, S. & Breuer, J. (1996). Estudos sobre a histeria. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1893-1895).

Freud, S. (1895/1996). Projeto para uma psicologia científica. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 333-443). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1950).

_____. (1896/1996). Carta 52. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 281-287). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1950).

_____. (1897/1996). Carta 69. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 350-351). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1950).

_____. (1898/1996). O mecanismo psíquico do esquecimento. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 249-284). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1950).

_____. (1899/1996). Lembranças encobridoras. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 285-306). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1950).

_____. (1996). A interpretação dos sonhos. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 4-5). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900).

_____. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 163-195). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).

_____. (1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 73-142). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1910).

_____. (1996). Recordar, repetir e elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 159-172). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).

_____. (1996). Os instintos e suas vicissitudes. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 115-144). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915a).

_____. (1996). Repressão. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 145-162). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915b).

_____. (1996). O inconsciente. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 165-224). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915c).

_____. (1996). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 281-309). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915d).

_____. (1996). Além do princípio do prazer. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 11-75). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).

_____. (1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 77-154). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1921).

_____. (1996). O ego e o id. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 13-72). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923).

_____. (1996). Uma nota sobre o bloco mágico. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 253-262). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1925).

_____. (1996). Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. (Vol. 20, pp. 79-168). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1926[1925]).

_____. (1996). Construções em análise. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 271-287). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1937).

Friedl, F. O. & Farias, F. R. (2012). Uma articulação entre o conceito de trauma e o de memória social: a elaboração da experiência traumática. *Psicanálise & Barroco em revista*, 10 (2), 18-41. Retirado 20 de novembro de 2016, a partir de <http://132.248.9.34/hevila/Psicanalise&barrocoemrevista/2012/vol10/no2/1.pdf>.

Gagnebin, J. M. (2009). *Lembrar escrever esquecer* (2. edição). São Paulo: Editora 34.

Garcia-Roza, L. A. (2008). *Freud e o inconsciente* (23. edição). Rio de Janeiro: Zahar.

Gay, P. (1989). As alegações freudianas. In: _____. *Freud para historiadores* (pp. 51-74). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Original publicado em 1985).

Giannini, E. (produção). (2011). *Tempo, trabalho e subjetividade: crises da atualidade*. [documentário em vídeo]. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Retirado 25 de junho de 2016, a partir de <https://www.youtube.com/watch?v=4tITIDcbIaQ&t=467s>.

_____. (produção). (2012). *Tempo e aceleração social na hipermodernidade*. [documentário em vídeo]. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Retirado 25 de junho de 2016, a partir de <https://www.youtube.com/watch?v=yTARiMPJYrg&t=161s>.

Goldenberg, R. (2006). *Política e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Gondar, J. (1995). *Os tempos de Freud*. Rio de Janeiro: Revinter.

_____. (2000). Lembrar e esquecer: desejo de memória. In: Costa, I. T. M. & Gondar, J. (orgs.). *Memória e espaço* (pp. 35-43). Rio de Janeiro: 7Letras.

_____ & Antonello, D. F. (2016). O analista como testemunha. *Psicologia USP*, 27 (1), 16-23. Retirado 04 de maio de 2017, a partir de <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20150010>.

Gondry, M. (diretor) & Kaufman, C. (roteirista). (2004). *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* [filme-DVD]. Califórnia, USA: Focus Features.

Google Acadêmico. (2016). *Scholar*. Retirado 28 de outubro de 2016, a partir de <https://scholar.google.com.br>.

Gorender, M. E. (2012). Tempo e memória. *Estudos de Psicanálise*, (37), 103-108. Retirado 15 de novembro de 2016, a partir de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372012000100010&lng=pt&tlng=pt.

Gwercman, S. (2005, fevereiro 28). Tempo cada vez mais acelerado. São Paulo: *Superinteressante*. On-line. Retirado 25 de junho de 2016, a partir de <http://super.abril.com.br/comportamento/tempo-cada-vez-mais-acelerado/>

Haroche, C. (2008). *A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente*. Rio de Janeiro: Contra Capa. (Original publicado em 2008).

Herzog, R. (2014). A crise no mundo contemporâneo. In: _____. (curadora). (2014). *O sofrimento nos tempos atuais*. [Série de conferências: Cem anos inventando o contemporâneo]. São Paulo: CPFL Cultura. Programa Café Filosófico. Retirado 28 de outubro de 2016, a partir de <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/2014/05/16/as-transformacoes-no-mundo-contemporaneo-com-regina-herzog/>

Japiassu, H. (1998). Introdução. In: _____. *Psicanálise: ciência ou contra ciência?*. (2. edição, pp. 11-28). Rio de Janeiro: Imago.

_____. & Marcondes, D. (2006). *Dicionário básico de filosofia* (4. edição). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Jones, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1953).

Jornalistas Livres. (2015). *Como surgiu, jornalismo democrático, plural, em rede, pela diversidade e defesa implacável dos direitos humanos*. Retirado 12 de dezembro de 2016, a partir de <https://jornalistaslivres.org/>

Judt, T. (2012). *O chalé da memória*. Rio de Janeiro: Objetiva. (Original publicado em 2010).

_____. & Snyder, T. (2014). *Pensando o século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva. (Original publicado em 2012).

Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo.

Koltai, C. (2016). Entre psicanálise e história: o testemunho. *Psicologia USP*, 27 (1), 24-30. Retirado 12 de dezembro de 2016, a partir de <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20150009>.

Laraia, R. B. (2009). *Cultura: um conceito antropológico* (24. edição). Rio de Janeiro: Zahar.

Lima, V. C. P. (2011, 27 de janeiro). Nós que aqui estamos por vós esperamos. In: _____. *Blog Travessia poética*. Retirado 20 de junho de 2016, a partir de <http://valiteratura.blogspot.com.br/2011/01/nos-que-aqui-estamos-por-vos.html>.

Lipovetsky, G. (2005). *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri/SP: Manole. (Original publicado em 1983).

_____. & Charles, S. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla. (Original publicado em 2004).

Marcuse, L. (2008). Freud analisado. In: _____. *Freud: sua imagem do ser humano* (pp. 17-49). Petrópolis/RJ: Vozes. (Original publicado em 1956).

Marx, K. (2004). *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo. (Original publicado em 1844).

Masagão, M. (produtor e diretor). (1999). *Nós que aqui estamos, por vós esperamos* [filme-DVD]. São Paulo: Um minuto MKT e Produções Culturais.

Maurano, D. (2003). *Para que serve a psicanálise?*. Rio de Janeiro: Zahar.

Matos, O. F. (2006). *Discretas esperanças: reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo*. São Paulo: Nova Alexandria.

_____. (2009a). *Contemporaneidades*. São Paulo: Lazuli.

_____. (2009b). Tempo sem experiência. In: _____. (curadora). *A invenção do contemporâneo: conhecendo e criando novas formas de vida*. [Série de conferências: Experiências no tempo]. São Paulo: CPFL Cultura. Programa Café Filosófico. Retirado 28 de outubro de 2015, a partir de <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/2009/06/09/integra-tempo-sem-experiencia-olgaria-matos/>.

Mezan, R. (2003). *Freud: a conquista do proibido* (3. edição). São Paulo: Ateliê Editorial.

Mídia Ninja. (s.d.). *História*. Retirado 12 de dezembro de 2016, a partir de <https://ninja.oximity.com/>

Mollo, H. M. (2015). O peso do cientificismo. *História da Historiografia*, (18), 271-277. Retirado 25 de novembro de 2016, a partir de <http://dx.doi.org/10.15848/hh.v0i18.913>.

Noyce, P. (diretor). (2014). *O doador de memórias* [filme-DVD]. New York, USA: Tonik Productions.

Noronha, G. C. (2016). Parecer. In: *Banca de qualificação para dissertação de Mestrado em Psicologia de Wallace da Costa Brito no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*, Seropédica/RJ.

Peixoto, M. C. L. & Oliveira, D. P. (2012). O projeto de uma memória freudiana: uma análise acerca da constituição dessa noção nos primórdios da psicanálise. *Trans/Form/Ação*, 35 (2), 257-276. Retirado 12 de dezembro de 2016, a partir de <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732012000200013>.

Pereira, R. M. R. (2009). A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin. In: Souza, S. J. & Kramer, S. (orgs). *Política, cidade, educação: itinerários de Walter Benjamin* (pp. 259-278). Rio de Janeiro: Contraponto.

Pessoa, F. (2011). *Antologia poética* (9. edição). (W. Ayala, org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Piccinin, F. (2009). O narrador benjaminiano na mídia contemporânea: notas sobre o documentário “Nós que aqui estamos, por vós esperamos”. *Sessões do Imaginário*, (22), 60-67. Retirado 20 de junho de 2016, a partir de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/6473/4703>.

Programa Fantástico. Globo Comunicações e Participações S.A. (produtor executivo). (2012, Programa de 19 de fevereiro). Reportagem: *Veja as dicas para preservar a memória e turbinar o cérebro* [Programa de televisão]. Rio de Janeiro: TV Globo.

Quintana, M. *Para viver com poesia* (2. edição). São Paulo: Globo.

Resistir é preciso. (s.d.). *A imprensa da resistência*. Retirado 12 de dezembro de 2016, a partir de <http://resistirepreciso.org.br/>

Ricoeur, P. (1977). *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1965).

Rose, N. (2008). Psicologia como uma ciência social. *Psicologia & Sociedade*, 20 (2), 155-164. Retirado 20 de dezembro de 2015, a partir de <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822008000200002>.

Rouanet, S. P. (2003). *Interrogações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

_____. (2008). *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin* (3. edição). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Roudinesco, E. (2016). *Freud: na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 2014).

_____. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1997).

Salztrager, R. (2014). A memória entre intensidade e representação. *Tempo Psicanalítico*, 46 (2), 365-380. Retirado 20 de outubro de 2016, a partir de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010148382014000200012&lng=pt&tlng=pt.

_____. & Herzog, R. (2013). A clivagem psíquica e o paralelismo discursivo na clínica psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16 (4), 570-583. Retirado 20 de outubro de 2016, a partir de <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142013000400006>.

Santos, L. B. (2008). Sobre a memória em Freud: uma introdução. *Língua, Literatura e Ensino*, (3), 491-497. Retirado 20 de dezembro de 2015, a partir de <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/article/view/113>.

Saramago, J. (1997). *Cadernos de Lanzaroti II*. São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1997).

Seligmann-Silva, M. O. (2006). A escritura da memória: mostrar palavras e narrar imagens. *Remate de Males*, 26 (1), 31-45. Retirado 01 de novembro de 2015, a partir de <http://dx.doi.org/10.20396/remate.v26i1.8636053>.

_____. (2008). Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, 20 (1), 65-82. Retirado 03 de maio de 2017, a partir de <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652008000100005>.

Serres, M. (2013). *Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Original publicado em 2012).

Severiano, M. F. V. (2010). “Lógica do mercado” e “lógica do desejo”: reflexões críticas sobre a sociedade de consumo contemporânea a partir da Escola de Frankfurt. In: Soares, J. C. (organizador). *Escola de Frankfurt: inquietudes da razão e da emoção* (pp. 121-141). Rio de Janeiro: Eduerj.

_____. & Estramiana, J. L. A. (2006). *Consumo, narcisismo e identidades contemporâneas: uma análise psicossocial*. Rio de Janeiro: Eduerj.

Sibilia, P. (2016a). EU *atual* e a subjetividade instantânea. In: _____. *O show do eu: a intimidade como espetáculo* (2. edição, pp. 153-193). Rio de Janeiro: Contraponto.

_____. (2016b). EU *espetacular* e a gestão de si como uma marca. In: _____. *O show do eu: a intimidade como espetáculo* (2. edição, pp. 345-356). Rio de Janeiro: Contraponto.

Strachey, J. (1996). Prefácio do editor inglês ao projeto para uma psicologia científica. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 333-345). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1950).

Szifron, D. (diretor). (2014). *Relatos selvagens* [filme-DVD]. Buenos Aires, Argentina: El Deseo & Kramer-Sigman.

Travassos, M. L. (2009). *Estética do choque – arte e política em Walter Benjamin* (Dissertação de Mestrado). Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

Trevizan, R. D. (2014). *As potências da memória: experiência, trauma e contemporaneidade* (Dissertação de Mestrado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR.

World memory championships. (2016). *World memory sports council*. Retirado 28 de outubro de 2016, a partir de www.americanpetproducts.org/

Zavaroni, D. M. L., Viana, T. C. & Celes, L. A. M. (2007). A constituição do infantil na obra de Freud. *Estudos de Psicologia*, 12 (1), 65-70. Retirado 12 de dezembro de 2016, a partir de <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2007000100008>.